

**Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama,
Lisboa**

Filipe Alexandre Santos Oliveira

**Dissertação
de Mestrado em Arqueologia**

Filipe Alexandre Santos Oliveira
Espólio de Idade Moderna,
proveniente do Beco das Barrelas,
Alfama, Lisboa
Setembro 2012

Setembro, 2012

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação de Mestrado é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação de Mestrado se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Lisboa, de de

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Rosa Varela Gomes, Professora Auxiliar do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

ESPÓLIO DE IDADE MODERNA, PROVENIENTE DO BECO DAS BARRELAS, ALFAMA, LISBOA

Filipe Alexandre Santos Oliveira

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Idade Moderna, Alfama, habitação

Estudo do processo evolutivo de um arqueossítio em Alfama, Lisboa, do final do século XVI à segunda metade do século XVIII. A transformação de espaço aberto a estrutura habitacional, através da análise da sua cultura material

ABSTRACT

KEYWORDS: Modern Age, Alfama, habitation

Study of the evolution of an archaeological site in Alfama, Lisbon from the end of the sixteenth to the second half of the eighteenth century. The transformation from an open-space to a residential structure through the analyses of its material culture.

Aos meus pais

À Sónia

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof. Doutora Rosa Varela Gomes pelo tremendo esforço e paciência que dedica a todas as dissertações e trabalhos que orienta, das quais esta é apenas um exemplo, e acima de tudo pelo contínuo trabalho que efectuou nas áreas de Arqueologia Medieval e Moderna, e sobretudo dentro da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, sem o qual uma geração de profissionais de arqueologia, na qual me insiro, não existiria.

Ao Professor Rodrigo Banha da Silva, que me deu a possibilidade de estudar este arqueossítio, que comigo discutiu o tema, e que muito influenciou a minha evolução como profissional de arqueologia, devo um grande agradecimento.

Envio um obrigado a um grande conjunto de pessoas, infelizmente grande demais para referir na totalidade, mas que incluem colegas de faculdade e profissão, profissionais de arquivos e bibliotecários, que contribuíram, em alguma medida, para a execução deste trabalho. Destaco o Mestre Vasco Vieira, que participou nos trabalhos arqueológicos promovidos no arqueossítio, tendo produzido um trabalho de licenciatura sobre o assunto, e com o qual tive várias conversas que contribuíram para a execução da dissertação, e ao qual devo as fotografias usadas neste trabalho.

Aos meus pais, um grande agradecimento pelo apoio que sempre me deram, e orientação que me proporcionaram – mesmo quando decidi enveredar por uma área que aos olhos do público geral não é muito promissora. Agradeço sobretudo a paciência que demonstraram nesta última fase da minha formação profissional.

À Sónia Brochado dirijo um grande obrigado pela ajuda que me prestou durante a produção desta dissertação, quer em termos práticos, produzindo alguns dos desenhos aqui apresentados, como psicológicos proporcionando uma companhia nos momentos mais frustrantes ou complicados.

ÍNDICE

Lista de abreviaturas

Introdução 1

Capítulo I – O Beco das Barrelas, Alfama 3

I.1 - Localização 3

I.2 - Problemática do Sítio 10

I.3 - Metodologia 12

I.3.1 - Estruturas e estratigrafia 12

I.3.2 - A Intervenção arqueológica 14

I.3.3 - Espólios – classificação tipológica 18

I.3.4 - Técnicas de análise de espólios - organização 24

Capítulo II – Contexto Histórico e Enquadramento Científico 26

II.1 - Portugal e a Europa 26

II.1.1 - Política e Economia. 26

II.2 - Portugal. 28

II.3 - Lisboa da Idade Moderna. 31

II.4 - Enquadramento científico – a Arqueologia urbana. 33

Capítulo III – Estudo de espólios 37

III.1 - I momento 38

III.1.2 - Paralelos. 51

III.1.3 - Síntese 54

III.2 - II momento. 56

III.2.1 - Paralelos 73

III.2.2 - Síntese 76

III.3 - III momento	78
III.3.1 - Paralelos	90
III.3.2 - Síntese	92
III.4 - IV momento.	94
III.4.1 - Paralelos	124
III.4.2 - Síntese	129
Considerações Finais	134
Bibliografia	140
Apêndice A: Lista de Figuras	147
Apêndice B: Lista de Gráficos	150
Apêndice C: Inventário	151
Apêndice D: Planos de Escavação	187

Lista de abreviaturas

BUL – Biblioteca Universitária de Leiden

CML – Câmara Municipal de Lisboa

FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

IPA – Instituto Português de Arqueologia

IPPAR – Instituto Português do Património Arqueológico e Architectónico

IPPC – Instituto Português do Património Cultural

PDM – Plano de Desenvolvimento Municipal

UPA – Unidade de Projecto de Alfama

Introdução

A nossa ligação à arqueologia em espaço urbano desenvolveu-se no decorrer do estágio prático da Licenciatura de Arqueologia, durante o qual participámos em várias intervenções arqueológicas na área de Alfama, Lisboa, e entre as quais se inclui a do Beco das Barrelas. Embora durante os trabalhos tenhamos sido expostos a elementos específicos do conjunto material, que nos suscitaram curiosidade face ao local, ainda não havíamos definido as nossas prioridades e áreas de interesse.

Foi apenas quando o Prof. Rodrigo Banha da Silva, um dos responsáveis pela intervenção, sugeriu que estudássemos inicialmente apenas um conjunto específico de materiais, e mais tarde todo o arqueossítio, no âmbito da tese de Mestrado, que considerámos que seria uma excelente oportunidade de seguir uma linha de interesse, a Arqueologia Urbana de Idade Moderna, para a qual havíamos despertado durante a nossa colaboração nos trabalhos arqueológicos no Convento de Santana, campanha de 2009/2010, coordenada pela Prof. Doutora Rosa Varela Gomes.

O estudo foi também motivado pela curiosidade que sentíamos pela Idade Moderna (1498-1789), vista como o zénite económico-cultural de Portugal, quando a sua posição como principal intermediário entre o Extremo-Oriente e o Ocidente, ou a exploração de vários dos seus domínios coloniais motivou um crescimento económico que se materializou em grandes projectos de desenvolvimento da sua capital, e em melhorias no quotidiano das suas comunidades.

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos principais. O primeiro é dedicado à definição da área que envolve o arqueossítio, das problemáticas a ele inerentes, e das metodologias que serão aplicadas no seu estudo. De seguida, no segundo capítulo, produzimos um relato conciso do contexto histórico em que o arqueossítio se insere, focando-nos nas relações externas de Portugal durante a Idade Moderna, na realidade política, económica e social do reino e, por último, na história da cidade de Lisboa, nomeadamente as suas fases de desenvolvimento urbano. O terceiro capítulo é dedicado ao estudo da cultura material, de acordo com a evolução cronológica do próprio espaço.

Nas considerações finais procuramos recuperar a informação obtida através do estudo dos vários espólios presentes no conjunto, a sua associação com o processo evolutivo do arqueossítio, assim como a ligação com a conjuntura histórica, tendo como objectivo apresentar algumas conclusões relativas ao contexto em análise e, como último ponto, compreender a sua natureza.

O último elemento é a bibliografia consultada, que procuramos ser o mais completa e abrangente para permitir a obtenção de paralelos culturais para o espólio estudado.

Esta dissertação procura assim abordar um caso de estudo específico, a evolução ocupacional de um espaço habitacional na área de Alfama, durante a Idade Moderna, através do estudo dos espólios nele contidos e a sua associação com as estruturas presentes, assim gerando um modelo do desenvolvimento da estruturação interna dos arrabaldes lisboetas e do modus vivendi das comunidades que neles habitavam e das formas como as várias alterações sentidas na grande conjuntura do reino podem, ou não, ser observadas no pequeno contexto.

Capítulo I – O Beco das Barrelas, Alfama

I.1 - Localização

O arqueossítio que nos propomos a estudar situa-se no edifício nº.8 da rua denominada por Beco das Barrelas, situado no largo de São Rafael, e pertencente à freguesia de S. Miguel de Alfama, em Lisboa, estando de momento ocupado por um edifício de quatro andares (fig.1), uma construção pós-terramoto que segue modelo comum às habitações da zona.

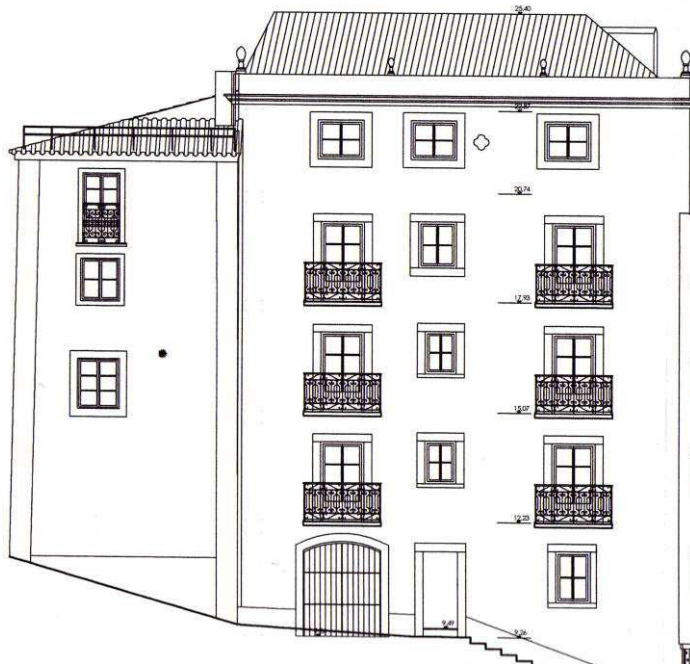


Fig.1. – Alçado actual do edificado, beco das Barrelas nº8, Largo de S. Rafael, face ocidental (fonte UPA).

Actualmente o largo (fig.2) mostra uma rede de ruas e edifícios de habitação formando uma malha urbana intrincada e complexa, que contrasta com a ortogonalidade de outros espaços lisboetas, como a Baixa, e entre a qual se destacam várias estruturas histórica, como a Torre de São Pedro, o chafariz no Beco das Lavadeiras e, mais a sul, o Chafariz Del-Rey.



Fig. 2. – Vista actual da área, e da localização do arqueossítio (via Google Earth

Ao observar algumas reproduções iconográficas de Idade Moderna, pudemos notar a evolução do largo de S. Rafael e, em particular, deste arqueossítio. Escolhemos três casos, cada um apresentando visões distintas do espaço e sua envolvência. O primeiro e mais antigo será o desenho da BUL (fig.3), produzido em cerca de 1570, baseado nas descrições de Damião de Góis da cidade de Lisboa (GARCIA, 2009, pp.53-55), onde foi reproduzida um vista desta a partir do rio Tejo. O desenho é muito pormenorizado, tendo todos os edifícios e estruturas de destaque sido devidamente identificados, como a Sé, a Alfândega-Nova e, de particular interesse para este trabalho, o Chafariz Del-Rey e a Torre de São Pedro, junto às quais é possível identificar a área do arqueossítio – possivelmente já ocupada por um pequeno edifício de dois pisos.

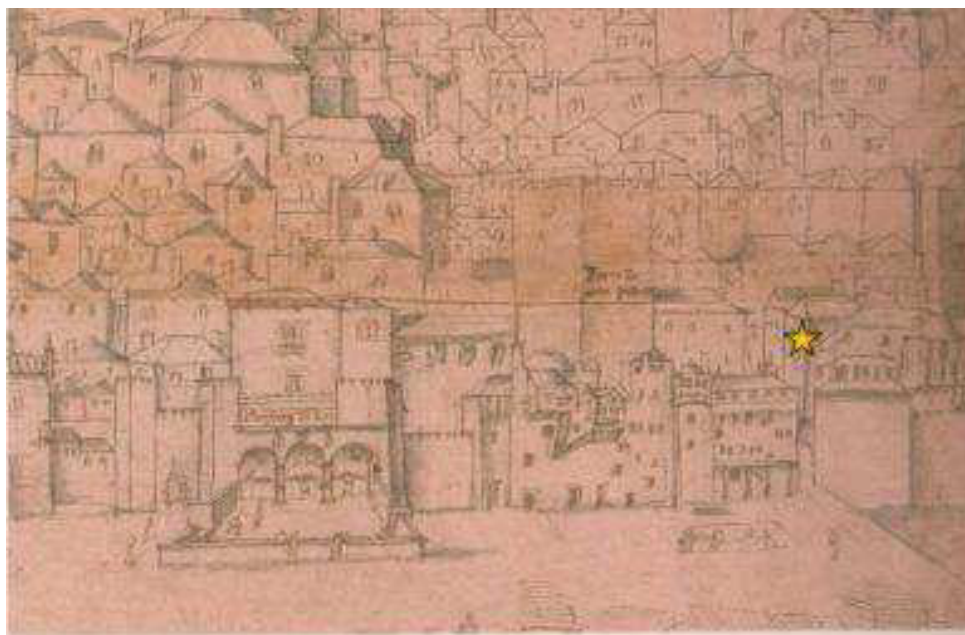


Fig.3. – Pormenor do Desenho da BUL, c.1570, baseado em descrições de Damião de Góis. Destaque do Chafariz de Dentro e da Torre de São Pedro (GARCIA, J.M. 2009).

A segunda fonte iconográfica é a gravura de Georg Braunius (fig.4), supostamente publicada em 1598, mas talvez baseado num desenho de 1565 (Ibidem, 2009, p.58), no qual é possível observar uma vista, semelhante à anterior, da cidade de Lisboa desenvolvendo-se a partir do Tejo, sendo também destacados e identificados os principais edifícios da cidade. O nosso interesse nesta gravura advém de um pormenor da representação, onde é possível observar o Chafariz de El-Rey, a Torre de S. Pedro e próximo a esta, o arqueossítio, junto ao qual é possível notar uma área aberta.



Fig.4. – Pormenor da gravura de Georg Braunius, com a representação, à direita e ao centro, do chafariz Del Rey, da Torre de S.Pedro, e de um agregado de edifícios onde se localiza o arqueossítio (SILVA, A. Vieira da, 1987).

O terceiro exemplar é o Mapa de Tinoco (fig.5), de 1650, produzido durante o mapear da malha urbana de Lisboa, sobre a orientação do Coronel Tinoco (Ibidem, 2009, pp.72-73). O mapa reflecte a intrincada rede de ruas e edifícios da cidade, não apresentando, ao contrário do caso anterior, o cariz monumental dos grandes edifícios que a dominam. A leitura que pudemos fazer deste recurso é como tal mais pormenorizada, permitindo-nos definir o espaço envolvente com maior detalhe. A proximidade do arqueossítio ao Chafariz Del-Rey e à Torre de S. Pedro é confirmada, acrescentando-se a presença da Igreja de São Pedro, actualmente desaparecida.

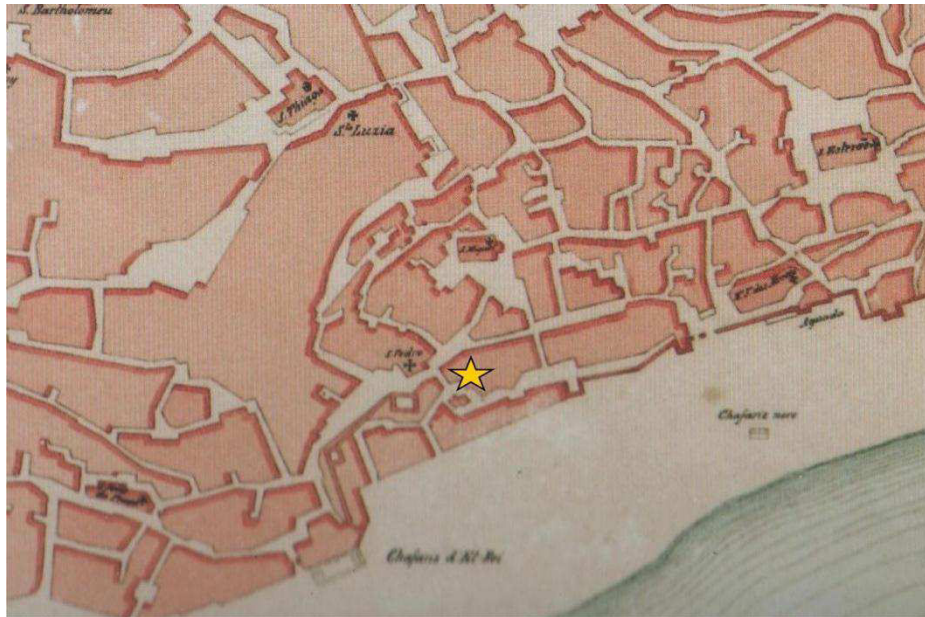


Fig.5. – Mapa Tinoco (1650) – pormenor o Beco das Barrelas (n.º.8) e área envolvente (GARCIA, J.M. 2009).

Também as fontes escritas nos apresentam dados que ajudam a compor a nossa imagem do espaço. Assim, num censo datado de 1758, o pároco da freguesia de S. Miguel de Alfama produz uma breve, mas algo detalhada, descrição da área e dos seus habitantes. Começa por descrever a geografia e a malha urbana da freguesia apontando que “Esta fundada em huma rua baixa ou valle não totalmente direito com becos muito estreitos e alguns costa ariba pelo que não dá lugar lugar a grandes edifícios pois tudo são casas pequenas [...]” passando depois aos que lá habitam. “Tem seiscentos e sessenta e seis fogos e pessoas, duas mil e trezentas e oito, de inferior qualidade, porque a maior parte são homens de ganhar e por isso uns anos por outros há diferença respectiva ao número, por não terem domicílio permanente“ sendo estes uma parte dos 869 fogos e cerca de 30429 habitantes referidos no censo como compoendo o total da população da freguesia.

Às informações obtidas através destas fontes históricas, acrescentamos aquelas que advêm das observações do espaço, por vários olisipógrafos, os quais dão grande enfoque aos elementos limitadores, de onde se destacam os sistemas defensivos.

A Cerca Moura (fig.6), assentando as suas bases sobre a muralha romana, seria a estrutura defensiva que protegia a cidade aquando da sua conquista pelo reino de Portugal em 1147. O seu traçado pode ainda ser observado em muitos sítios da rede

urbana de Alfama, nomeadamente no Pátio da Sr.^a. de Murça (SILVA, 1987, pp.163-164), junto à antiga porta de S. João da Praça e formando grande parte do emparedamento sul da Cadeia do Limoeiro. Uma secção de muralha projectada do troço principal, e que termina na “Torre de São João” (Ibidem, 1987, p.160) ou a “de Alfama” é o elemento mais setentrional deste conjunto defensivo, e permitia criar um ângulo de tiro directo para a Porta de Alfama. A reclusão imposta a este local terá sido uma das razões para a localização ali da “Judiaria Pequena de Alfama” isolada assim da urbe como ditava a lei, mas ainda próxima do sistema defensivo.

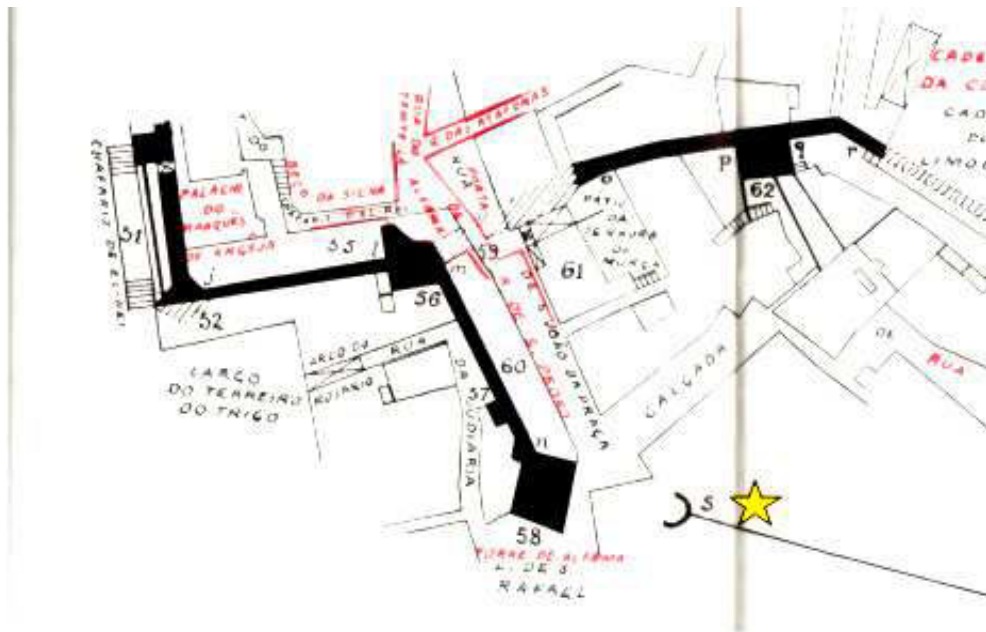


Fig.6. – Pormenor do traçado da “Cerca Moura”, e a sua relação com o arqueossítio (SILVA, A. Vieira da, 1987).

A construção da muralha fernandina (fig.7) seguiu um traçado diferente, com um pano de muralha mais próximo da zona ribeirinha, acabando por encerrar a área da Judiaria entre os panos da muralha. Tal como na Cerca Moura, muito do seu alçado foi conservado nos vários prédios que formam a rua do Terreiro do Trigo (Ibidem, 1987, p.108), que se juntava a Este à torre Ocidental do Largo de Chafariz de Dentro, uma torre oca, hoje transformada numa habitação, para Oeste desenvolvia-se até se unir, supostamente, à Torre de Alfama, embora Augusto Vieira da Silva reconheça que não existem os vestígios necessários para comprovar tal teoria, refere que Fernão Lopes o diz na sua “Chronica do Senhor Rei D. Fernando” (Ibidem, 1987, pp.117-118).

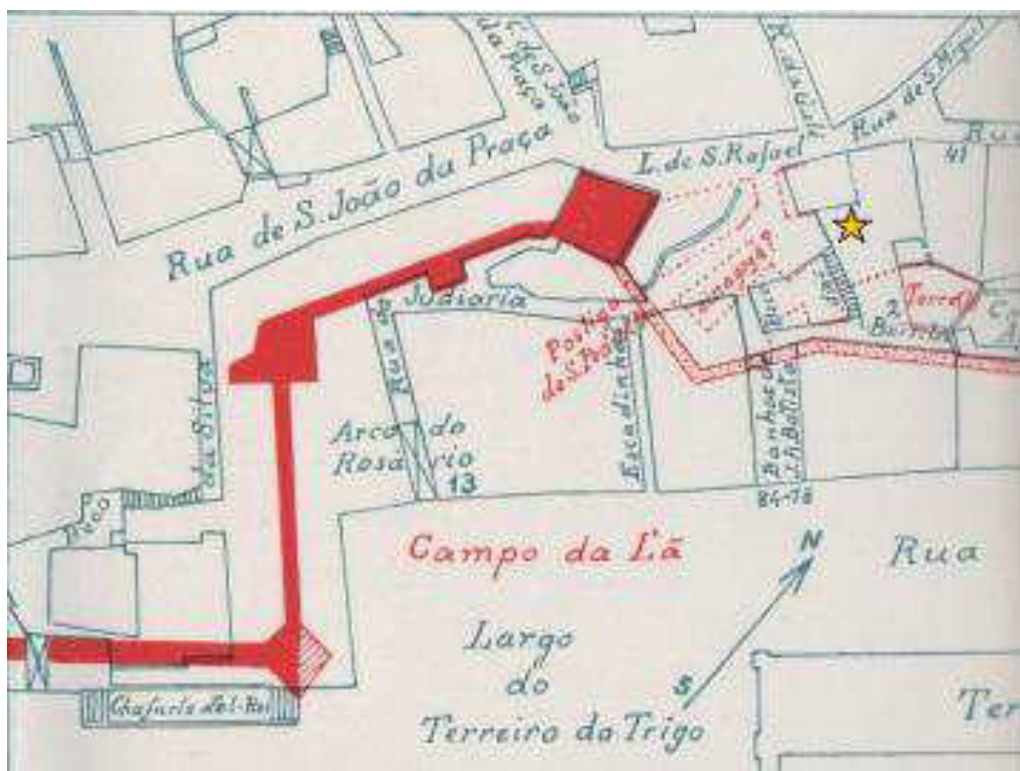


Fig.7. – Pormenor do traçado da “Cerca Fernandina”, e a sua relação com o arqueossítio, mostra localização hipotética da sinagoga (SILVA, A. Vieira da, 1987).

O espaço do Beco das Barrelas em si, que se desenvolve a partir do largo de S. Rafael, e terminaria num torreão, de que agora não existem vestígios, é referido por A. Vieira da Silva como sendo denominado Beco das Lavadeiras (Ibidem, 1987, p.113), por ter, até 1868, um tanque usado pelas lavadeiras locais – o qual ainda existe, estando, no entanto, interdito a uso público.

I.2 – Problemática do Sítio

O arqueossítio, como foi possível perceber no capítulo anterior, situa-se numa área de longa história, cercada por vários marcos de Lisboa, como os dois mais antigos processos de amuralhamento da cidade, e alguns dos chafarizes que a abasteciam de água, nomeadamente o “Del Rey” e o de “Dentro”. Sendo uma zona histórica de Lisboa, todo o património, conhecido ou por recuperar, está protegido por um conjunto de leis e protocolos. No caso específico do S. Miguel de Alfama, o PDM e vários projectos de conservação e investigação promovidos pela CML através do Gabinete de Arqueologia, de que um exemplo o “Projecto do Chafariz de Dentro”, asseguram a execução das intervenções arqueológicas.

Acrescendo à importância da área da Freguesia de São Miguel de Alfama como zona histórica, advém o facto de nela ter funcionado durante os finais da Medievalidade e inícios da Modernidade a “Judaria Pequena de Alfama”, situação ainda cristalizada numa das suas ruas, denominada Rua da Judaria, que liga o Beco das Barrelas ao Largo do Terreiro do Trigo. Como já referimos, o traçado da “Cerca Moura” impunha uma situação de exclusão a este arrabalde, que se via encurralado a Norte pela cidade fortificada e a Sul pelo Tejo, o que poderá ter condicionado a sua ocupação pela comunidade judaica da cidade, que assim se afastava do resto da população, como era a norma, mas mantinha-se perto da protecção do sistema defensivo, em específico da Torre de Alfama. A formação da Judaria neste local terá sido reforçada com a construção de uma sinagoga, supostamente no local do arqueossítio, em 1373 (Ibidem, 1987, pp.162-163), sendo já referida em relatos dos ataques à judaria perpetrados pelas tropas castelhanas de Henrique II no decorrer da Guerras Fernandinas (SCHWARTZ, 1953, p.59). No entanto, a casa de culto foi mandada encerrar por D. Fernando, por não ter sido feito requerimento à coroa para a sua construção e pela sua proximidade com a Igreja de S. Pedro, à qual “perturbava” os ritos, levando a queixas por parte da congregação.

As hipóteses do espaço do Beco das Barrelas ter, em tempos, sido ocupado pelo dito templo foram desenvolvidas por alguns autores (SCHWARTZ, 1953, pp.60-61 e SILVA, 1987, pp.120-121) baseando-se para isso num conjunto de medidas obtidas por A. Vieira da Silva, em documentos datados do século XVI que descreviam

pormenorizadamente as dimensões do edificado. Um dos autores descreve ainda o estado do edificado no momento da sua visita, na década de 50 do século XX, referindo a presença de “[...] *uma carvoeira sem pavimento, ou seja de pavimento térreo [...]*”.

Existia assim um grande interesse na intervenção deste espaço por forma a verificar se o edifício continha vestígios de ter sido ocupado pelo templo, ou por elementos da comunidade judaica no geral. Como tal, em 2005 o espaço foi alvo de uma pequena intervenção durante a qual foram abertas três sondagens em diferentes pontos da área habitacional, de forma aos arqueólogos poderem obter uma imagem do potencial estratigráfico do local. Foi só no ano de 2009 que uma intervenção mais profunda e pormenorizada foi promovida no local, com a abertura de uma grande área de trabalho que juntou duas das anteriores sondagens abertas em 2005. Aquando da realização desta dissertação a área restante do arqueossítio, situada a SE do local por nós estudado, foi intervencionada na sequência da reactivação das obras de reconstrução do imóvel. A intervenção foi executada pela Dra. Cristina Nozes e pelo Dr. Pedro Miranda, tendo eles exposto um grande pavimento em tijoleira, com c. 9 metros quadrados, exibindo uma mó ao centro, para sustentar uma viga de madeira, o qual estava soterrado por vários metros de entulho datados do terramoto de 1755. Este espaço exibia uma clara ligação com o caso por nós estudado, estando a ele ligado por uma porta, e exibindo uma ligeira diferença nas cotas do pavimento (c.5 a 8 cm) de acordo com a inclinação natural do terreno.

I.3 - Metodologia

I.3.1 - Estruturas e estratigrafia

A intervenção do Beco das Barrelas, ocorrida de Fevereiro a Setembro de 2009, apresentava as principais características e problemáticas comuns à prática da arqueologia urbana, como a sua localização numa área de grande diacronia ocupacional, marcada por complexa estratigrafia, à qual se associam factores externos, como a constante pressão dos habitantes locais que, por vezes, veem os trabalhos arqueológicos como um obstáculo a algumas das suas actividades diárias. Os trabalhos permitiram a exposição de diferentes vestígios referentes a várias presenças humanas neste espaço, desde estruturas, como calçadas, pavimentos de tijoleira, tabiques e silos, junto com grandes quantidades de vestígios materiais, predominando as cerâmicas.

A intervenção arqueológica foi desenvolvida segundo as noções de escavação em “open-area”, seguindo as bases metodológicas defendidas por Phillip A. Barker e Edward C. Harris, adaptadas às especificidades do arqueossítio. O espaço foi sujeito a quadriculação, adaptada ao espaço do edificado, definindo-se áreas de trabalho, de forma a facilitar o registo das unidades estratigráficas, estruturas e artefactos, através de desenho de campo e fotografia.

A estratigrafia, devido à sua importância para a compreensão da evolução cronológica do sítio, foi organizada durante o processo de escavação, em unidades estratigráficas, (u.e.), sendo numeradas enquanto eram expostas, procedendo-se posteriormente à sua ordenação cronológica, e a sua representação em Matriz de Harris (fig.8). As unidades estratigráficas incorporam unidades sedimentares ou argilosas, reflexo de processos de acumulação de detritos ou sedimentos, que podem ser lentos (naturais) ou rápidos (humanos), mas também estruturas, como pavimentos ou muros.

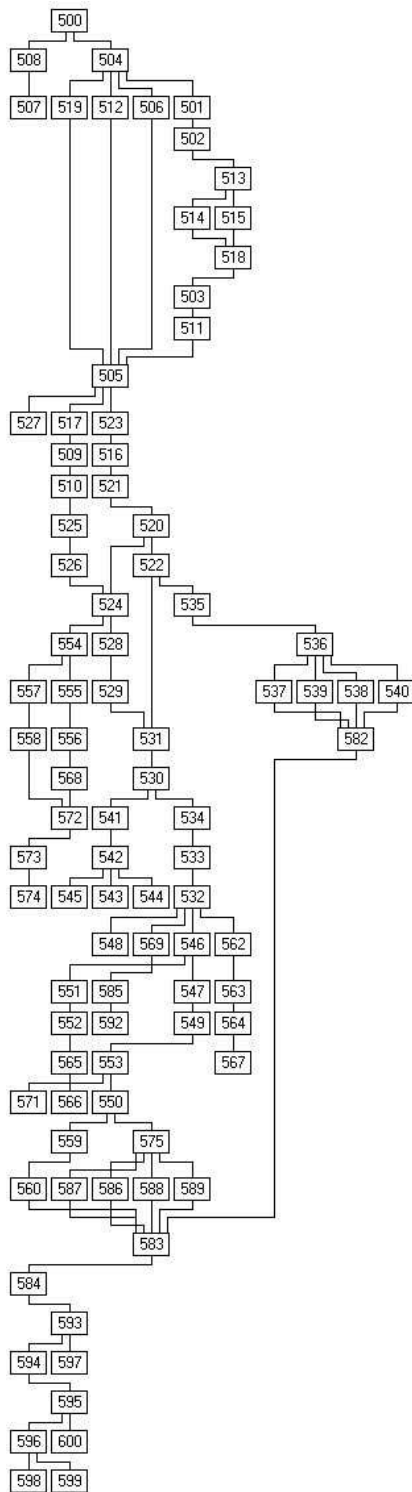


Fig.8. – Matriz de Harris do arqueossítio “Beco das Barrelas”.

Durante a intervenção foram expostos vestígios, estruturais e materiais, representativos das várias ocupações. O extracto geológico, atingido a cerca de 3m de profundidade, apresentava vários silos escavados, entulhados com materiais de Período Medieval Muçulmano, desactivados e entulhados durante a Idade Média, quando o

espaço foi ocupado por um edifício, apenas representado por um muro desactivado, e que não apresenta relação com a ocupação de Idade Moderna, exibindo orientação distinta, e soterrado por várias camadas sedimentares sobre as quais se encontrava a ocupação por nós estudada. Ocupações posteriores foram também identificadas através de materiais e estruturas de Período Industrial e Contemporâneo, associadas ao edifício actual. Todo este espólio foi devidamente recuperado e identificado, mas não será tratado no decorrer deste trabalho, focando-nos apenas naquele associado à Modernidade.

I.3.2 – A intervenção arqueológica

Consideramos conveniente produzir uma breve descrição da evolução dos trabalhos arqueológicos, com referência às principais estruturas e unidades estratigráficas descobertas, e incluir estes elementos na organização adoptada neste trabalho. Devido à complexidade do registo estratigráfico procuramos ordená-lo em quatro grandes conjuntos ou momentos, associados às diferentes fases de ocupação do espaço, durante a Idade Moderna. Cronologicamente, o primeiro será datado dos finais do século XVI até ao primeiro quartel do século XVII, seguido de um momento que perdura até meados do mesmo século. O terceiro momento ocupa a segunda metade do século XVII e talvez os inícios do século XVIII, e a última fase termina na segunda metade do século XVIII.

Os trabalhos iniciaram-se com a remoção do pavimento em cimento, ao qual estavam associados vários vestígios das últimas ocupações daquele espaço, já em pleno século XX, nomeadamente os restos de uma estrutura de planta rectangular [503], com 1.52X0.88m, aberta no pavimento e formada por tijolos consolidados por argamassa e cimento, possivelmente um poço de garagem usado para aceder à área inferior de veículos e, ainda, alguns elementos do que podem estar associados a uma escadaria no canto sul da sondagem [507], [508] e [509] (vd. Plano 1).

O prosseguir dos trabalhos levou à exposição dos primeiros vestígios do edificado que em tempos ali existiu, como o tabique [522] e a calçada [523], esta última muito fragmentada (vd.Plano 2) e que assentava sobre duas camadas de entulhos, as unidades [524] e [528] (vd. Plano 3 e 4), associados ao quarto momento. A realidade selada pelo entulhamento mostrava uma habitação com um soalho de madeira, estando os negativos do travejamento presentes na u.e. [533], fig.9, o qual se restringia ao espaço a sul do tabique [522] (vd. Plano 5). Começou ainda a ser definido um compartimento de pequenas dimensões, c. 1.60X0.60m, associado a uma área de armazenamento, e denominado durante os trabalhos de Armário, na secção NO da área intervencionada, definido a Este pelo tabique [522] e a Sul por monólito de dimensões médias, identificado com um patim de escada (vd. Plano 6).



Fig.9. – Vista dos negativos do travejamento do soalho [533], marcados na U.E. de assentamento do mesmo – U.E [531] – e a sua relação com os tabiques (Foto: Vasco Vieira).

Esta realidade assentava directamente sobre níveis de destruição, identificados por grandes concentrações de cinza, como a u.e. [529] junto dos negativos de travejamento, dentro da despensa na forma da u.e. [555], sobre a Tijoleira [530] no canto Sul – u.e. [534], e por vários exemplos de estuques queimados.

A continuação dos trabalhos permitiu a identificação do terceiro momento, marcado por um segundo nível de calçada em seixo de basalto, o [532], fig.10, o qual cobria toda a área encontrando-se furado pela estrutura [503] (vd. Plano 6). O tabique já referido, o [522] assentaria directamente sobre esta, sendo agora exposto outro, o [551], este último presente sob uma escadaria (identificada pelos negativos dos degraus em madeira, conservados nos estuques da parede), e definindo a área interna do Armário, o qual foi totalmente escavado neste momento. No seu interior foi encontrado um primeiro pavimento de tijoleira disposto em espinha, contemporâneo da calçada [532] sobre uma cama de argamassas. No canto Sul, a Tijoleira [530] igualmente articulada com a calçada, apresenta-se definida pelo tabique [541] – que no momento da escavação foi vista como outro possível espaço de armazenamento, mas que nunca foi comprovado devido à destruição do espaço durante a construção do edifício actual.



Fig.10. – Vista do pavimento [532] mostrando os tabiques, e a despensa debaixo das escadas
(Foto: Vasco Vieira).

A remoção do pavimento [532] levou à exposição de outro produzido com argila, o segundo momento ocupacional, fragmentos materiais e terra batida, a u.e. [583]. Sobre este haviam sido colocadas várias mós desactivadas ou fragmentos destas (vd. Plano 9). O patim das escadas, fig.11, a u.e. [546], foi totalmente exposto nesta

fase, representando assim provavelmente o momento em que estas foram construídas, e dado a este espaço um segundo piso.



Fig.11. – Patim das escadas, e negativo do primeiro degrau de madeira marcado no estuque da parede (Foto: Vasco Vieira).

O momento final, fig.12, para os propósitos deste trabalho, inicia-se com exposição do pavimento [584] (vd. Plano 10), o qual apresentava uma ligeira vala de escoamento central, sendo muito certamente uma área aberta. Destaca-se já nesta fase o uso de vários fragmentos de mó durante a produção da calçada, um possível subproduto, e indicativo das actividades desenvolvidas nas proximidades. A calçada em si assentava sob uma cama de argamassas, pedra e fragmentos cerâmicos.



Fig.12. – Vista do pavimento [584] onde se pode observar a vala de escoamento, ao centro, e o patim das escadas (Foto: Vasco Vieira).

I.3.3 – Espólios – Classificação tipológica

I.3.3.1 – Proveniência dos artefactos

O estudo dos materiais exumados será a principal ferramenta para a caracterização das vivências daqueles que habitaram no local, e as suas diversas interações com outras entidades que eventualmente lá deixaram um testemunho passageiro. A análise dos vários espólios será organizada em função dos distintos momentos de ocupação do arqueossítio e consoante a sua natureza e tipologia.

Os recipientes cerâmicos, apresentando-se [como] a amostra mais numerosa, e também o [tira “o”] principal registo arqueológicos [arqueológico] das actividades e necessidades diárias de uma comunidade, serão alvo de destaque, sendo organizados cronológica e tipologicamente, e [em seguida] devidamente estudados. Outros artefactos, nomeadamente o espólio azulejar, vítreo metálico e algumas produções específicas como os cachimbos de grês serão alvo de organização e estudo semelhantes.

I.3.3.2 – Definição das tipologias

Apresenta-se como pertinente apresentar as definições das várias formas segundo o autor, permitindo assim uma compreensão das suas noções.

Cerâmica

No presente estudo procuramos definir as tipologias de acordo com paralelos contemporâneos, baseando-nos na terminologia definida previamente noutros trabalhos arqueológicos (GOMES, Rosa Varela, 2002).

Formas:

1.Loiça de Mesa

Taça – peça de forma aberta, com corpo de forma hemiesférica, sub-hemisférica ou troncocónica, pode apresentar carena ligeira ou acentuada, assentando sobre pé anelar alto ou fundo plano, algo convexo. São peças de cariz multifuncional, com diferentes dimensões.

Apresentam diversos acabamentos ou decorações em ambas as superfícies, podendo ser vidradas, esmaltadas, engobadas e brunidas, exibindo igualmente pintura.

Prato – forma aberta, com corpo troncocónico ou hemisférico, de paredes baixas, assente em fundo plano ou pé anelar baixo, exibindo bordo sub-horizontal largo.

Peça multifuncional, podendo ser utilizada para servir a comida à mesa, ou para consumir directamente dela.

Copo – peça de forma troncocónica, paredes altas, assente em fundo plano ou pé anelar.

Púcaro – peça de pequenas dimensões, de corpo globular, troncocónico ou sub-cilíndrico, por vezes apresentando carena, exibindo bordo alto e vertical, assente em fundo plano ou algo convexo. Pode apresentar uma ou duas asas, opostas, partindo do bordo e terminado na área mesial da peça. São peças de servir líquidos à mesa, ou para os consumir directamente dela.

Apresentam as superfícies da cor da pasta, esmaltadas, brunidas, vidradas ou pintadas.

Jarro – peça de forma fechada com corpo globular ou ovóide, de gargalo alto e fundo, assentando em fundo plano, algo convexo ou anelar. Por vezes o bordo apresenta um bico ou formato trilobulado. Exibe asa que arranca do bordo até à área mesial da peça.

É um contentor de líquidos de dimensões variáveis.

Garrafa – peça de corpo globular ou ovóide, de gargalo alto e estreito, assentando em fundo plano ou pé anelar. Pode apresentar uma asa, que se inicia na área mesial do gargalo, e termina na área mesial do corpo.

Caneca – peça de corpo ovóide, de gargalo alto, assente em pé anelar baixo. Pode apresentar uma asa, que se inicia na área mesial do gargalo, e termina na área mesial do corpo. Usada para o consumo de líquidos.

2.Loiça de Cozinha

Alguidar – recipiente aberto, de forma troncocónica ou sub-cilíndrica, com paredes algo oblíquas, assentes em fundo plano. Apresenta espessura variável, superior no bordo e fundo. É uma peça multifuncional, usada para conter alimentos, sólidos e líquidos, e funções sanitárias, como a lavagem de louças.

Frigideira – forma aberta, de forma troncocónica, de paredes baixas e algo inclinadas, assentando em fundo plano ou um pouco convexo. Apresenta dimensões variáveis, tendo como função a de frigar os alimentos ao lume.

Tacho – peça de forma troncocónica, larga e baixa, com paredes pouco inclinadas, assenta em fundo plano ou algo convexo. Exibe por vezes asas opostas, que unem o bordo ao corpo ou fundo da peça. É uma peça de dimensões variáveis, usada na cozinha para o confeccionar de alimentos.

Panela – forma fechada, de corpo globular ou ovóide, mais ou menos achatado, sob base plana, algo convexa. Apresenta duas asas opostas, que arrancam do bordo e terminam na área mesial do corpo.

Peça usada na preparação de alimentos, podendo ser acompanhada de um testo.

3. Armazenamento

Cântaro – recipiente de forma fechada, de corpo globular ou ovóide alongado, com gargalo alto, e assente em fundo plano. Exibe duas asas altas, opostas, que arrancam do fundo do gargalo e terminam na área mesial do corpo. É um recipiente que servia para armazenar grandes quantidades de líquidos, e permitir o seu transporte.

Pote – peça de forma fechada, corpo globular ou ovóide, por vezes achatado, assente em fundo plano ou algo convexo. Apresenta gargalo curto do qual arrancam duas ou quatro asas, opostas, que terminam na área mesial do corpo. Serve para conter líquidos.

4. Contentores de Fogo

Fogareiro – peça com fornalha, de forma cilíndrica ou troncocónica, e com fundo plano e corpo cilíndrico e troncocónico. A parede comum ao corpo e à fornalha apresenta perfurações circulares. A boca da fornalha é semicircular ou sub-triangular. Pode apresentar suportes horizontais no seu interior que permitiam o uso de grelhas.

5. Objectos dedicados a outras actividades

Vaso de quarto – forma fechada, com bordo em aba recta, com lábio de perfil semicircular, encimando corpo cilíndrico assente em fundo plano.

Apresenta as superfícies vidradas.

Cachimbos – peça com fornalha de forma cilíndrica ou oval, podendo esta exibir um pedúnculo inferior, e apresentando longa haste de secção semicircular, terminando em boquilha.

6. Cerâmica industrial.

Azulejo - elemento arquitectónico de forma quadrangular ou paralelepédica, de pequena espessura.

I.3.3.3 – Pastas e acabamentos de superfície

Aquando da descrição do espólio cerâmico, tomamos como pasta a substância argilosa que foi usada como base na sua produção, juntamente com outros componentes nomeadamente minerais que aumentavam a resistência e impermeabilidade destas, sendo que sua classificação deriva do nível da sua composição, a sua homogeneidade e da sua compactação.

As pastas contêm, para além da sua argila base, um conjunto de elementos não plásticos (E.N.P.) cuja presença pode ser propositada ou acidental, sendo que estes promovem uma maior consistência dos barros ou melhoram a sua impermeabilidade, podendo assim o seu uso adequado pelo oleiro, servir para o melhorar das qualidades intrínsecas da peça.

I.3.3.4 – Tipos de Cozedura

O método de cozedura das peças cerâmicas pode ser averiguado através da observação da peça em secção, nomeadamente em áreas fracturadas, sendo o conhecimento do método de cozedura por vezes determinante na compreensão do âmbito geográfico ou cultural de que uma peça é proveniente.

Alterações na tonalidade e natureza das pastas ocorrem quando os recipientes são levados ao forno, onde sofrem processos químicos, sendo o mais comum ligado aos níveis de oxigénio presente na câmara do forno. A sua ausência, devido ao selar da câmara, produz um ambiente rico em carbono, o que atribui à pasta das peças uma tonalidade escura, normalmente acinzentada. Ambientes ricos em oxigénio, alimentados via aberturas nas paredes do forno ou no seu topo, produzem uma cozedura oxidante, na qual as peças ficam com uma tonalidade vermelha ou laranja na sua pasta. Existem ainda processos mistos destes tipos de cozedura, que resultam da manipulação da presença de oxigénio durante a cozedura com recurso às aberturas existentes no forno.

A descrição das cerâmicas abarca ainda as características da sua superfície, nomeadamente tipos de acabamento e tratamento de superfície.

I.3.3.5 – Acabamentos de superfície

Engobe – aplicação de uma preparação aquosa, associada a um corante, formando-se um composto espesso que pode ser aplicado sobre a peça, total ou parcialmente.

Vidrado – uso de óxidos alcalinos, que vitrificam quando expostos a altas temperaturas, aplicados total ou parcialmente, formando camadas espessas ou transparentes. Ao juntar óxidos com capacidades corantes, define-se as tonalidades das superfícies da peça.

É usado para impermeabilizar certas peças, ou com função decorativa.

Esmalte – cobertura opaca, maioritariamente de tonalidade branca, mas por vezes colorida, obtida através da aplicação de óxido alcalino de estanho, sobre peças engobadas.

I.3.3.5. –Decoração produzida sobre a pasta

Canelura – decoração que advém do uso pelo oleiro dos dedos ou de um objecto contundente para marcar a superfície da peça, durante o momento da sua produção, com a pasta ainda fresca. Pode surgir isolada ou em baterias, preenchendo a totalidade da peça ou apenas porções, normalmente a área do colo ou a área superior do corpo.

Incisão – decoração produzida com um objecto aguçado sobre a pasta fresca da peça, seguindo um padrão linear ou ondulado. Podem surgir isoladas, ou várias paralelas, verticais e horizontais, entre o bordo e o gargalo, este e o corpo, ou separando a metade superior do corpo da inferior.

Estampilhagem – uso de uma estampilha, ou seja uma matriz previamente produzida num carimbo, via gravação, o qual pode apresentar uma superfície plana ou cilíndrica. Os motivos presentes são variados, podendo ser fitomórficos, geométricos, figurativos, entre outros.

Decoração Plástica – aplicação de elementos plásticos, produzidos manualmente ou via molde, sobre a peça quando esta ainda está fresca. Pode apresentar motivos fitomórficos, geométricos, entre outros.

Brunido – decoração produzida através do tratamento, por abrasão, da superfície ainda fresca da peça com um objecto que apresente uma superfície lisa, como um seixo ou uma espátula de osso ou madeira. Após a cozedura a peça apresenta uma superfície polida e brilhante.

Pintura – uso de óxidos diluídos em água, e aplicados sobre a pasta com recurso a um pincel. Apresentam várias tonalidades como branco, vermelho, azul, verde, amarelo, preto, castanho, e variações destas.

I.3.4 – Técnicas de análise dos Espólios – organização

O conjunto material recuperado durante os trabalhos arqueológicos foi organizado e estudado posteriormente, em laboratório, para permitir a execução deste estudo. Os espólios cerâmicos e vítreos foram sujeitos a lavagem, colagem e marcação, sendo os metais, devido às especificidades do suporte, apenas limpos e marcados. Os ecofactos, nomeadamente os restos de fauna mamalógica, ornitológica, piscícola e malacológica, não foram estudados, por falta de qualificações académicas, tendo sido armazenados com vista a permitir estudos futuros, realizados por distintos especialistas.

Todos os materiais foram inventariados (vd. Inventário), consoante a sua natureza e as unidades estratigráficas a que estavam associadas, e aos momentos de ocupação em que se inseriam, sendo posteriormente os mais relevantes registados através de desenho arqueológico, seguindo os preceitos adoptados na Licenciatura de Arqueologia da FCSH-UNL, ou seja, a sua reprodução em desenho manual e realista.

A análise dos materiais foi produzida através do estudo físico das várias peças, mediante a sua observação e o registo das medições, em milímetros, e as tonalidades das pastas definidas com recurso ao Munsell Soil Color Charts 2002 Edition, tendo estes dados depois sido processados e comparados com informações obtidas através da leitura de múltiplos trabalhos de arqueologia, teses e publicações, presentes em bibliotecas e arquivos de museus, de forma a se obterem paralelos para as nossas tipologias.

Capítulo II - Contextualização Histórica e Enquadramento Científico

O estudo da cultura material como fonte de informação para o entendimento da actividade humana apresenta-se insuficiente se não for inserido no grande conjunto de acontecimentos históricos. Assim, num período temporal onde os estados exibem economias complexas, com intrincados contactos mercantis, apresenta-se necessário não só conhecer o funcionamento interno da sociedade em questão como as múltiplas ligações políticas e comerciais. No caso em estudo, procuraremos produzir um olhar conciso sobre as conjunturas externa e interna do reino de Portugal, procurando assim criar as bases que nos ajudem a interpretar e explicar alguma da cultura material proveniente do arqueossítio.

A produção de conhecimento científico é uma actividade contínua, com os novos estudos a assentarem sobre os outros que lhes precederam, construindo-se uma nova história quer através do reforço como de oposição face a antigas teorias. Devido à importância de toda a produção arqueológica sobre o tema da Lisboa Moderna, e mais especificamente na primeira metade do século XVIII, procuraremos apresentar uma ideia de todo o trabalho produzido ao longo dos anos, por múltiplos arqueólogos e historiadores, e aos quais recorreremos ao longo desta dissertação.

II.1 – Portugal e a Europa

A compreensão da super-estrutura económica, política e cultural na qual Portugal se insere é fulcral para entender a evolução das suas comunidades. Como tal, tentaremos criar um relato conciso da posição que o reino ocupava no contexto das potências europeias, dos desafios e ameaças que tinha de enfrentar, e das suas respostas políticas e económicas a estes, para criar uma visão conjuntural a partir da qual possamos entender o objecto do nosso estudo.

O século XVII viu a formação dos primeiros vestígios do futuro domínio europeu do mundo, à medida que a consolidação interna dos principais reinos centro europeus lhes permitia finalmente acompanhar as coroas Ibéricas na exploração de territórios ultramarinos na Ásia e no Novo Mundo. Esta alteração das circunstâncias levou a uma maior correspondência comercial com as várias entidades políticas da fachada euro-atlântica (MENESES, 2001, p.315) com as similitudes económicas que passaram a apresentar, nomeadamente na exploração dos mesmos produtos coloniais, a prejudicarem a posição do reino como fornecedor destes às comunidades e indústrias das metrópoles europeias.

Aquando da Restauração, a conjuntura anteriormente citada tornou clara a incapacidade do reino de apresentar os mesmos recursos que os seus oponentes e assim enfrentar a competição externa, tendo a coroa procurado colocar em prática um conjunto de medidas e políticas que fomentaram uma posição passiva (Ibidem, 2001, pp.152-153), a qual vai marcar a sua relação com outras nações europeias e afectar a população portuguesa e a sua cultura material.

De entre os principais parceiros comerciais de Portugal durante este período destacam-se a Inglaterra, a Holanda e a Espanha, de entre os quais predominam os dois primeiros.

Os séculos XVII-XVIII viram a ascensão da Inglaterra como principal parceiro económico do reino, no entanto, a relação entre as duas entidades rapidamente assume contornos desiguais, com a subordinação portuguesa ao ímpeto comercial inglês a apresenta-se como uma resposta às várias necessidades do reino, onde se destacam o encontrar parceiros políticos e económicos fortes que lhe permitissem manter-se ausente e neutro face aos vários conflitos europeus. De igual modo, Inglaterra encontrava benefícios em se ligar a Portugal, um parceiro comercial excelente, onde um cenário de especialização agrícola acompanhado por uma recuperação colonial proporcionava um mercado de produtos primários, e cuja clara estagnação manufactureira criava um palco perfeito para o absorver da crescente produção da economia inglesa. Gerou-se assim uma situação marcada pelo forte fluxo comercial entre as duas entidades, onde a exportação de produtos primários e produções oriundas do ultramar, contrabalançavam a carência de víveres como cereais e produtos industriais, a qual era respondida pela absorção da produção britânica (Ibidem, 2001, pp.168-169). Esta relação de dependência económica foi cristalizada pelo fracasso das medidas de fomento

manufactureiro do Conde da Ericeira, e pela assinatura do tratado de Metheun, em 1703, e reforçada pela afluência de ouro, proveniente dos territórios brasileiros, a partir da primeira metade do século XVIII (Ibidem, 2001, pp.315-316).

A Holanda, tendo sido um dos principais participantes no declínio do império ultramarino português, foi um dos alvos da política diplomática portuguesa a partir da Restauração, à medida que a Coroa procurava pôr fim à rapina e saque dos seus territórios, os quais eram juridicamente baseados nos conflitos entre os Países Baixos e a Coroa Ibérica Unificada, tendo no entanto existindo tensões entre ambas as nações até ao século XVIII (MENESES, 2001, pp.171-172). Economicamente, as relações de Portugal com a Holanda eram, tal como nos outros casos anteriormente citados, de exportação de bens primários em troca de produtos transformados ou manufacturados, dos quais se pode distinguir o sal, do qual os Países Baixos eram o principal receptáculo, quer para consumo próprio quer com vista a venda a terceiros, em troca de produtos manufacturados (Ibidem, 2001, p.333).

Contrastando com o cariz fortemente industrial das importações dos dois primeiros parceiros, temos a Espanha (Ibidem, 2001, pp.334-335).

Nos meados do século XVIII encontramos assim Portugal como um dos elementos de uma rede político-económica centrada em torno do Atlântico, que liga os vários estados e as suas possessões ultramarinas num intenso tráfico comercial, onde este se apresenta como um mercado receptor de produções industriais, tendo como principais exportações alguns produtos primários oriundos da metrópole, mas focando-se sobretudo no fornecimento para as nações industrializadas de produtos primários coloniais.

II.2 – Portugal

A sociedade portuguesa do século XVIII apresenta as características específicas do Antigo Regime, alicerçando o sistema hierárquico no princípio do direito, ou seja da

representatividade perante a Lei. Deparamo-nos assim com uma estrutura piramidal onde o número de pessoas é inversamente proporcional à posse de privilégios e benefícios perante a lei.

No topo desta sociedade estava o monarca, líder militar e político do reino, do qual todo o Direito emanava, e em nome do qual se despendia a justiça. Dele também provinha o principal elemento estruturante desta sociedade, o privilégio, que podia surgir na forma de isenções de impostos e serviços, na ascensão a cargos de poder, entre outros, e cuja posse era o principal elemento que dividia a sociedade moderna portuguesa em dois grandes grupos, os privilegiados e os não-privilegiados (RODRIGUES, 2001, p.424). Para o auxiliar na governação, o rei rodeia-se de figuras e organismos entre os quais se destacam a Corte, da qual emanam os indivíduos que ocupam os cargos palatinos, de administração central, militar e ultramarina (LOURENÇO, 2001, p.37), mas também o Conselho de Estado, composto por membros do alto clero e nobreza, e a partir da segunda metade do reinado de D. João V, as Secretarias de Estado, das quais vão surgir indivíduos como o Cardeal Mota, e posteriormente de Sebastião de Carvalho e Melo (Ibidem, 2001, pp.48-49).

A nobreza e o clero, as duas ordens privilegiadas, demarcam-se pelo seu peso na governação e economia do reino. A primeira, baseando o seu poder no controlo de terras e comunidades que explora de forma a produzir dividendos, os quais usa na obtenção de objectos de luxo ou na prática de actividades que lhe atribuem status e a distinguem das ordens que domina (RODRIGUES, 2001, p.422). O clero destaca-se pela sua relativa autonomia do poder real, sendo regido por um direito próprio e estando isento do cumprimento de obrigações militares e fiscais. Apresenta vasto património, no Reino e colónias, dos quais retiram grandes dividendos, ao mesmo tempo que o controlo de certas instituições, como a Medicina e a Educação, por grupos como os Jesuítas, lhes granjeava uma posição importante na sociedade portuguesa (Ibidem, 2001, pp.421-422).

O Terceiro estado, formando a base da população portuguesa, demarca-se pela complexidade da sua composição, sendo o elemento que os liga a sua exclusão face aos privilégios, realidade reforçada na “lei dos tratamentos” por D. João V (Ibidem, 2001, p.424). Esta situação é expressa na formação do “Estado do Meio”, fruto do desenvolvimento da alta e média burguesia, que encontrava nos reinos e impérios burocráticos da Idade Moderna um bom meio para florescer e ascender socialmente, através da obtenção de riqueza, atingindo patamares de poder semelhantes aos das duas

classes privilegiadas embora nunca se lhes equiparando em termos de estatuto e privilégio (Ibidem, 2001, p.408). Pertencente também ao terceiro estado, mas formando os seus estratos mais baixos, está a grande massa humana que não apresentava grandes possessões, desempenhando uma miríade de profissões e recorrendo à venda da sua força de trabalho para sobreviver (Ibidem, 2001, pp.437-438). Não exibindo noções de grupo, a sua identidade era definida pelos ofícios, organizados em várias associações consoante a sua profissão, apresentando as suas próprias regras e hierarquias (Ibidem, 2001, p.436).

O seguinte retrato da economia completa o quadro descritivo do reino durante a modernidade. Desde o século XV foi desenvolvendo uma natureza eminentemente colonial, à medida que os territórios ultramarinos portugueses desempenhavam um papel cada vez mais central. A reduzida dimensão e prosperidade da metrópole tinham desde o início da expansão portuguesa levado à subalternização da produção nacional face àquelas oriundas de outras regiões, num primeiro momento a Índia e o Extremo Oriente, e depois o Brasil. Esta situação provocava ainda fortes disparidades de desenvolvimento regional e sectorial. Durante o período em questão, observamos uma evolução económica centrada nas regiões em torno dos grandes polos urbanos de Lisboa e Porto, e mesmo nestas uma evolução muito parcelar, centrada no comércio ligado às produções coloniais, em detrimento de outras actividades produtivas como a agricultura ou a indústria manufactureira, as quais, como já referimos anteriormente, eram incapazes de competir com as produções importadas, em parte devido às várias concessões comerciais que o reino tinha de oferecer a outras nações europeias de forma a criar mercados para as suas exportações (SERRÃO, 2001, p.67).

Encontramos assim um claro enfoque económico num conjunto de produções que se apresentavam viáveis para exportação, em detrimento daquelas que não eram lucrativas ou que se demonstravam incapazes de competir com as importações. Podemos assim destacar a produção vinícola nacional, a qual foi alvo desse investimento, aproveitando-se da clara carência produtiva de vários dos parceiros comerciais do reino, nomeadamente na Europa do Norte. O tratado de Methuen (1703) é um exemplo das políticas e prioridades económicas de Portugal nos inícios do século XVIII, sendo que sacrifica os esforços de desenvolvimento da indústria dos lanifícios, em prol de facilidades na exportação de vinhos para Inglaterra.

Como já referimos, o comércio ultramarino tornou-se na principal fonte de ganhos do império sobretudo desde os finais do século XV e XVI, à medida que a economia portuguesa vai adoptando um cariz primário, com vista ao abastecimento de outros mercados europeus, mais industrializados (Ibidem, 2001, p.89). O Oriente, a peça central do comércio português durante os séculos XV-XVI e ainda primeira metade do XVII, encontrava-se aquando do período em estudo em clara decadência, devido ao já referido assédio de outros europeus e de alguns estados asiáticos. A perda de competitividade dos portugueses no Índico acabou por gerar uma alteração nos pólos comerciais dos territórios ultramarinos, com o Atlântico a ganhar cada vez maior preponderância como palco desse tráfego comercial, centrado nas várias produções brasileiras que Portugal exportava para o palco europeu, sobretudo o açúcar, com grande procura desde finais do XVI, mas também de outras, como o tabaco e o pau-brasil, e ainda no comércio de mão-de-obra escrava oriundo de vários territórios africanos (Ibidem, 2001, p.90).

Em suma, Portugal era uma nação economicamente instável, apresentando uma grande dependência das suas colónias para obter ganhos comerciais e dos seus parceiros europeus para abastecer os seus mercados.

II.3 – Lisboa da Idade Moderna

A cidade de Lisboa, capital do reino e do império, apresenta uma longa e complexa história e evolução, mas por questões práticas vamos apenas focarmo-nos no período histórico abordado neste trabalho.

Nos inícios do século XVI, a maioria da sua área mostrava uma malha urbana complexa, de cariz claramente medieval, com ruas sinuosas e por vezes apertadas, com casos de ocupação de espaço público por entidades particulares (OLIVAL, 2011, p.250), reflexo do reduzido interesse do poder real no controlo do seu crescimento e organização, que se mantinha centrado no Castelo de S.Jorge e logo afastado do centro económico e social da cidade.

As mudanças neste padrão surgiram no reinado de D. Manuel, que foi marcado por importantes mudanças na organização da cidade, como a transferência do poder político para junto do Tejo (FRANÇA, 2009, p.129) de forma a assegurar um maior controlo do importante comércio desenvolvido em Lisboa, até então em torno do ouro da Mina, mas ao qual agora se associava o das especiarias e outros produtos oriundos do Oriente, que a coroa procurava taxar. A construção do Palácio da Ribeira levou também à reestruturação da área circundante, com a execução de um conjunto de reformas físicas na malha urbana do centro económico da cidade, nomeadamente na área ribeirinha, sendo repavimentadas algumas ruas, ou criadas outras como a rua nova dos mercadores, procurando-se assim assegurar uma área de comunicação contínua no centro mercantil de Lisboa (Ibidem, 2009, pp.129-130).

Outro momento de desenvolvimento da cidade, este também associado a uma período de grande enriquecimento da coroa portuguesa, foi o reinado de D. João V, aquando a exploração dos territórios brasileiros pela sua riqueza mineira e agrícola. Estes permitiram ao monarca ordenar um conjunto de projectos que tinham como propósito o organizar do crescimento da malha urbana e o seu embelezamento, através de construções religiosas ou palacianas, demonstrando o seu poder económico e político. Muito importante para esta renovação foi, em 1718, a renovação das plantas cartográficas da cidade, inalteradas desde as produzidas por Tinoco em 1650, pelo coronel-engenheiro Manuel da Maia (Ibidem, 2009, p.332), as quais permitiram o planear e desenvolver de projectos de renovação da metrópole, como por exemplo a reconstrução de grandes segmentos da área ribeirinha, em vários casos já em ruínas, facilitando o desenvolvimento económico desta área, juntamente com um melhorar da qualidade de vida das comunidades aí residentes (Ibidem, 2009, p.334). No entanto, o principal contributo desta política de renovação foi aquele que é considerado como o pico da engenharia joanina, o Aqueduto das Águas-Livres (Ibidem, 2009, pp.335-336), cuja construção se iniciou em 1731, tendo este gigantesco projecto construtivo beneficiado amplamente da riqueza obtida através da exploração do ouro brasileiro, e colmatado um dos principais problemas da capital, o abastecimento de água, ao mesmo tempo que espelhava o poder e capacidade da monarquia (SERRÃO, 2001, pp.594-595).

O último grande período de renovação da capital portuguesa durante a Idade Moderna baseou-se não no capricho ou na iniciativa política, mas sim num fenómeno

natural, o terramoto de 1 de Novembro de 1755, que criou o palco perfeito para o modificar da malha urbana, pois permitiu o reconstruir da cidade e não o simples renovar ou reparar a que alguns dos anteriores momentos se haviam limitado, e é claro, numa escala totalmente diferente.

Foi Sebastião José de Carvalho e Melo que procurou reinventar a cidade de Lisboa, aproveitando a destruição, para a reedificar segundo os modelos da época, impondo uma lógica de ordem à malha urbana da cidade de Lisboa (Ibidem, 2009, p.368), de que é o principal exemplo a Baixa Pombalina, com a sua planta ortogonal, orientada segundo um eixo básico – a rua Augusta – que termina numa grande e imponente praça aberta, o Terreiro do Paço. O projecto de reconstrução da cidade permitiu ainda uma adaptação do espaço às necessidades sentidas na época, para as quais a planta sinuosa e irregular da Lisboa pré-terramoto não estava preparada. Assim, as ruas foram alargadas, tendo em conta a movimentação de veículos, mas resguardando um espaço para os peões (Ibidem, 2009, p.370), de forma a assegurar a fácil mobilidade ao longo da cidade, afastando-se assim da natureza labiríntica da antiga Lisboa, ao mesmo tempo que procurava criar rápidos meios de resposta em caso de outra catástrofe atingir a cidade. O problema constante de lidar com os despejos e lixos foi igualmente tratado com a colocação de cloacas nas ruas principais, estando depois ligados a sistemas de escoamento mais amplos (Ibidem, 2009, p.358). A própria definição do modelo de edificado residencial a ser adoptado em grandes áreas da cidade (Ibidem, 2009, p.370) demonstra como o poder central procurava atribuir a esta área urbana um aspecto padronizado e ordenado, criando assim um panorama arquitectónico uniformizado apenas quebrado pelas manifestações de poder real, que marcavam a monotonia típica do emaranhado urbano com grandes espaços abertos como a praça do Rossio e Terreiro do Paço, que muitas vezes apresentavam grandes fontes ou imponentes estátua, como a de D. José, ou de grandes edifícios como o Palácio da Ribeira ou a Alfândega.

Os vários momentos acima referidos, de construção e remodelação da malha urbana de Lisboa durante a Idade Moderna, contribuíram para o definir do quotidiano dos seus habitantes, marcando profundamente a sua vida através do desenvolvimento das suas estruturas e equipamentos, de que são exemplo o pavimentar das ruas, a criação de sistemas de escoamento de águas e detritos, e a construção de redes de distribuição de água e chafarizes, os quais permitiram o melhorar da qualidade de vida daqueles que

nela habitavam, a qual tem obrigatoriamente um reflexo no seu espaço habitacional – do qual estudaremos um exemplar ao longo desta dissertação.

II.4.- Enquadramento Científico - Arqueologia Urbana em Lisboa

A prolongada ocupação humana do espaço onde hoje se situa a cidade de Lisboa, juntamente com a noção de capitalidade que lhes está inerente, tornaram-na num dos principais pólos de intervenções e estudos históricos e arqueológicos do país. Num primeiro momento, em muito associado à destruição produzida pelo Terramoto de 1755 (FABIÃO, 1994, p.149-150) a recolha de vestígios e informação sobre a Lisboa “Antiga” esteve nas mãos de curiosos e antiquários, prática que prosseguiu durante o século XIX com vários eruditos a produzirem trabalhos sobre a cidade. A criação de gabinetes de estudos olisiponenses desenvolveu este fenómeno, promovendo alguma coordenação nestes esforços (LEMOS, 2002. p.247) sendo muito importantes num período em que não existiam organismos estatais que o assegurassem.

A prática arqueológica na cidade de Lisboa sofreu um importante desenvolvimento na década de 60 do século XX, quando os trabalhos de construção do metropolitano de Lisboa, nomeadamente da estação do Rossio, obrigaram à execução de escavações de emergência e salvaguarda, na praça D. Pedro IV e da Figueira (LEMOS, 2002. p.247). A já referida falta de um organismo estatal que supervisionasse e conjugasse esforços foi colmatada pelas acções de Irisalva Moita que, representando o Museu da Cidade, conduziu um conjunto de intervenções ao longo da capital, das quais há que destacar a partir de 1960 a escavação do Hospital Real de Todos os Santos, que proporcionou vários dados para a compreensão dos espólios da Lisboa Moderna. Apesar de ter promovido ainda outras duas importantes intervenções, a da Praça da Figueira e do Teatro Romano, Irisalva Moita não representou a formação de um conceito claro de arqueologia urbana na cidade de Lisboa, à falta de um organismo central que coordenasse os diversos esforços (LEMOS, 2002. p.247-248).

Os anos 80 viram a criação do IPPC, dotado de um Departamento de Arqueologia que funcionou como organismo coordenador da prática arqueológica. Em 1981 ocorreu uma das escavações mais importantes na cidade de Lisboa, a intervenção na Casa dos Bicos (LEMOS, 2002. p.248), que devido à sua localização numa das zonas com mais longa ocupação na cidade, provou ser um forte contributo para o reconhecimento da evolução ocupacional da cidade de Lisboa.

A década de 90 foi marcada pelo desenvolvimento da prática arqueológica, em parte devido aos diversos tratados e convenções que o Estado português assinou como a Convenção para a Protecção do Património Arqueológico, em Malta, em 1992, que defendiam a introdução de políticas de defesa e promoção do património histórico, com destaque para o arqueológico. A inclusão da arqueologia no PDM, em 1994, (SILVA, 2005, p.4) criou os protocolos necessários para assegurar que a actividade arqueológica se tornava a norma em espaço urbano de cariz histórico. Alguns anos mais tarde, a criação do IPA (1997-2007) como órgão tutelar da Arqueologia em Portugal foi um momento decisivo, tendo reforçado a posição da prática junto da sociedade e servindo de organismo de fiscalização da sua actividade. No entanto, e apesar dos progressos obtidos, nenhum destes elementos promoveu uma política específica para a Arqueologia Urbana, como o estudo completo e organizado da evolução das cidades vivas.

A multiplicação do número de empresas privadas que, juntamente com forças estatais e camarárias vão, sobretudo a partir dos finais dos anos 90, realizar as várias intervenções que ocorreram na cidade de Lisboa, agora mais numa lógica de arqueologia de acompanhamento ou preventiva e menos em situações de emergência, significou um acréscimo na informação obtida e estudos produzidos. A publicação dos resultados das intervenções e dos estudos daí resultantes também aumentaram com o surgimento de várias revistas arqueológicas, ligadas a empresas privadas, a Institutos ou Faculdades, o que resultou numa maior circulação de informação.

Contudo, e apesar da proliferação da prática arqueológica ter permitido intervir numa área muito superior da cidade, as diferenças entre os intervenientes, quer ao nível da metodologia, meios de trabalho e publicação e objectivos, significam que o conhecimento se mantém bastante parcelar (Ibidem, 2005, p.5-7). Por este motivo, os

grandes projectos continuam a ter um importante peso na busca pelo conhecimento, sendo exemplo disso a intervenção no Convento de Santana, situado no Campo dos Mártires da Pátria (GOMES, GOMES, 2007, pp.75-92). Ocorrida num primeiro momento ainda nos inícios do novo milénio, e tendo sido prosseguida já nos finais da primeira década, permitiu um aprofundar dos conhecimentos sobre os espólios associados à vida conventual junto à capital, durante o século XVIII.

A conjuntura observada actualmente na arqueologia urbana é assim muito semelhante à observada nos finais do século XX. Embora se tenham produzidos grandes avanços em termos de conhecimento, fruto de vários projectos de investigação e do esforço de múltiplos intervenientes, desde Faculdades, organismos estatais ou empresas privadas, estes esforços são por norma individualistas, não transparecendo para um quadro superior onde estas evoluções possam ser mapeadas de forma a obter-se um conhecimento mais completo do objecto de estudo – a História da cidade de Lisboa.

Capítulo III – Estudo dos materiais

O espólio cerâmico exumado durante os trabalhos arqueológicos no Beco das Barrelas totaliza cerca de 3000 fragmentos, dos quais cerca de 2000 foram estudados neste trabalho (vd. Inventário), estando em conformidade com as balizas cronológicas que propusemos. O seu estudo será organizado cronologicamente, de acordo com os momentos definidos no Capítulo I, e dentro destes segundo a sua tipologia, sendo dada primazia às produções finas.

O observar do conjunto permite-nos destacar o predomínio da cerâmica comum, compondo 62% de todo o material estudado, sendo o restante formado por vários materiais, nomeadamente cerâmica vidrada, faiança portuguesa, cerâmica manual, cerâmica esmaltada, porcelana chinesa, entre outros.

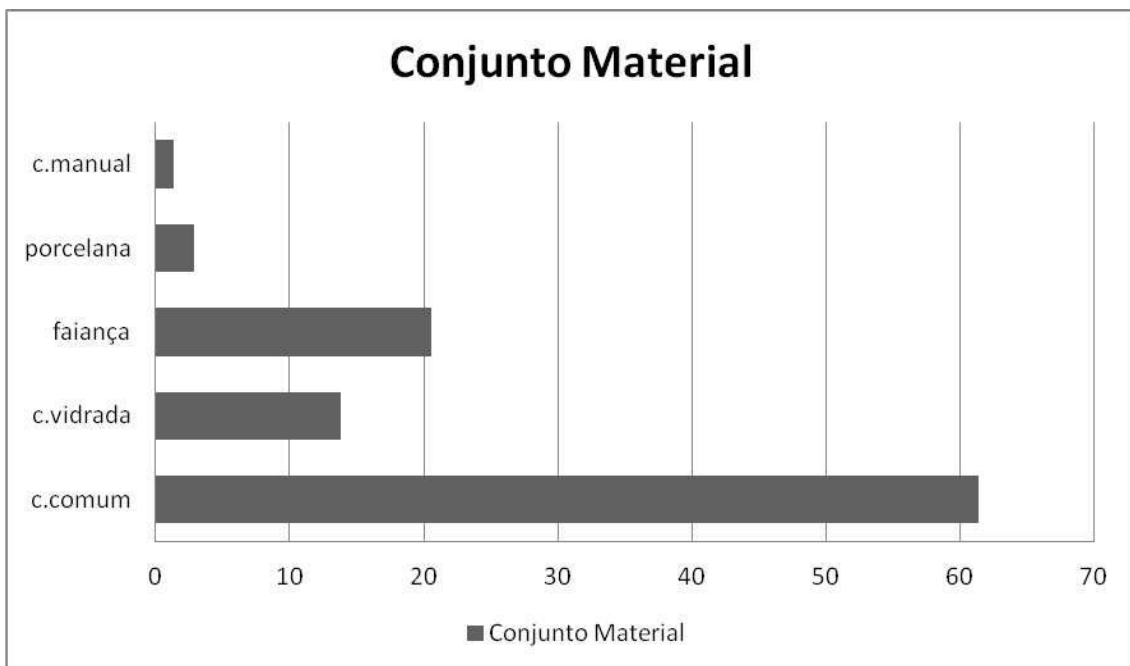


Gráfico 1. – A composição do conjunto material.

A dispersão dos vários materiais ao longo dos quatro grandes momentos estratigráficos, identificados com base na evolução da ocupação estrutural do arqueossítio, permitiu confirmar algumas das questões notadas durante os trabalhos arqueológicos, nomeadamente a presença de duas fases que congregam a maioria dos

materiais: o segundo momento, com 31.9% dos materiais recuperados, marcando o início da ocupação do espaço, e o quarto, de onde foram recuperados 43.8% dos materiais, associada ao entulhamento pós-terramoto na segunda metade do século XVIII. As restantes fases apresentam um peso mais reduzido, com a primeira contendo 10.5% e a terceira 13.8% do total, embora como veremos se destaquem pela sua composição.

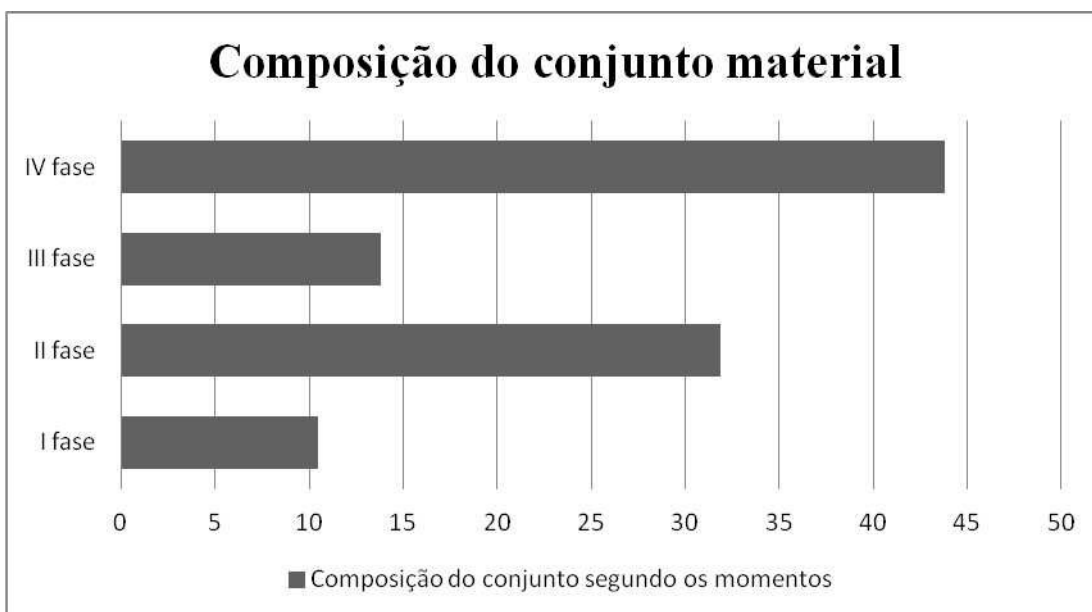


Gráfico 2. – A disposição do conjunto material segundo os quatro momentos.

III.1 - I momento

A composição material do primeiro momento apresenta algumas particularidades dentro do conjunto, destacando-se a percentagem de porcelana chinesa (12.8%), mais de metade daquela encontrada em todo o arqueossítio, sobrepondo-se aos fragmentos faiança portuguesa (11.9%) e cerâmica de superfícies vidradas (4.7%), sendo apenas ultrapassada pela cerâmica comum (70.6%).

A presença de um maior número de fragmentos de tipologia indeterminada ou indefinida no primeiro momento está estritamente relacionada com a natureza deste, onde o espólio, e especificamente a cerâmica comum, é proveniente de contextos de

despejos de lixos e de entulhamento do espaço para o assentar da calçada [584], surgindo muito fragmentado ou até rolado.

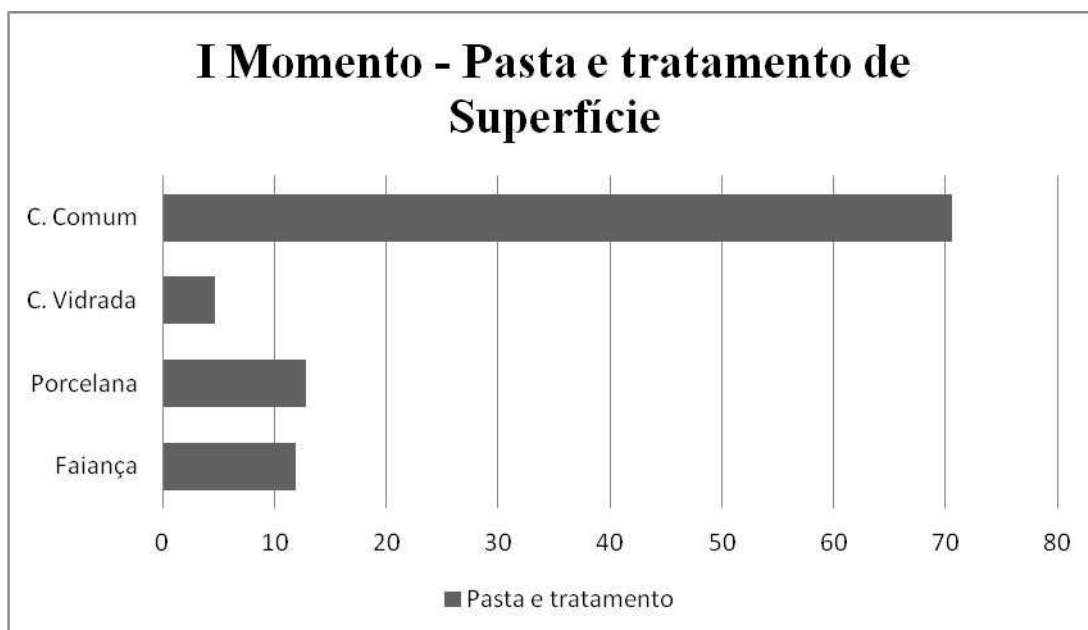


Gráfico 3. – Composição do I momento segundo as produções.

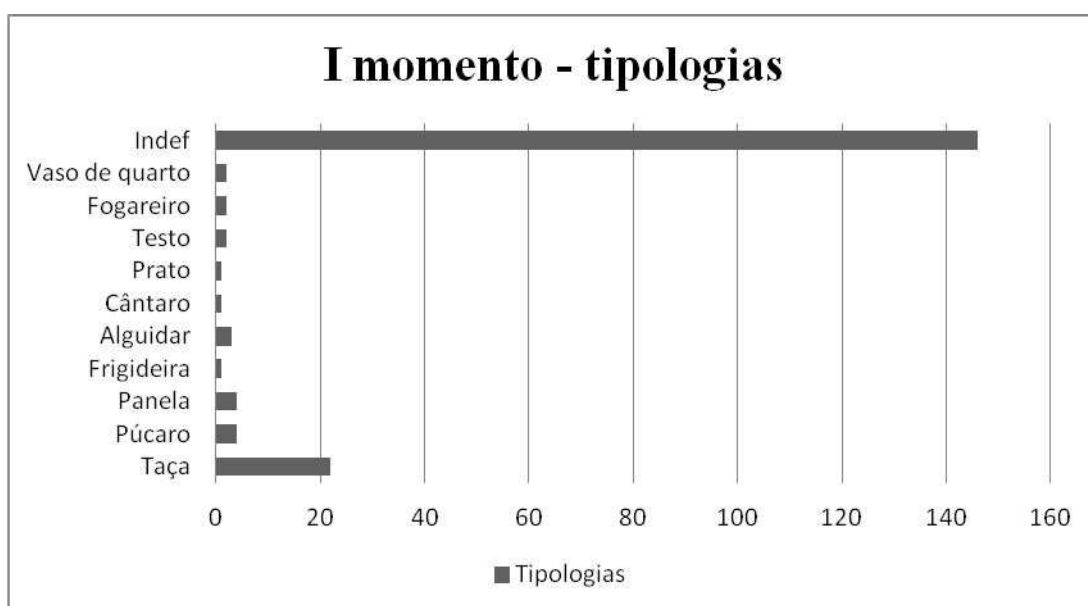


Gráfico 4. – composição tipológica do I momento

III.1.1 - Faiança

Taça (BBARR-08/09-2380) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo inclinado externamente, com lábio de perfil semicircular e paredes oblíquas, denotando forma troncocónica.

O núcleo das paredes é de cor amarela pálida (2.5Y 8/4), as superfícies são revestidas com um esmalte branco de má qualidade, pouco brilhante e aderente, apresentando-se muito estalado.

O diâmetro do bordo é de 150mm sendo a espessura média de paredes 4mm.

Taça (BBARR-08/09-2396) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto de perfil algo biselado.

O núcleo das paredes mostra pasta de tom amarelado pálido (2.5Y 8/4), revestido a esmalte de cor branco, aderente. Oferece a decoração de cor azul-cobalto, intenso, constituída por duas linhas paralelas junto ao bordo a partir das quais se desenvolve bateria de espessas linhas dispostas na diagonal, aparentemente balizadas por duas linhas paralelas, curvas, que prosseguem na vertical ao longo do fragmento.

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média das paredes 4mm.

Taça (BBARR-08/09-2378) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, inclinado exteriormente com lábio algo extrovertido, e paredes finas quase verticais.

As paredes mostram núcleo de cor amarela pálido (2.5Y 8/4), revestida a esmalte branco, aderente e brilhante, e decoração de cor azul-cobalto, aquela em dois tons de azul, definindo uma espessa linha em torno do bordo, da qual se desenvolvem outras ao longo do corpo da peça, formando uma intrincada decoração geométrica, que infelizmente devido à fracturação da peça, não pode ser observada na sua totalidade.

O diâmetro do bordo é de 90mm, sendo a espessura média das paredes 2mm.

Prato (BBARR-08/09-2379) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, em aba côncava, e corpo troncocônica.

O núcleo das paredes foi produzido com pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), sendo as superfícies revestidas com esmalte de cor branca, aderente e brilhante.

O diâmetro do bordo é de 108mm, sendo a espessura das paredes 4mm.

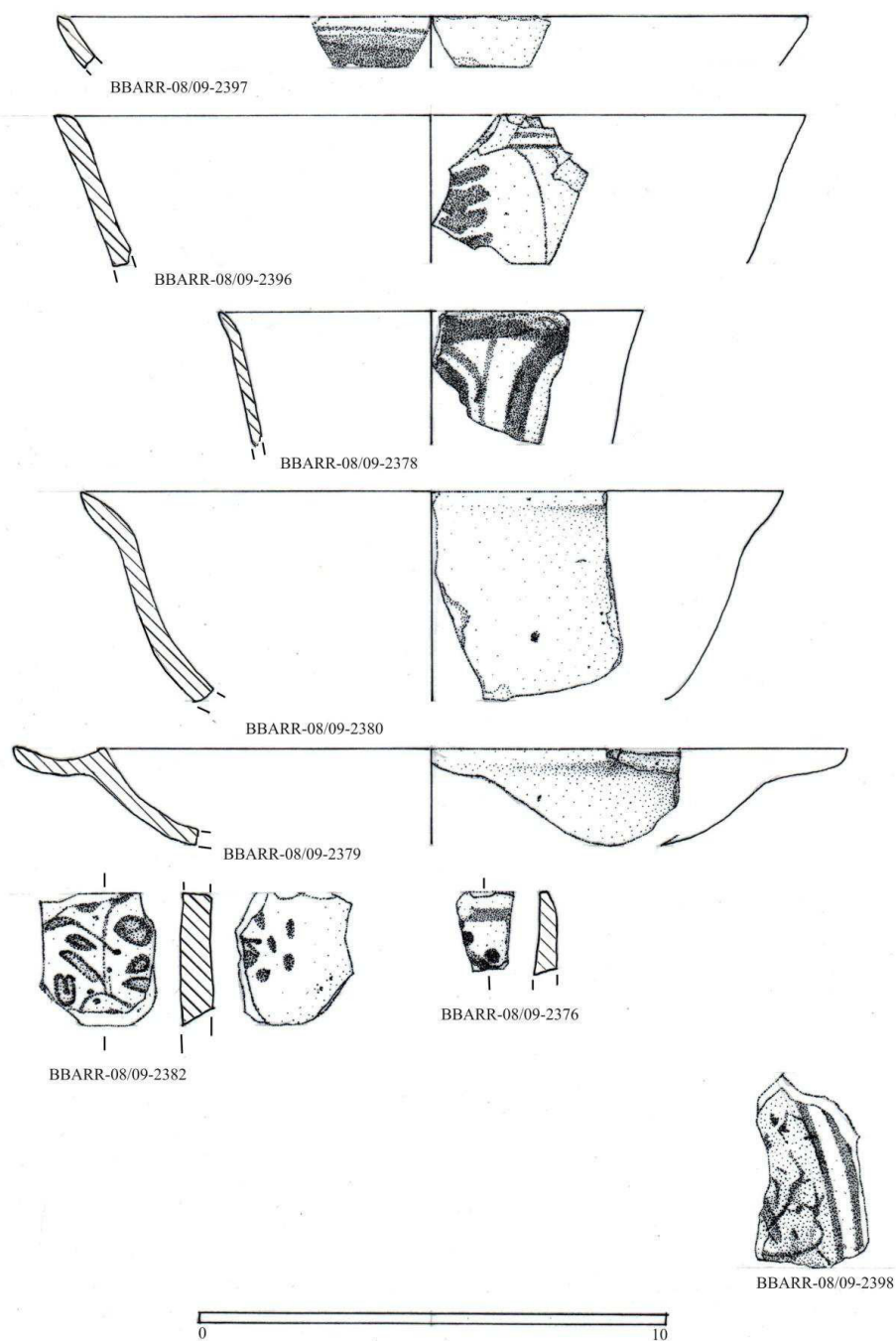


Fig.13. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do I momento.

Taça (BBARR-08/09-2395) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta paredes oblíquas, que denotam forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (2.5Y 8/4), revestida por esmalte de cor branca, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto, centrada no anverso, estando o fundo definido por círculos concêntricos, que encerram sobretudo áreas decoradas com motivos fitomórficos.

O diâmetro do bordo é de 26mm, sendo a espessura média das paredes 4mm.

Prato (BBARR-08/09-2398) – fragmento contendo porção de corpo e fundo. Apresenta e corpo troncocónico assente em fundo plano de pé anelar baixo.

O núcleo das paredes é de cor amarela (2.5Y 8/6), revestida a esmalte branco, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. Aquela, ao centro, oferece um padrão decorativo abstrato, de linhas azuis escuras, sob um fundo azul.

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média das paredes 4mm.

III.1.2 – Porcelana

Prato (BBARR-08/09-2479) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba larga recortada.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), e a decoração a azul-cobalto. Na aba oferece decoração paisagística, com a representação de uma montanha encimada por folhas que surgem da linha curvilínea que encerra esta composição. No reverso uma iconografia vegetalista.

A largura é de 52mm, sendo a espessura média 3mm.

Prato (BBARR-08/09-2499) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta aba oblíqua.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), e a decoração a azul-cobalto. Junto ao bordo oferece representações de pêsegos, rodeados de iconografia vegetalista, e intercalado por fitas ondulantes em “S”.

A largura é de 29mm, sendo a espessura média 3mm.

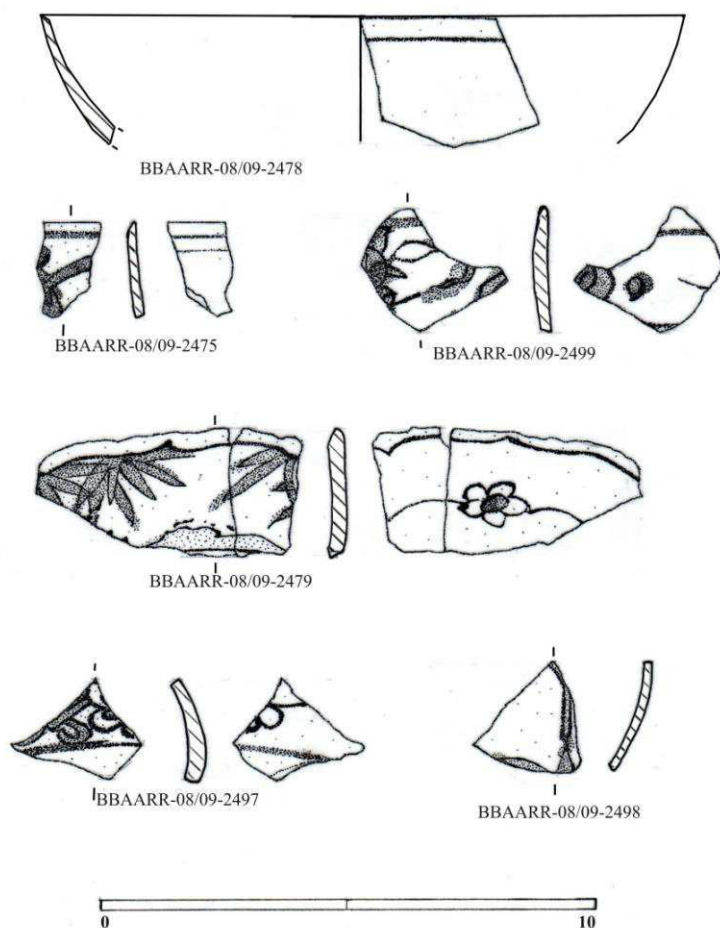


Fig.14. – Fragmentos de porcelana chinesa, provenientes do I momento.

Prato (BBARR-08/09-2475) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta aba oblíqua.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Junto ao bordo oferece linha, encimando representação de grou, algo esquematizado, de asas abertas como que levantando voo.

A largura é de 11mm, sendo a espessura média 2mm.

Prato (BBARR-08/09-2497) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta aba oblíqua.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Junto ao bordo oferece decoração com corolas de flores brancas num enrolamento de folhas.

A largura é de 24mm, sendo a espessura média 3mm.

Taça (BBARR-08/09-2478) – fragmento contendo porção de bordo. Apresentam bordo biselado, paredes oblíquas, denotando forma hemisférica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

O diâmetro do bordo é de 128mm, sendo a espessura média 2mm.

Taça (BBARR-08/09-2498) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta paredes convexas denotando forma hemisféricas.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Junto ao bordo oferece decoração em representações esquemática de nuvens.

A largura é de 21mm, sendo a espessura média 2mm.

Prato (BBARR-08/09-2484) – fragmento contendo porção de corpo e fundo. Apresenta corpo troncocónico, e fundo plano assente em pé anelar.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Ao centro oferece decoração paisagística, com representação de colinas e motivos vegetalistas, e na aba indícios de compartimentação.

O diâmetro do fundo é de 180mm, sendo a espessura média 3mm.

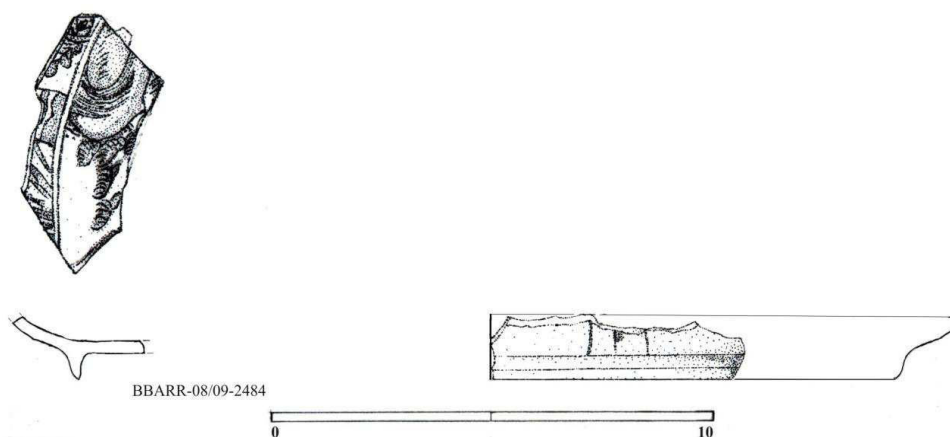


Fig.15. – Fragmento de prato de porcelana chinesa, proveniente do I momento.

III.1.3 – Cerâmica marmoreada

Pote (BBARR-08/09-2506) – fragmento contendo porção de bordo e o início do corpo. Apresenta bordo triangular, com pequena inflexão entre colo e arranque do corpo.

O núcleo das paredes é de pasta de cor amarelo pálido (10YR 8/4), as superfícies oferecem esmalte branco, aderente e brilhante, decorado a esponjado, em tons de azul.

O diâmetro do bordo é de 144mm, sendo a espessura média 7mm.

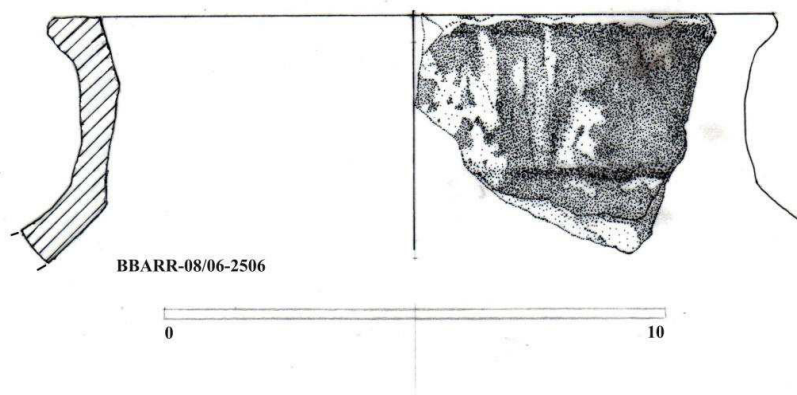


Fig.16. – Pote esmaltado, proveniente do I momento.

III.1.4 – Stoneware

Caneca (BBARR-08/09-2507) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta o início do corpo no ponto de junção deste com o colo.

O núcleo das paredes exibe pasta de cor cinzento claro (10YR6/1), com resto de quartzito leitoso, revestida de vidrado de sal, aderente e brilhante, com uma tonalidade castanha-clara. Oferece decoração constituída por linha incisa na separação entre o gargalo e o corpo da peça. A superfície exterior apresenta decoração à base de caneluras, produzidas a intervalos regulares, e intercalada por incisões, e encimando uma carena aplicada.

O diâmetro do corpo é de 124mm, sendo a espessura média 6mm.

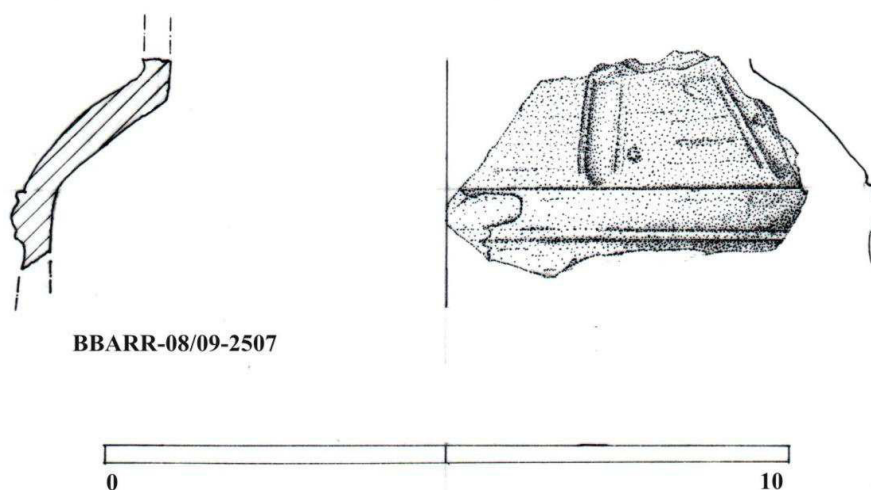


Fig.17. – Fragmento de caneca de grês, proveniente do I momento.

III.1.5 – Cerâmica vidrada

Pote (BBARR-08/09-1804) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo extrovertido e lábio de secção semicircular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8), revestido a vidrado de chumbo de tom verde, aderente e brilhante.

O diâmetro do bordo é de 98mm, sendo a espessura média 12mm.

Alguidar (BBARR-08/09-1805) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo pendente e lábio biselado.

O núcleo das paredes exhibe pasta de cor vermelha (2.5YR 6/6), revestido a vidrado de chumbo de tom verde-escuro, aderente e brilhante.

O diâmetro do bordo é de 234mm, sendo a espessura média 12mm.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1806) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo cilíndrico onde se denta a formação de asa vertical.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelho claro (2.5YR 7/6), revestida a vidrado de tom verde, aderente e brilhante.

A largura é de 48mm, sendo a espessura média das paredes 7mm.

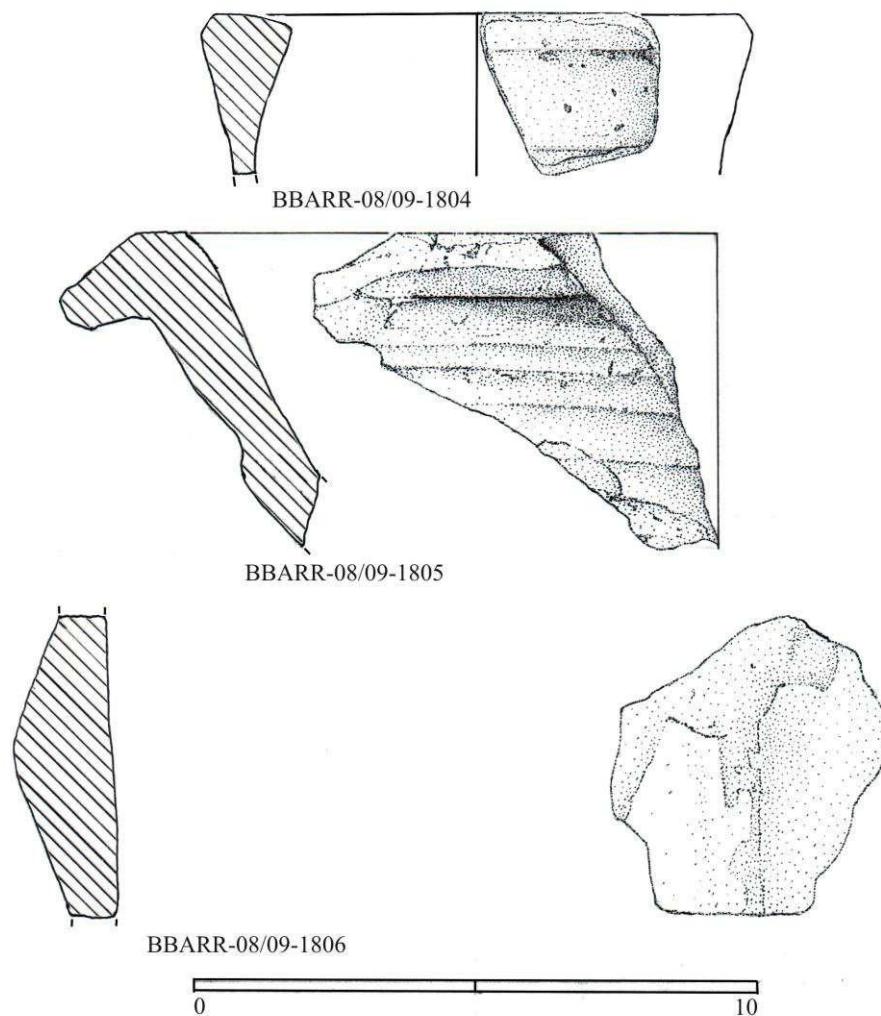


Fig.18. – Cerâmica vidrada, proveniente do I momento.

III.1.6 – Cerâmica Comum

Taça (BBARR-08/09-1236) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentam bordo introvertido ou recto, com lábio semicircular, encimando um corpo troncocónico, produzidas numa pasta bege, bem depurada.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (10R 5/6).

O diâmetro do bordo é de 150mm, sendo a espessura média 6mm.

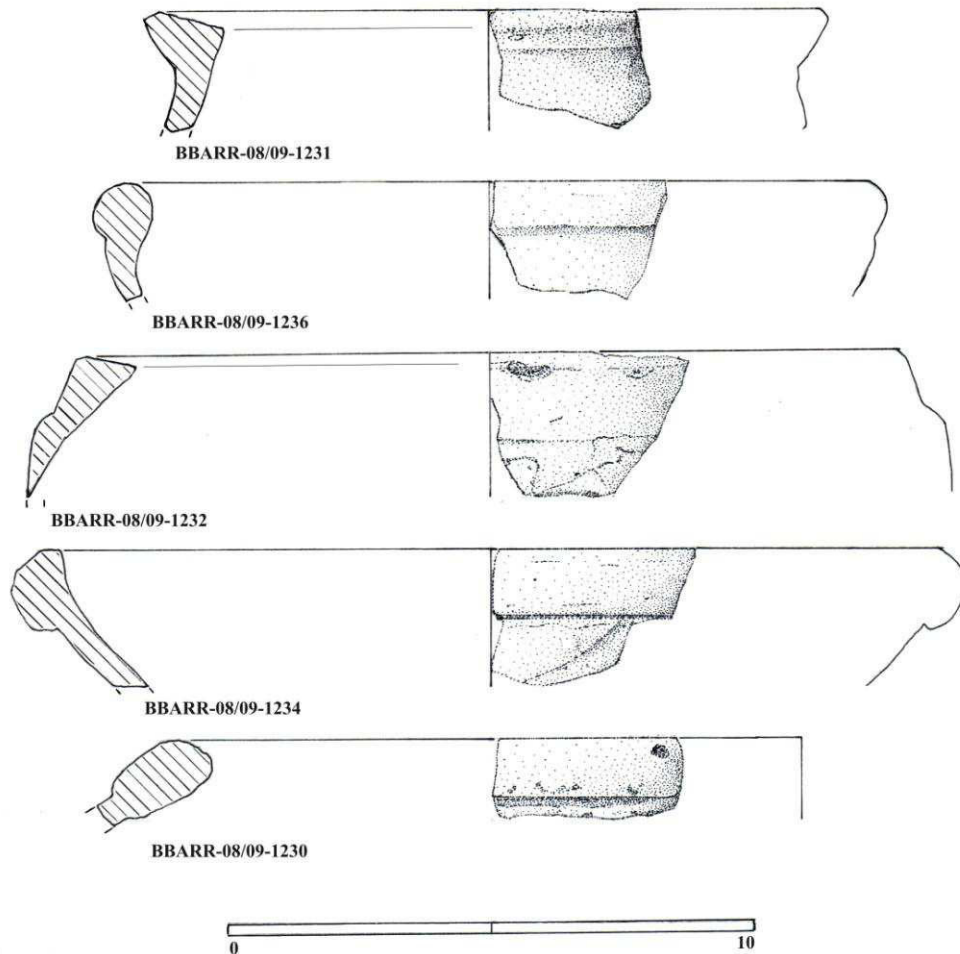


Fig. 19. – Cerâmica comum, proveniente do I momento.

Jarro (BBARR-08/09-1316) – fragmento contendo porção de bordo e gargalo. Apresentando bordo recto, algo extrovertido, lábio biselado, sobre um colo decorado com caneluras horizontais demarcado do corpo por uma canelura acentuada.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (10R 6/8), bem depurada com pouco elementos não plásticos.

O diâmetro do bordo é de 92mm, sendo a espessura média 2mm.

Panela (BBARR-08/09-1258) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido com lábio em aba biselada encimando colo curto e convexo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor laranja (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 186mm, sendo a espessura média 5mm.

Panela (BBARR-08/09-1231) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, de perfil triangular, e paredes oblíquas que denotam forma ovoide.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 132mm, sendo a espessura média 6mm.

Panela (BBARR-08/09-1232) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, de perfil triangular, separado do colo curto por carena suave.

O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 4/6).

O diâmetro do bordo é de 158mm e do corpo 176mm, sendo a espessura média 6mm.

Taça (BBARR-08/09-1234) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo ovoide, pendente, desenvolvendo-se num corpo troncocónico. A peça exibe um tratamento de superfície brunido, restando apenas na área do bordo.

As paredes mostram núcleo de tom laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 181mm, sendo a espessura média 5mm.

Testo (BBARR-08/09-1269) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, de perfil semicircular, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra cor castanho-claro (2.5YR 5/4).

O diâmetro do bordo é de 160mm e de 56mm no fundo, sendo a espessura média 5mm.

Púcaro (BBARR-08/09-1237) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo troncocônico, com cartela decorada com excisões ovóides e banda de caneluras horizontais, encimando filete.

O núcleo das paredes mostra cor vermelha (10R 4/6).

O diâmetro do bordo é de 210mm e de 46mm no fundo, sendo a espessura média 2mm.

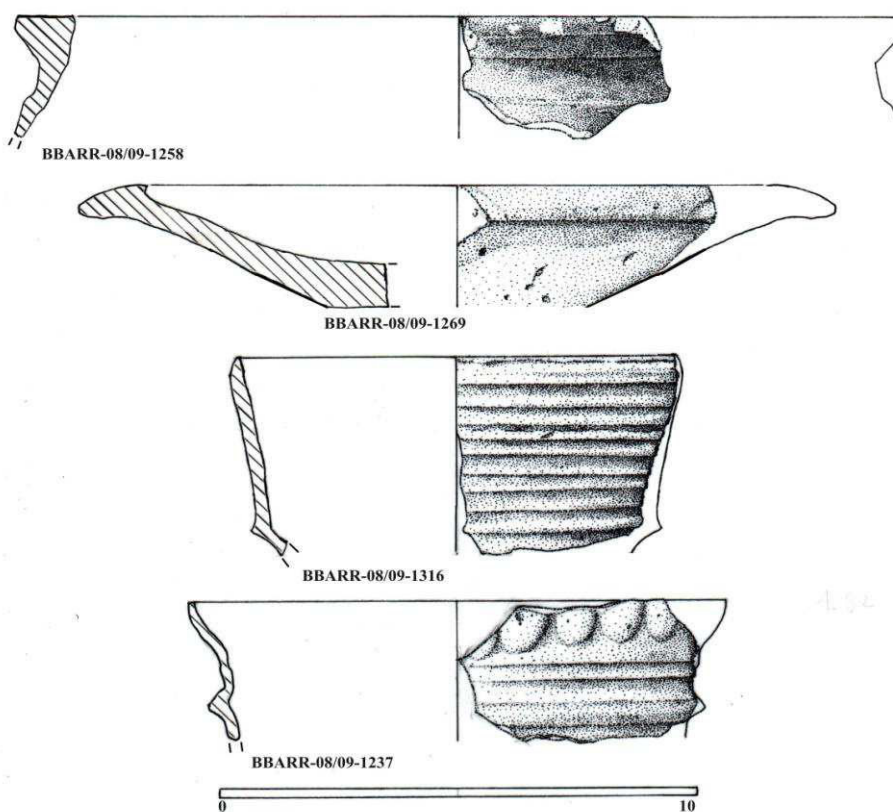


Fig.20. – Cerâmica comum, proveniente do I momento.

III.1.7 – Paralelos

O espólio cerâmico exumado aquando da remoção do primeiro momento de ocupação do espaço, conforme transmitimos no capítulo 4, apresenta uma natureza claramente diversificada, estando presentes produções de cariz local ou regional, juntamente com peças de importação.

O serviço de mesa, composto por peças de cariz funcional e ornamental, será o mais longo e mais complexo dos conjuntos presentes neste momento. As produções lisas, sem tratamento de superfície, são formadas apenas por exemplares de pratos e taças (BBARR-08/09-1236), com paralelos em peças recuperadas em níveis do século XVI, em Lisboa (DIOGO, TRINDADE, 1997, pp.206 e 211) e em Palmela (FERNANDES, CARVALHO, 1997, pp.214 e 246). Permitindo o servir de líquidos à mesa está um exemplar de jarro (BBARR-08/09-1316), com bordo alto decorado com caneluras, muito semelhante a produções recuperadas de níveis de entulho na Mouraria, datados dos finais do século XV e inícios do XVI (DIOGO, TRINDADE, 1995, pp.262 e 265). Acompanhando estes exemplares mais simples e compondo as produções mais ornamentadas estão as faianças e as porcelanas.

A faiança recuperada nesta fase surge em reduzida quantidade, composta apenas por formas abertas, com exemplares unicamente revestidos a esmalte branco, e outros exibindo decoração a tom de azul-cobalto. Entre estes últimos consideramos necessário destacar um exemplar de taça (BBARR-08/09-2378), de pequenas dimensões, profusamente decorada com motivos de espiral muito semelhante a uma peça recuperado em Southwark, Inglaterra (CASIMIRO, 2011, pp.144-145) como datando da primeira metade do século XVII.

Comparativamente a porcelana é mais numerosa, tendo sido recuperadas taças e pratos. As primeiras apresentam forma hemisférica (BBARR-08/09-2478) destacando-se entre estas um exemplar decorado com composições típicas do período Wan-li (BBARR-08/09-2498) como reproduções esquemáticas de nuvens (MATOS, 1996, p.109). Os pratos, em maior quantidade, parecem corresponder ao mesmo período de produção, denotando-se reproduções de teor zoomórfico, como o fragmento (BBARR-08/09-2475) onde se pode observar na aba uma representação de um com um grou, e um outro com composição paisagística (BBARR-08/09-2494), ambos encontrando paralelos em exemplares presentes na Casa das Porcelanas (Ibidem, 1996: pp.87 e 69) datados da segunda metade do século XVI. Destoando ligeiramente desta cronologia, estão dois fragmentos, o primeiro, marcado pela representação de um pêssago (BBARR-08/09-2499) semelhante a peças do reinado do imperador Jia-Jing, da primeira metade do século XVI (Ibidem, 1996, p.71). O segundo, um fragmento de prato troncocónico (BBARR-08/09-2494), oferece na área central decoração paisagística bem definida, demarcada por linha concêntrica, da qua se desenvolve a

compartimentação na inflexão e abas, nas quais se nota decoração fitomórfica. Peças semelhantes estão presentes na colecção da Casa-Museu Anastácio Gonçalves, sendo atribuídas ao reinado de Wan-li (1572-1620) (Ibidem, 1996, p.110). no entanto, a tonalidade da decoração, em tom de azul-cobalto muito vivo, e a específica definição dos painéis da compartimentação, que não se encontram demarcados por cartelas, como é mais comum nas produções Wan-li, mas desenvolvendo-se a partir das linhas concêntricas delimitadoras da área central, poderá indicar que se trata de uma produção de transição, quiçá até do curto reinado de Jongqing (1566-1572), durante o qual, segundo Macintosh, as produções se mantiveram similares ao período Jia-jing, mas destaca a existência de exemplares com tonalidades decorativas mais vivas (MACINTOSH, 1986, pp.60-61).

Pertencentes ainda às produções exógenas estão dois recipientes cerâmicos. O primeiro, um pote alto (BBARR-08/09-2506), uma produção tipicamente sevilhana, com a superfície decorada a marmoreado, semelhante a exemplares recuperados em contextos do século XVI, nomeadamente no Poço-Cisterna de Silves (GOMES e GOMES, 1996, p.176). O segundo recipiente (BBARR-08/09-2507), uma caneca de grês, revestida a vidro de sal, e proveniente da actual Alemanha. A presença de caneluras verticais, desenvolvendo-se a partir do gargalo alto, na metade superior do corpo, são comuns em produções oriundas do Reno, e datadas da segunda metade do século XVI até inícios do século XVII (DAUM, 1987, p.16).

O conjunto das louças de cozinha contém várias tipologias materiais, predominando as panelas, marcadas por diferentes formas, diferenciadas sobretudo pelos bordos, que se apresentam introvertidos de perfil semicircular (BBARR-08/09-1231), ou em aba (BBARR-08/09-1258), presentes noutros locais da cidade de Lisboa como a rua João do Outeiro, na Mouraria (DIOGO, TRINDADE, 1995, pp.260 e 264), e na Calçada de São Lourenço (DIOGO, TRINDADE, 1997, pp.207 e 212), em níveis do século XVI. Sempre acompanhando as panelas estão os exemplares de testo (BBARR-08/09-1269) de diferentes dimensões (DIOGO, TRINDADE, 1995, pp.261 e 264). Também como peças de ir ao fogo estão as frigideiras que mostram forma semelhante a exemplares recuperados em níveis do século XVI, na Calçada de São Lourenço (DIOGO, TRINDADE, 1997, pp.208 e 213), embora não estando presente a pega triangular comum a essa produção.

Os alguidares, usados quer no preparar e servir de alimentos, bem como em várias actividades quotidianas, como a limpeza de vasilhas ou vestuário, compõem o conjunto dos recipientes vidrados, surgindo em diferentes dimensões, e em pastas de tonalidades vermelhas ou brancas (BBARR-08/09-1805), revestidas a vidro de tom verde, muito semelhante a produções recolhidas durante a intervenção no Poço-Cisterna de Silves (GOMES, GOMES, 1996, pp.162 e 165-167), entalhado nos finais do século XVI.

III.1.8 – Síntese

O primeiro momento, como foi possível observar, apresenta um espólio de natureza claramente diversificada, misturando produções locais e regionais com outras de cariz mais exógeno como os vários fragmentos de porcelana ou o exemplar de caneca revestida a vidro de sal (BBARR-08/09-2507). A natureza funcional deste conjunto é ela própria heterógena, dominando uma faceta claramente ligada com as várias actividades promovidas dentro de um espaço habitacional, como as louças de cozinha, panelas e frigideiras, e de servir à mesa, pratos, taças e jarros, e até vários contentores cerâmicos, acompanhados por peças que, apesar de serem funcionais, se apresentam sobretudo como estéticas, e às quais estão associados custos na obtenção.

Com base nesta informação, propomos que a calçada de seixos [584 terá assentado sobre uma camada sedimentar composta por lixos, provavelmente usados para nivelar o terreno previamente à colocação da dita calçada. Para esta assunção contribui a natureza do espólio exumado que, como referimos, é marcado por um grande conjunto de produções exógenas, nomeadamente porcelanas mas também grés alemão, associados a peças produzidas localmente, o que, aos nossos olhos, parece indicar que estes serão oriundos de domicílios distintos com níveis diferentes de acessibilidade a produtos e poderes de compra variados. Do mesmo modo, o estado das peças, muito fragmentadas e incompletas, poderá demonstrar que nos encontramos

perante um contexto de descarte secundário, onde os fragmentos terão sido despejados independentemente do contexto de origem.

As datações obtidas através do estudo do conjunto material, em especial dos fragmentos de porcelana chinesa, dos reinados de Jiang-Jing e Wan-li, e dos vários exemplares de faiança portuguesa, recuperados da camada de assentamento da calçada [584], apontam a sua colocação para segunda metade do século XVI ou inícios do XVII, embora, interessantemente, existam peças com datações anteriores, como o fragmento de cântaro (BBARR-08/09-1316), associado ao século XV, cuja presença pode ser explicada pela manutenção da forma ou do objecto. As produções associadas à calçada, [tira a virgula] apresentam datações semelhantes ou algo posteriores, inícios do século XVII, demonstrando a relativa contemporaneidade a sua produção e uso.

O conjunto material parece assim confirmar as observações prévias, demonstrando que a ocupação contínua do arqueossítio como espaço habitacional, em Idade Moderna, se iniciou neste momento, com a colocação da calçada [584] que acreditamos ser de iniciativa privada. Esta estará associada ao espaço situado imediatamente a SE, referido no Capítulo I, com cerca de 9m², marcado por um pavimento de tijoleira. Este último funcionaria como a área habitacional original à qual terá sido acrescentado um novo espaço, o arqueossítio das Barrelas, aberto mas de cariz privado, que, como será demonstrado foi sendo desenvolvido ao longo de toda a modernidade.

III.2. - II momento

O segundo momento mostra um alterar do padrão previamente observado, com um menor número de fragmentos de porcelana chinesa (3.0%) contrastando com o aumento do número de exemplares de faiança portuguesa e de cerâmica de superfícies vidradas (7.5% e 15.5% respectivamente).

A sua natureza é algo semelhante ao primeiro, com um grande número de fragmentos indefinidos ou indeterminados, mais uma vez associados a contextos de entulhamento ou despejos, neste caso associados à formação do pavimento [583], especificamente de terra batida, argila e fragmentos cerâmicos.

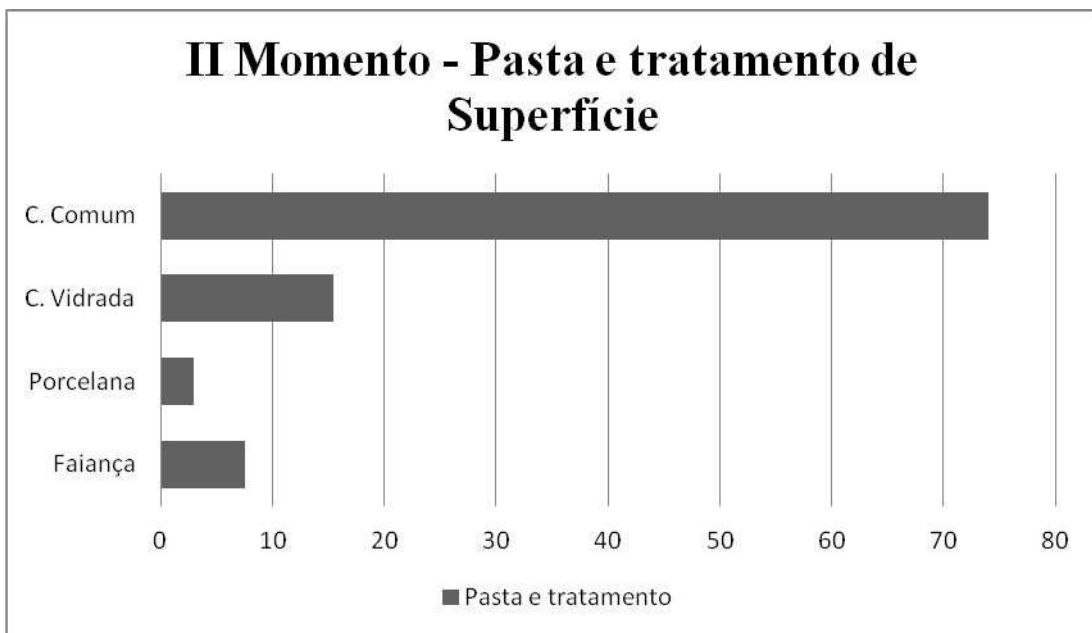


Gráfico 5. – Composição do II momento segundo as produções.

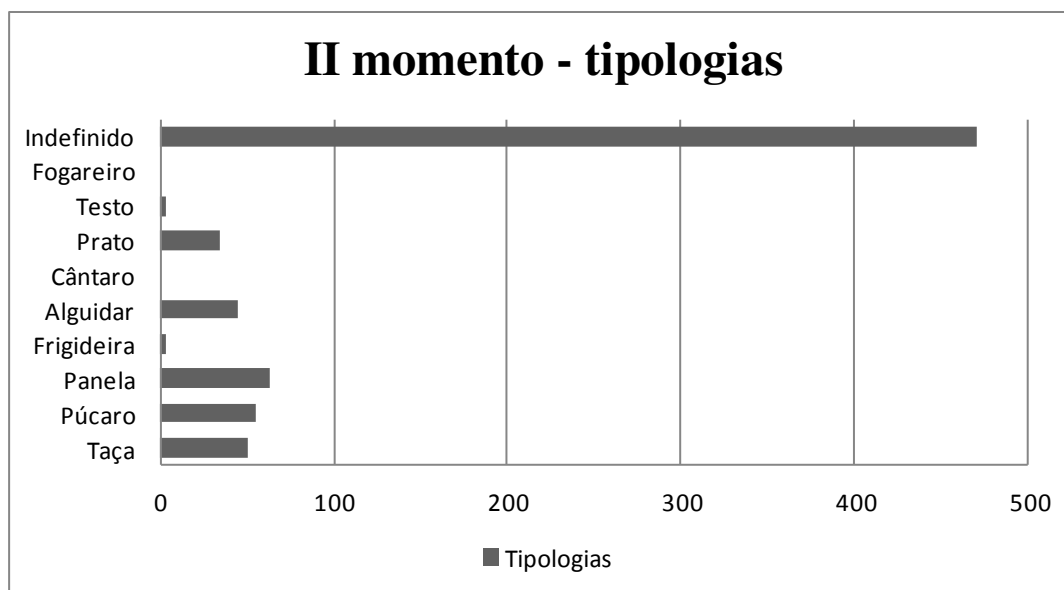


Gráfico 6. – Composição tipológica do II momento.

III.2.1 – Faiança Portuguesa

Taça (BBARR-08/09-2432) – fragmento contendo porção de fundo. Apresenta fundo em pé anelar curto.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/4), e revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante, e decoradas em tom de azul-cobalto. Oferece no reverso decoração fitomórfica.

O diâmetro do bordo é de 62mm, sendo a espessura média 1mm.

Prato (BBARR-08/09-2370) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra núcleo amarelo (2.5Y 8/6) revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 5mm.

Taça (BBARR-08/09-2369) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba, encimado, lábio de perfil semicircular, e corpo sub-hemisférico, assentando em pé anelar curto.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (2.5Y 8/4), revestida em esmalte branco, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. Oferece o corpo da peça preenchido por um padrão intercalado de linhas espessas e finas, o qual envolve o que parece ser um padrão espiralado ao centro, e junto ao bordo, cartela sub-triangular preenchida por linhas, no reverso, mostra linhas ziguezagueantes balizadas por linhas verticais.

O diâmetro do bordo é de 140mm e de fundo 50mm, sendo a espessura média 3mm.

Taça (BBARR-08/09-2443) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo hemisférico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante, e decoração em tom de azul-cobalto, amarelo e laranja. Oferece uma decoração fitomórfica tricolor, onde se denotam duas formas circulares parecidas com pêssegos.

A largura é de 23mm, sendo a espessura média 11mm.

Prato (BBARR-08/09-2347) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo de asa oblíqua, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes oferecem pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) revestidas a esmalte branco, e decoração a azul-cobalto. Junto ao bordo oferece linha longitudinal, e duas ao centro.

A largura é de 30mm, sendo a espessura média 8mm.

Prato (BBARR-08/09-2350) – fragmento contendo porção de corpo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestida a esmalte branco, aderente, e decoração a tom de azul-cobalto. No anverso oferece decoração em folhas verticais.

A largura é de 35mm, sendo a espessura média 6mm.

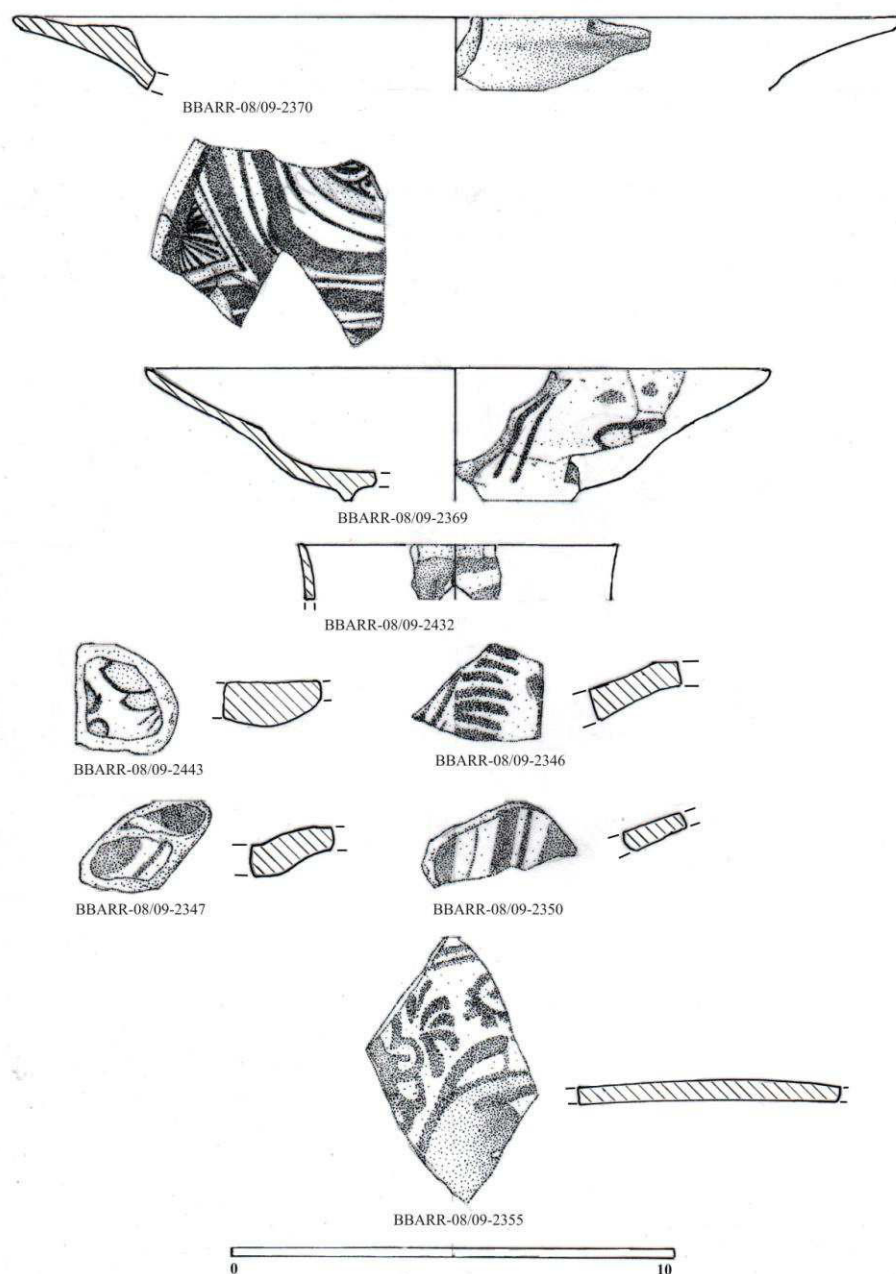


Fig.21. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do II momento.

Prato (BBARR-08/09-2346) – fragmento contendo porção do corpo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestida de branco, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. No anverso oferece um motivo vegetalista a traço espesso.

A largura é de 31mm, sendo a espessura média 6mm.

Prato (BBARR-08/09-2355) – fragmento contendo porção de fundo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y8/6) coberta com esmalte branco, aderente e baço, e decoração a tom de azul-cobalto. No anverso apresenta uma representação de cariz zoomórfico, possivelmente um gamo de perfil, rodeado de motivos vegetalistas.

A largura é de 38mm, com uma espessura média 10mm.

III.2.2 – Porcelana

Taça (BBARR-08/09-2473) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta paredes convexas denotando forma hemisférica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoração a azul-cobalto. Oferece decoração com motivo fitomórfico muito estilizado.

A largura é de 15mm, sendo a espessura média 1mm.

Taça (BBARR-08/09-2463) – fragmento contendo porção de porção de bordo e corpo. Apresentam bordo recto, com lábio de perfil semicircular ou biselado, e corpo hemisférico.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Oferece linha longitudinal ao nível do bordo, e alguns motivos fitomórficos a traço fino.

A largura é de 15mm, com uma espessura média 2mm.

Taça (BBARR-08/09-2459) – fragmento contendo porção de porção de bordo e corpo. Apresentam bordo recto, com lábio de perfil semicircular ou biselado, e corpo hemisférico.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Oferece banda decorada sob o bordo, no reverso, onde foram reproduzidos motivos decorativos especificamente orientais, nomeadamente nuvens enroladas, deixadas a branco sobre um fundo de azul-cobalto, e demarcadas com linhas a tom de azul-escuro.

O diâmetro do bordo é de 122mm, sendo a espessura média 2mm.

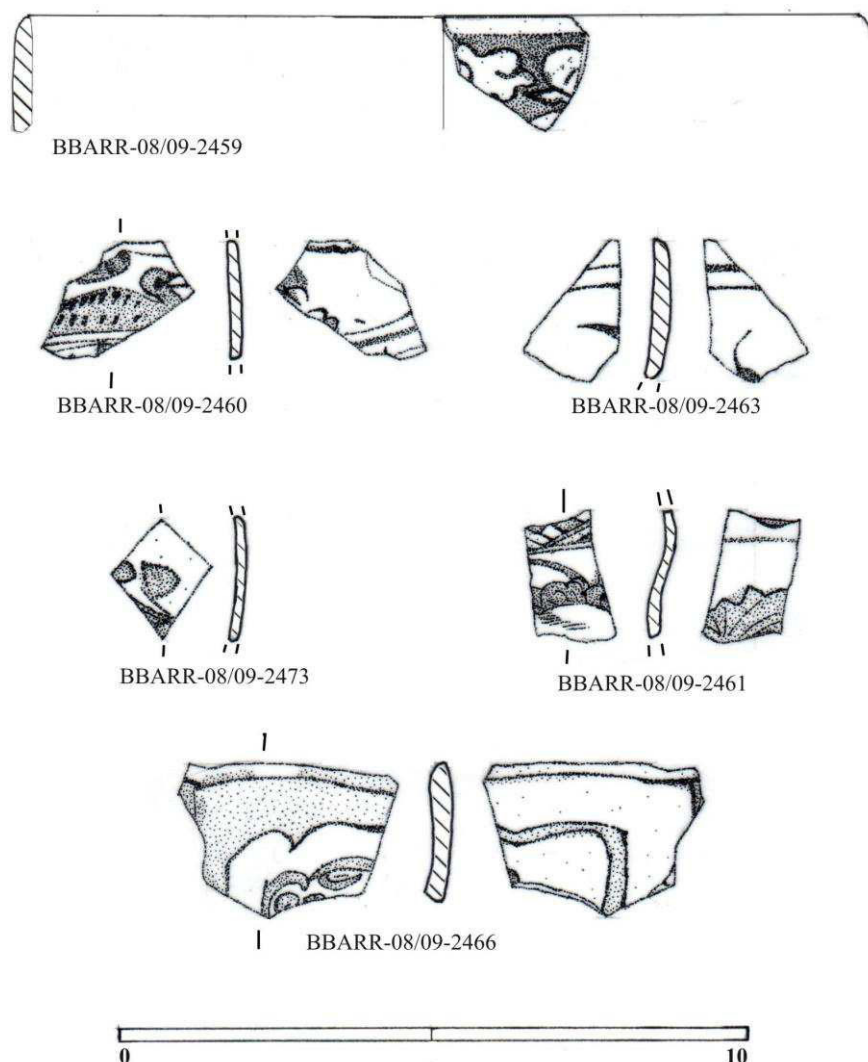


Fig.22. – Fragmentos de porcelana chinesa, provenientes do II momento.

Prato (BBARR-08/09-2460) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba recortada, oblíqua, denotando forma troncocônica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Oferece no anverso, junto à aba decoração em motivo zoomórfico, mais precisamente, ganso poisado, rodeado de motivos fitomórficos.

A largura é de 23mm, sendo a espessura média 2mm.

Prato (BBARR-08/09-2466) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta aba oblíqua, recortada.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. No anverso oferece decoração fitomórfica esquemática, reproduzida numa cartela branca recortada, definida numa área igualmente em azul-cobalto. O reverso exhibe vestígios de compartimentação via a divisão da área com linhas brancas, e a reprodução de uma cartela linear.

A largura é de 33mm, sendo a espessura média 3mm.

III.2.4 – Cerâmica Vidrada

Alguidar (BBARR-08/09-1765) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, ou um modelo de bordo extrovertido, algo pendente, com lábio biselado.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/5).

O diâmetro do bordo é de 280mm, sendo a espessura média 11mm.

Alguidar (BBARR-08/09-1766) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo pendente externamente, de lábio biselado, é seguido por paredes troncocônicas quase verticais.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor bege (7.5YR 7/6), revestida a vidrado de chumbo, verde-azulado, aderente e brilhante, no interior e sobre o bordo.

O diâmetro do bordo é de 340mm, sendo a espessura média 10mm.

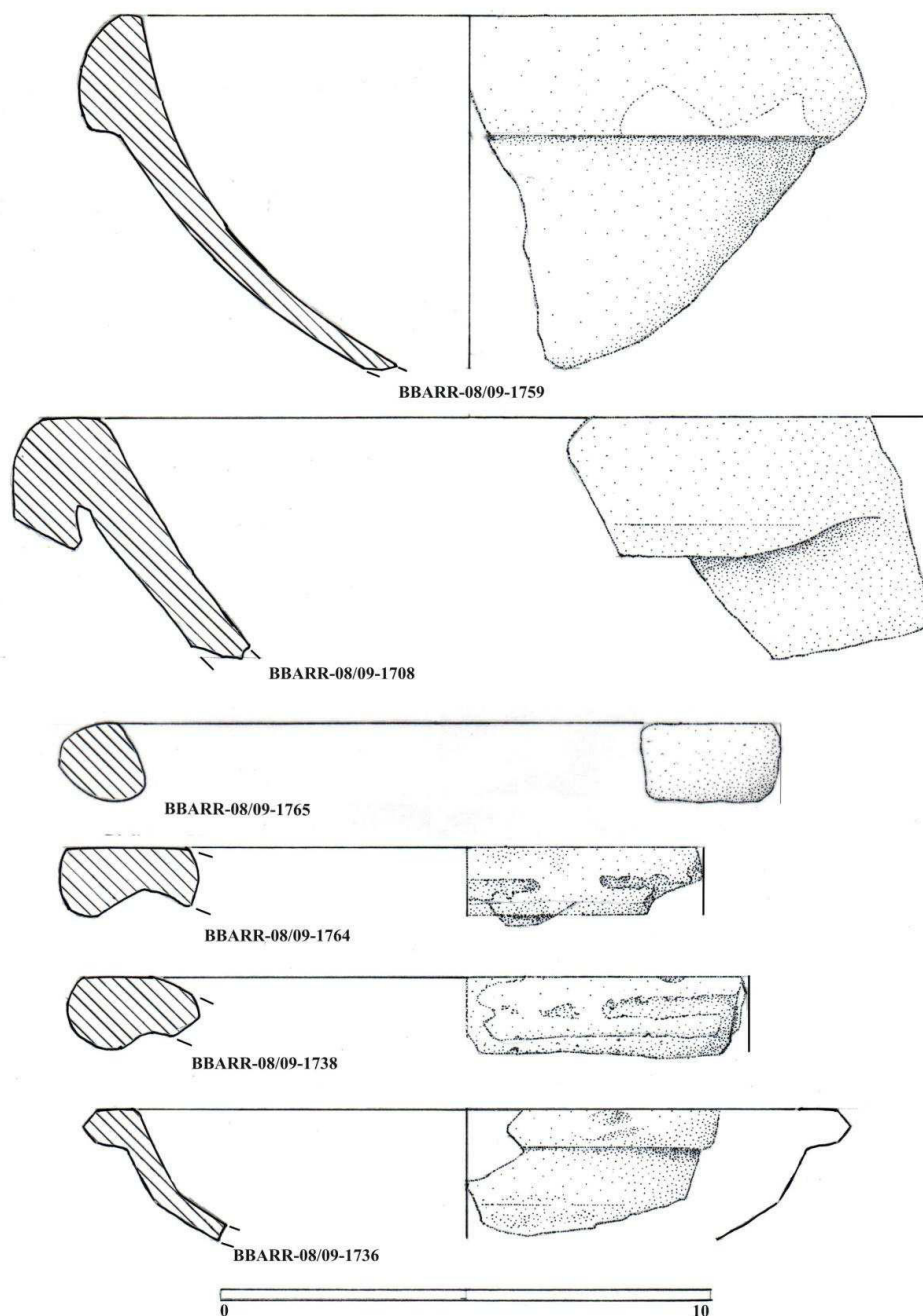


Fig.23. – Cerâmica vidrada, proveniente do II momento.

Alguidar (BBARR-08/09-1708) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo pendente, extrovertido, com lábio de perfil semicircular, denotando-se corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor branca (7.5YR 8/2), revestido a vidro de chumbo de tom verde.

O diâmetro do bordo é de 280mm, sendo a espessura média 30mm.

Pote (BBARR-08/09-1705) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, de perfil circular, encimando corpo globular, sob fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/5) revestidas a vidro de tom de melado, no interior, e de tom verde, no exterior.

O diâmetro do bordo é de 120mm, sendo a espessura média 6mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1736) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo algo extrovertido, de perfil circular, do qual se desenvolve pequenas pegadas de perfil triangular, encimando corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/4) revestidas a vidro de chumbo de tom verde-claro, e marcas de ir ao fogo no exterior.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 4mm.

Taça (BBARR-08/09-1759) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo de perfil sub-triangular, com lábio de perfil semicircular, encimando de corpo sub-hemisférico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/4) revestidas a vidro melado, no interior e no bordo, e marcas de uso ao fogo no reverso.

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 12mm.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1738) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba curta, com lábio de perfil semicircular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR6/5), revestido a vidrado de chumbo de tom verde.

O diâmetro do bordo é de 260mm, sendo a espessura 15mm.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1764) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo extrovertido, em aba, de lábio aplanado.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/4) revestidas a vidrado de chumbo verde, aderente e brilhante.

O diâmetro do bordo é de 260mm, sendo a espessura média 12mm.

III.2.5 – Cerâmica Comum

Taça (BBARR-08/09-986) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo semicircular extrovertido, diferenciado por chanfro do corpo troncocónico e convexo. O núcleo das paredes mostra pasta de cor bege (7.5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 10mm.

Taça (BBARR-08/09-964) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, corpo hemisférico, separados por carena acentuada e um filete.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanho-claro (7.5YR 6/4).

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 4mm.

Panela (BBARR-08/09-957) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentam de bordo introvertido, triangular, separados do colo por um chanfro, e exibindo um corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/5).

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 12mm.

Panela (BBARR-08/09-956) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentam bordo em aba, triangular, encimando colo decorado com nervura.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/5).

A largura é de 180mm, sendo a espessura média de 7mm.

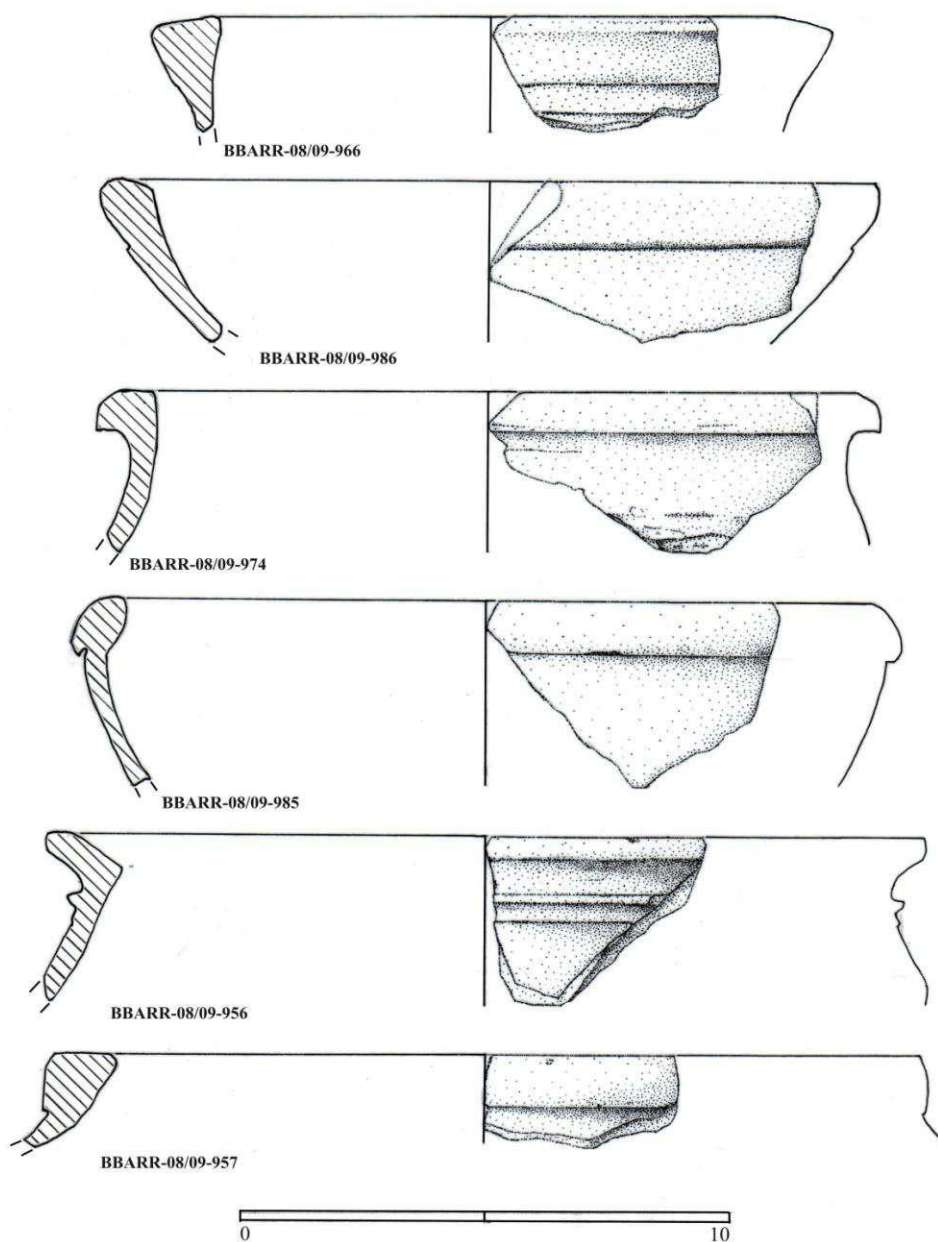


Fig.24 – Cerâmica comum, formas fechadas, provenientes do II momento.

Panela (BBARR-08/09-974) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba convexa, e colo alto côncavo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (7.5YR 7/4).

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 10mm.

Panela (BBARR-08/09-982) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentam bordo introvertido, com perfil ovalado ou semicircular, encimando colo extrovertido e convexo, podendo exibir asa de alça.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 240mm, sendo a espessura média 12mm.

Taça (BBARR-08/09-985) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, algo pendente, encimando um corpo troncocônico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 10mm.

Panela (BBARR-08/09-775) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta de bordo em aba, extrovertido, com lábio de perfil recto, encimando colos troncocônicos invertidos.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor laranja (2.5YR 6/6).

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 4mm.

Panela (BBARR-08/09-777) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta de bordo em aba, extrovertido, com lábio de perfil recto, encimando colos troncocônicos invertidos.

As paredes mostram núcleo de tom laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 4mm.

Panela (BBARR-08/09-842) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido de perfil triangular, separada por um chanfro do corpo ovalado.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 15mm.

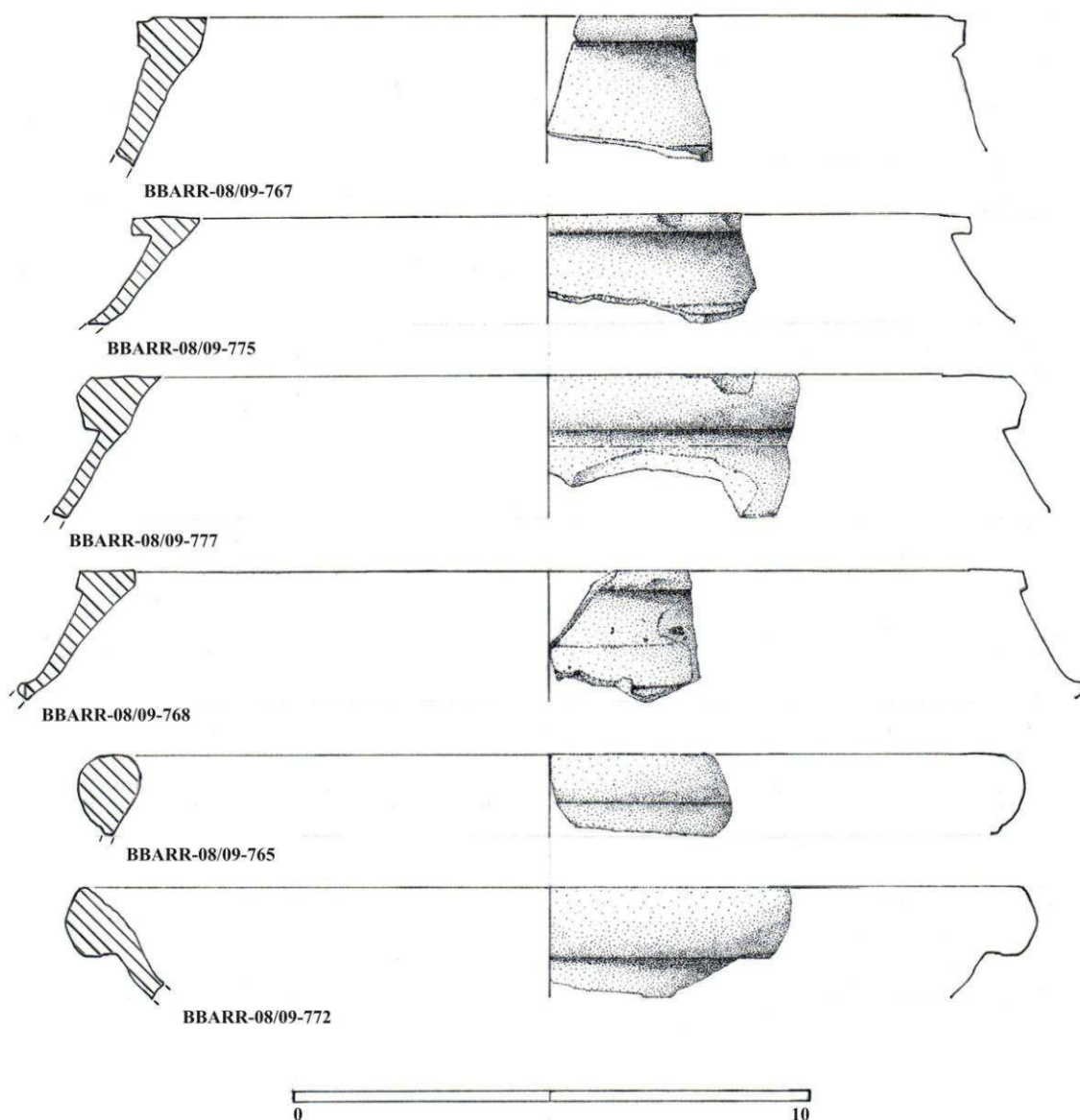


Fig.25. – Cerâmica comum, formas fechadas, proveniente do II momento.

Panela (BBARR-08/09-767) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta de bordo em aba, extrovertido, com lábio de perfil recto, encimando colos troncocónicos invertidos.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 160mm, sendo a espessura média 6mm.

Panela (BBARR-08/09-768) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta de bordo em aba, extrovertido, com lábio de perfil recto, encimando colos troncocónicos invertidos.

As paredes mostram núcleo de tom laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 5mm.

Panela (BBARR-08/09-849) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, extrovertido, com lábio semicircular, encimando colo arqueado e côncavo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanho-claro (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 140mm, sendo a espessura média 15mm.

Taça (BBARR-08/09-765) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido de perfil ovalado ou semicircular, com lábio de perfil semicircular, demarcado do corpo globular por nervura.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 190mm, sendo a espessura média 12mm.

Taça (BBARR-08/09-772) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido de perfil semicircular, com lábio de perfil biselado, encimando um corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 10mm.

Púcaro (BBARR-08/09-851) – fragmento contendo porção de bordo e corpo.
Apresenta bordo recto com lábio de perfil semicircular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor laranja (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 140mm, sendo a espessura média 2mm.

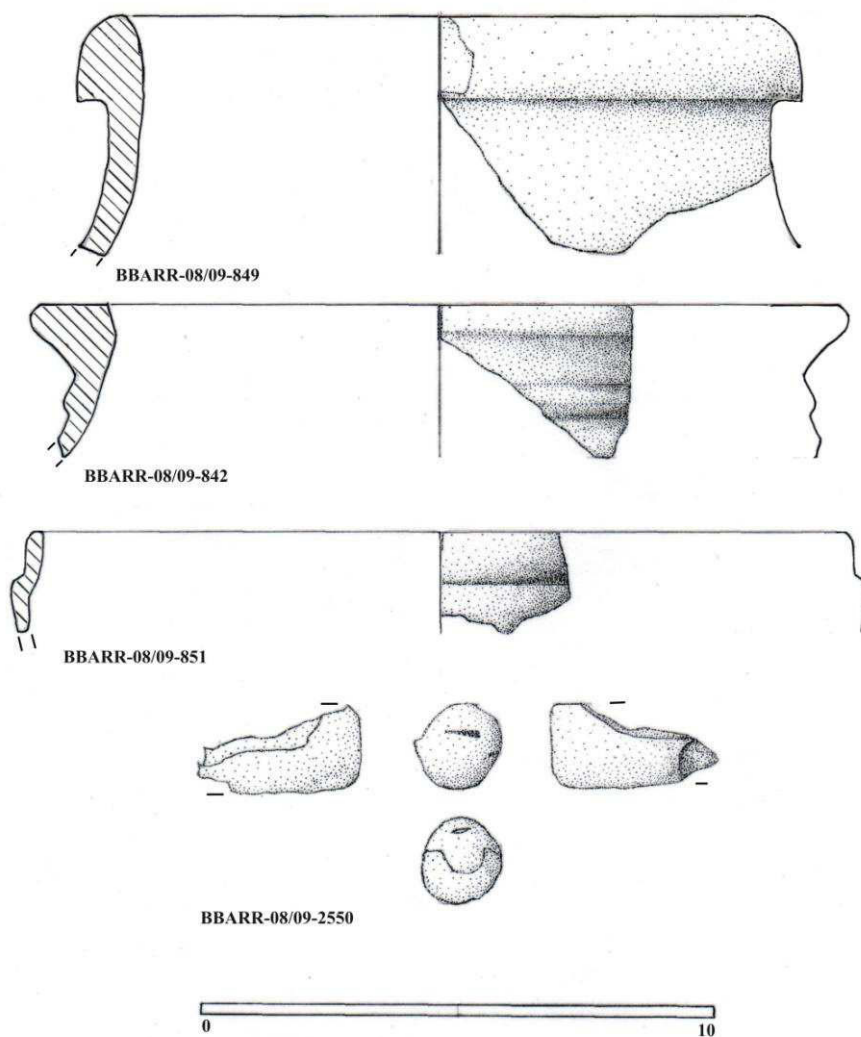


Fig.26. – Cerâmica comum e fragmento de apito cerâmico, provenientes do II momento.

III.2.6 – Objectos lúdicos

Apito (BBARR-08/09-2550) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta forma cilíndrica.

As paredes mostram núcleo vermelho (2.5YR5/6). Oferece ranhura para sopro na área distal do corpo.

O diâmetro do corpo é de 12mm e ranhura horizontal 8mm.

III.2.7 – Cachimbos

Cachimbo (BBARR-08/09-2529) – fragmento contendo porção de haste e fornalha. Apresenta forma cilíndrica e arranque de fornalha.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 47mm e o diâmetro de 8.0mm, com diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2532) – fragmento contendo porção de haste com boquilha. Apresenta forma cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 25mm e o diâmetro de 5.1mm, com diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2532) – fragmento contendo porção de haste com boquilha. Apresenta forma cilíndrica.

As paredes mostram núcleo de tom vermelho (2.5YR 5/6).

A altura total da peça é de 15mm o diâmetro de 7.1mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

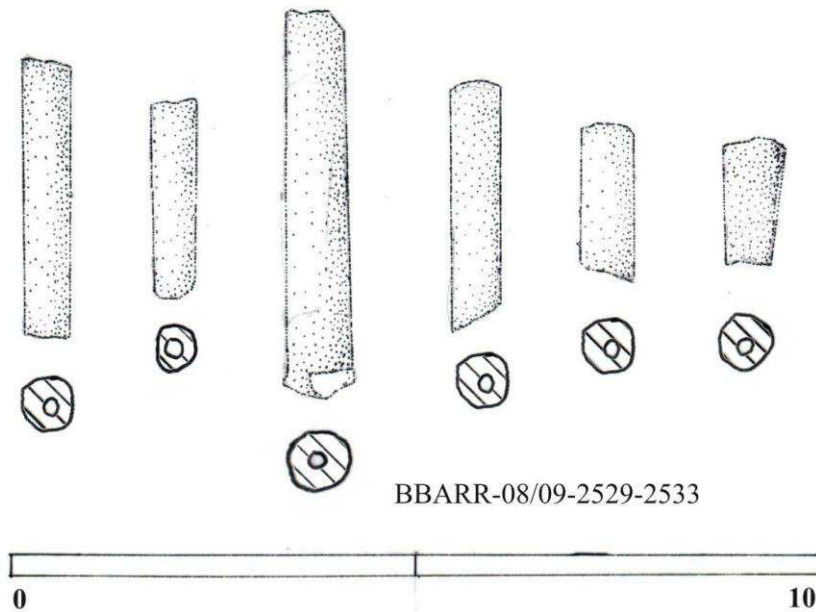


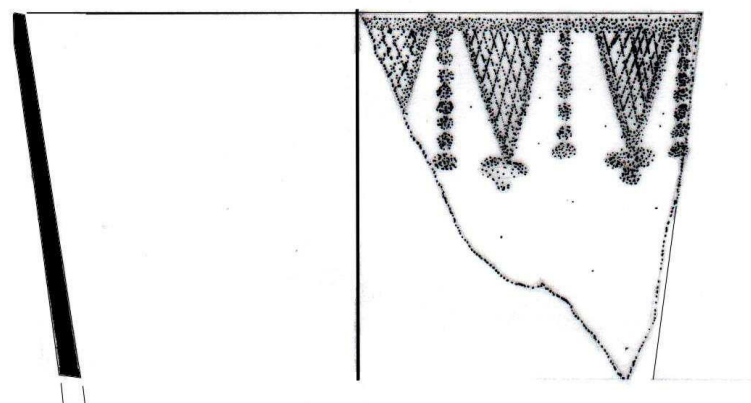
Fig.27. – Fragmentos de cachimbos, de grés e barro, provenientes do II momento.

III.2.8 – Espólio vítreo

Copo (BBARR-08/09-2583) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, com lábio de secção semicircular, e paredes obliquas, denotando forma troncocónica.

As paredes foram produzidas em vidro translúcido, de boa qualidade, sem bolhas de ar no seu interior. Oferece decoração pintada a cor branca, em motivo de filigrana, desenvolvendo-se motivo triangular invertido, preenchido a reticulado, intercalado por cordões semicirculares, também verticais.

O diâmetro do bordo é de 80mm, sendo a espessura média e 2mm.



BBARR-08/09-2583

Fig.28. – Fragmento de copo de vidro, decorado a branco, proveniente do II momento.

III.2.9 – Paralelos

O segundo momento, como foi referido no capítulo 4, apresenta características específicas. Inicia-se com a produção de um pavimento de argila e terra batida, no qual, provavelmente, foram utilizados fragmentos cerâmicos provenientes do espaço a SE, referido na Introdução.

A faiança recuperada é minoritária quando comparada com o grande número de fragmentos de outras produções, estando representadas apenas algumas formas simples, destacando-se dois fragmentos de pratos, esmaltados a branco, sem decoração, com bordo em aba ou semicircular. Estão ainda presentes alguns fragmentos de taças, na maioria incompletos ou sem elementos distintivos, apresentando decoração em tons de azul, onde se pode discernir composições à base de elementos fitomórficos. O único exemplar completo é uma taça troncocónica (BBARR-08/09-2369), exibindo decoração com motivos geométricos, nomeadamente espirais, o que a identifica, muito provavelmente, com as produções apontadas para os finais do século XVI e século XVII (CASIMIRO, 2008, p.4). Compondo o conjunto material estão ainda vários exemplares

de pratos listados (BBARR-08/09-2347), semelhantes a peças exumadas no Mosteiro de S. João de Tarouca em níveis atribuídos à transição do século XVII para o século XVIII (CASTRO, SEBASTIAN, 2000, p.332), e pratos (BBARR-08/09-2350) oferecendo decoração em motivo de folhas verticais, comum a produções cerâmicas de 1635 até 1660 (CASIMIRO, 2011, p.660).

As porcelanas exumadas desta fase de ocupação são maioritariamente exemplares que não apresentam as superfícies decoradas, com algumas exceções. O fragmento de prato (BBARR-08/09-2461) apresenta na aba uma representação de montanha ou colina, um motivo muito comum, e presente em algumas peças da Casa-Museu Anastácio Gonçalves (MATOS, 1996, p.82-83), definidas como sendo produções da segunda metade do século XVI. Outro fragmento de prato (BBARR-08/09-2460) contém uma representação de um ganso, algo comum em peças de kraak porselein, existindo variações deste motivo de gansos ou grou, normalmente acompanhando motivos centrais de caris zoomórfico, sobretudo dois gamos num ambiente florestal, em vários pratos presentes na “Casa-Museu Anastácio Gonçalves” datados do reinado de Wan-li, mas baseando-se em originais do período Jia-Jing (CANEPA, 2008, p.28). O fragmento (BBARR-08/09-2466), também pertencente a um prato, destaca-se do anterior pela composição compartimentada da decoração, onde é possível observar painel, definido por cartela recortada a branco, sobre fundo em tom de azul-cobalto escuro, na qual foi reproduzida outra delimitação a azul, linear, mas igualmente recortada, no interior da qual foi produzida uma decoração de cariz fitomórfico. Este motivo repete-se no reverso, notando-se a presença dos painéis verticais que balizariam as cartelas. Peças com características muito semelhantes e presentes na Casa-Museu Anastácio Gonçalves (MATOS, 1996, pp.122-123), mostram igual compartimentação da aba, oferecendo uma decoração complexa de cariz paisagístico no medalhão central, com painéis que exibem decoração radiante, quer linear simples ou dual, os quais encerram representações dos oito objectos simbólicos estilizados intercalados por bandas verticais contendo decoração de escamas ou suásticas. Cronologicamente esta peça mostra afinidades com produções de período Wan-li (1572-1620) nomeadamente produções do século XVII, definindo alguns autores que a adopção da decoração compartimentada se terá generalizado em meados daquele reinado (CANEPA, 2008, p.29), tendo, no entanto, larga previvência, chegando ainda às produções Chongzhen (Ibidem, 2008, p.31).

As louças de cozinha recuperadas nestes contextos apresentam um grande conjunto de exemplares de panelas onde se registam tipologias similares aos exemplares recuperados no primeiro momento, como as panelas de bordo introvertido de perfil triangular (BBARR-08/09-957) (DIOGO, TRINDADE, 1997, pp.207 e 212), juntamente com formas novas como panelas (BBARR-08/09-956) de bordo em aba, extrovertido, perfeitamente atestada em níveis habitacionais datados do XV ao do XVI, em Silves (GOMES, GOMES, CARDOSO, 1996, pp.45-46). Acompanhando as panelas estão alguns exemplares de frigideiras (BBARR-08/09-979) que nos fragmentos recuperados não exibem as pegas horizontais aplicadas sobre o bordo. Estas produções encontram paralelos em peças exumadas na Calçada do Outeiro, com cronologias no século XVI (DIOGO, TRINDADE, 1997, pp.208 e 213).

Os alguidares formam a base das peças vidradas surgindo alguns exemplares de grandes dimensões, (BBARR-08/09-1766) com cerca de 340mm muito semelhante a produções recolhidas durante a intervenção no Poço-Cisterna de Silves, o que coloca a sua datação, no mais tardar, nos finais do século XVI (GOMES, GOMES, 1996, pp.162-167).

As peças de servir à mesa são formadas por um conjunto cerâmico complexo, com natureza muito distinta. As produções mais simples, de superfície lisa, surgem na forma de taças de bordo semicircular (BBARR-08/09-986), e corpo troncocónico que encontram paralelo em produções dos séculos XVI e XVII, já referidas para o primeiro momento (DIOGO, TRINDADE, 1997: 208 e 212) ou exemplares com a superfície vidrada em tom de verde-claro, destacando-se taças carenadas (BBARR-08/09-1759) ou de corpo hemisférico achatado.

A cultura material cerâmica é completada por alguns exemplares que demonstram uma vertente mais lúdica do quotidiano destas pessoas.

O apito cerâmico (BBARR-08/09-2550) produzido manualmente, provavelmente a nível local, apresenta-se como um espelho para algumas das actividades lúdicas menos representadas no registo arqueológico, e que compõe todo o conjunto de espólio não-produtivo que estava ao dispor destas pessoas, tanto adultos como crianças.

Os cachimbos representados por apenas três fragmentos, dois em grés, onde estão presentes fragmentos de fornalha (BBARR-08/09-2529) e de boquilha, e um em

cerâmica comum, também uma boquilha, apresentam-se como um registo interessante por espelharem o consumo de tabaco, um hábito recente na primeira metade do século XVII, e em particular em Portugal, mas que já levava à importação de peças holandesas para o seu consumo, e até a criação de produtos locais para responder às necessidades de consumo.

Acompanhando as cerâmicas está algum espólio vítreo, entre o qual destacamos um fragmento de copo, aparentemente cilíndrico, de vidro translucido, com decoração a branco segundo a técnica do latticino, de influência Veneziana, ou uma imitação desta, comum aos séculos XVI (FERREIRA, 2004 pp.561-562, MEDICI, 2004, p. 266).

III.2.10 – Síntese

O II momento apresenta uma natureza algo diferente do primeiro. Sendo composto basicamente por pavimento de barro e terra batida, com uma grande mistura de materiais cerâmicos, que foi espalhada sobre a calçada [584], este momento reflecte o desactivar do primeiro processo de pavimentação do local, e a sua substituição por um que se caracteriza pela sua impermeabilidade. Do mesmo modo, a colocação deste novo pavimento é acompanhada pela colocação de cinco fragmentos de mós¹, dispostos de forma a permitirem uma compartimentação do arqueossítio através da colocação de postes nos seus orifícios e o levantar de tabiques, possivelmente de madeira, o que poderá indicar a criação de áreas funcionais, e como tal a definição do local como espaço privado.

O espólio recuperado neste momento, muito dele oriundo do pavimento [583], contrasta claramente com aquele exumado na fase anterior. Predominam as peças de cerâmica comum, a vidrada e a faiança portuguesa, esta última formada por peças de reduzida qualidade e decoração simples, provavelmente destinadas às camadas menos abastadas.

¹ Na intervenção original foram apenas localizados quatro fragmentos de mó, dois junto ao actual emparedamento NO, e outros dois dividindo o espaço a meio no sentido OE. No entanto durante a intervenção de 2012 foi identificado uma quinta mó, no canto Sul.

As produções exógenas, como a porcelana chinesa, restringem-se a alguns fragmentos, de entre os quais se destacam produções específicas para os mercados ocidentais (BBARR-08/09-2460) e (BBARR-08/09-2466), reproduzindo motivos fitomórficos na aba, e grandes composições na cartela central, com motivos faunísticos ou paisagísticos, muito ao gosto europeu (CANEPA, 2008, p.26), que chegavam em quantidades avultadas tornando-as acessíveis a vários estratos da população.

O espólio vítreo parece reforçar esta mesma ideia, através do fragmento (BBARR-08/09-2500), pertencente a uma forma aberta, provavelmente um copo, produzido em vidro translúcido, e que nas superfícies exteriores oferece decoração de cor branca, em filigrana. A técnica decorativa é semelhante à usada em Veneza a partir do século XVI, sendo posteriormente adoptada por toda a Europa. Acreditamos, tendo em consideração o contexto em análise, que não se tratará de uma produção italiana importada, mas sim uma produção de imitação, talvez local, recorrendo a técnicas semelhantes, mas que reduziriam os custos de produção e permitiriam a sua presença em contextos mais medianos.

Comparando com o primeiro momento o espólio da segunda fase possui um cariz mais “doméstico”, surgindo menos disparidades entre a qualidade das produções presentes, algo compreensível se aceitarmos a sua ocupação por conjunto familiar que nele desempenha as suas funções quotidianas, e que procedeu à renovação do espaço inicial, ampliando assim a habitação original, a SE. O próprio processo de colocação do pavimento [583], da escadaria e das várias mós, reflecte esta circunstância, tendo sido reutilizados materiais e lixos oriundos, provavelmente da casa a SE, e da área circundante.

III.3 – Terceiro momento

O III momento segue a progressão notada no anterior, com as produções exógenas, nomeadamente as porcelanas chinesas, a assumir percentagens mínimas (0.8%) em detrimento de produções nacionais como a faiança, que agora compõe um quarto do total (26.3%).

O espólio apresenta uma realidade mais estável, com várias tipologias a apresentarem uma maior representatividade, o que pode ser um reflexo da cristalização da estrutura habitacional, que assim se manifesta na própria cultura material.

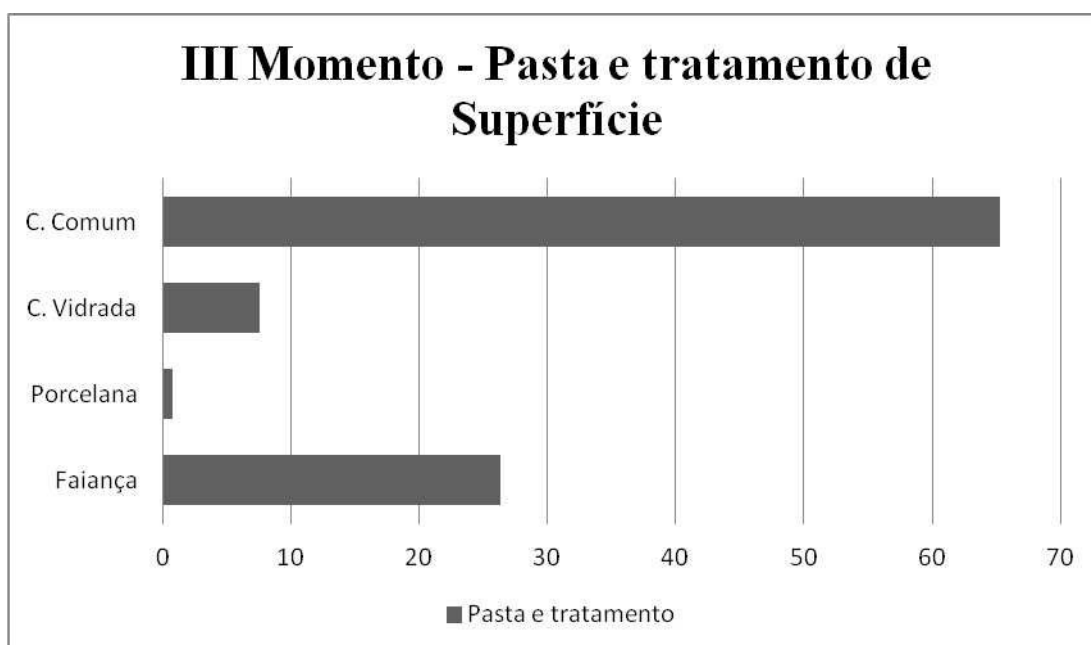


Gráfico 7. – Composição do III momento segundo as produções.

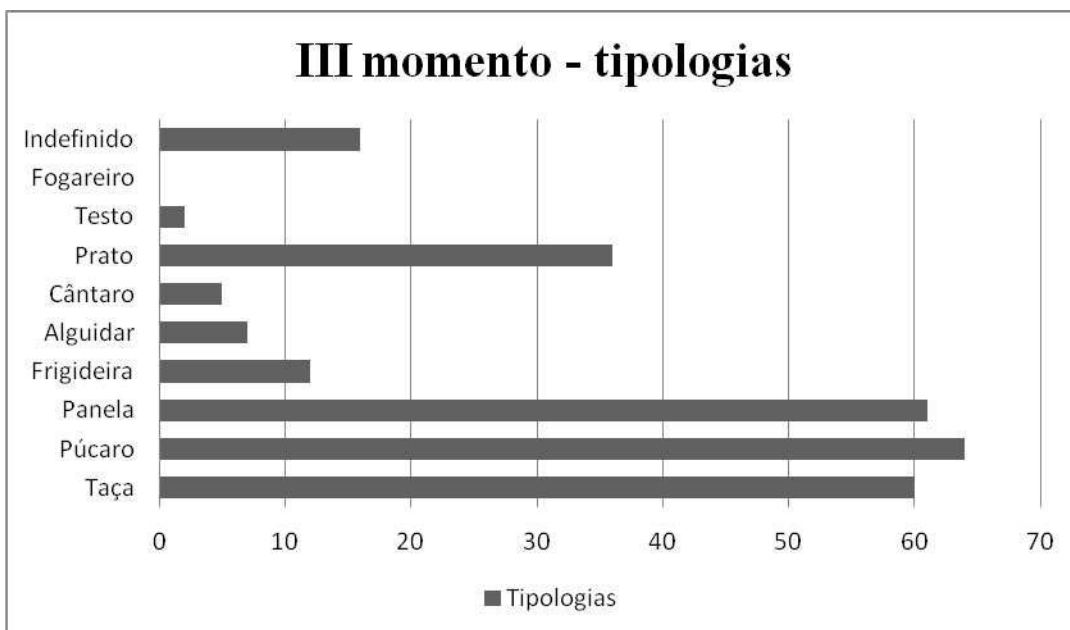


Gráfico 8. – Composição tipológica do III.

III.3.1 – Faiança

Prato covo (BBARR-08/09-2275) – fragmento contendo porção de bordo corpo e fundo. Apresenta bordo recto, biselado, corpo troncocónico e fundo plano assente em pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) e revestidas a esmalte branco, aderente e baço.

O diâmetro do bordo é de 120mm, sendo a espessura média 3mm.

Taça (BBARR-08/09-2272) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, de perfil semicircular, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) revestida com esmalte de estanho, aderente, e decoração a vinhoso. No anverso, ao nível do bordo desenvolve-se linha.

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 8mm.

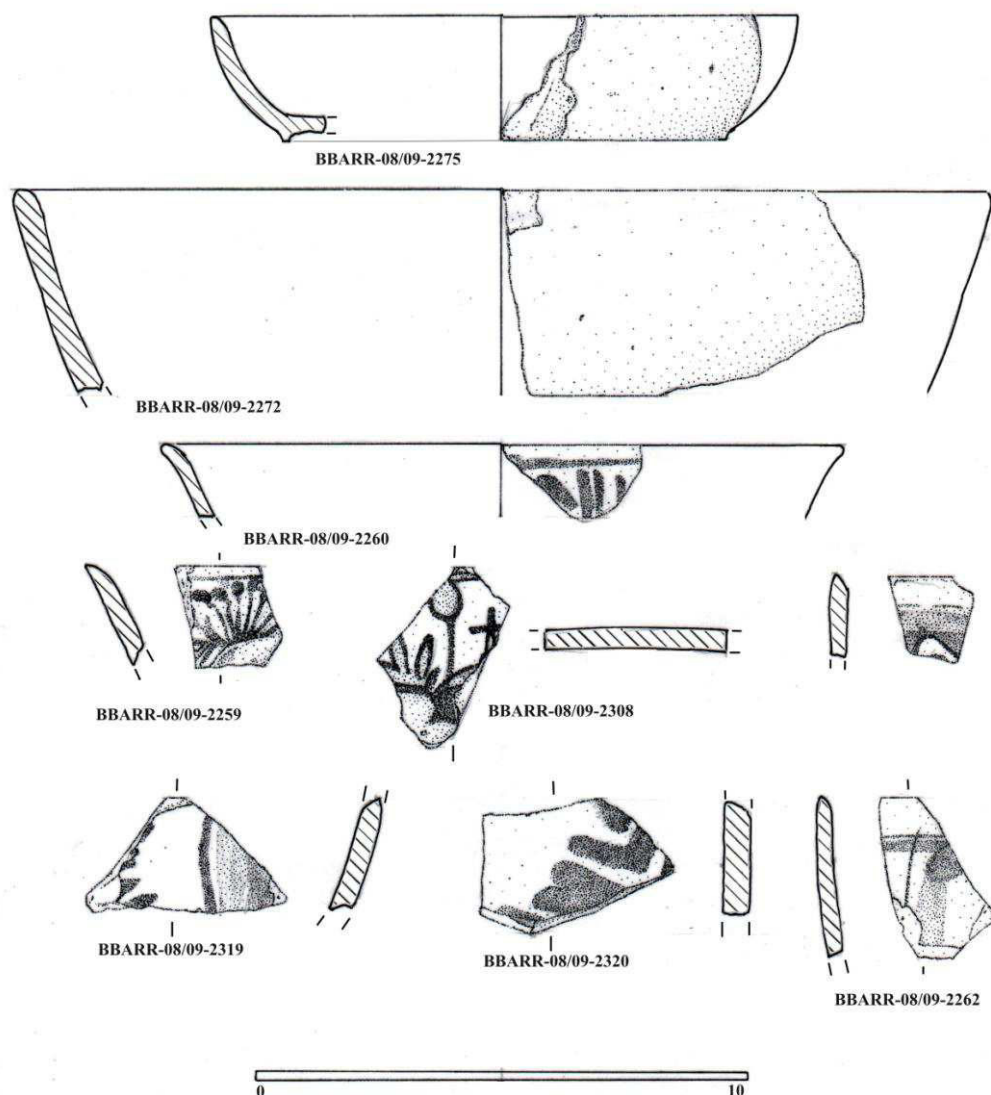


Fig.29. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do III momento.

Taça (BBARR-08/09-2259) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo extrovertido e as paredes, obliquas, mostram forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4) revestido a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração no anverso a azul-cobalto. Junto ao bordo desenvolve-se uma fina linha. Junto à qual se desenvolve decoração fitomórfica.

A largura é de 17mm, sendo a espessura média 3mm.

Taça (BBARR-08/09-2260) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo extrovertido e as paredes, oblíquas, mostram forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) revestido a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração no anverso a azul-cobalto. Junto ao bordo desenvolve-se linha longitudinal espessa. Junto à qual se desenvolve decoração fitomórfica.

O diâmetro do bordo é de 140mm, sendo a espessura média 3mm.

Taça (BBARR-08/09-2254) – fragmento contendo porção de bordo. Apresenta bordo extrovertido e paredes, oblíquas, mostrando forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (2.5Y 8/4) revestida com esmalte branco, aderente e brilhante, e decoradas em tom de azul-cobalto e vinho escuro. Junto ao bordo desenvolve-se linha azul, encimando decoração em contas azuis, delimitadas a vinho.

A largura é de 17mm, sendo a espessura média 3mm.

Prato (BBARR-08/09-2319) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta cor amarela (2.5Y 8/6) revestido a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. Oferece decoração em motivo de folhas, intercaladas por motivos fitomórficos.

A largura é de 61mm, sendo a espessura média 5mm.

Prato (BBARR-08/09-2320) – fragmento contendo porção de fundo. Apresenta fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) revestida a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. Ao centro oferece decoração de cariz fitomórfico.

A largura é de 38mm, sendo a espessura média 5mm.

Prato (BBARR-08/09-2277) – contendo porção de bordo e corpo. Apresenta forma troncocónica e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/4) revestida a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração a tom de azul-cobalto e vinho escuro. Junto ao bordo desenvolve decoração de “contas” estilizadas. No reverso apresenta marcas de trempe.

O diâmetro do bordo é de 240mm, sendo a espessura média 8mm.

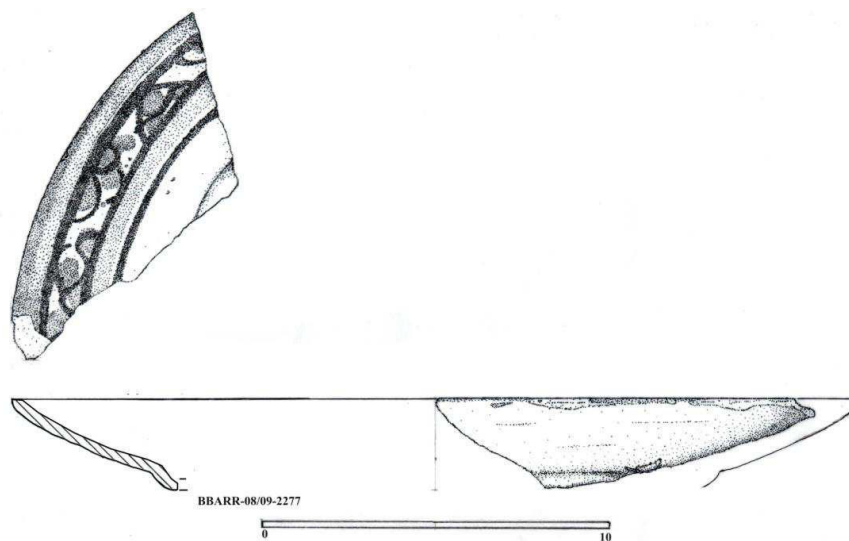


Fig.30. – Fragmento de prato de faiança portuguesa, decorado com motivo de “contas”, provenientes do III momento.

Prato (BBARR-08/09-2276) – fragmento contendo porção de bordo, corpo e fundo. Apresenta forma troncocónica, aba oblíqua e fundo plano de pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta amarela de cor (2.5Y 8/6) revestida a esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração a tom de azul-cobalto e vinho. Na aba oferece decoração de pêssegos e “aranhão”, a azul-cobalto e definidos a vinho. No reverso, na aba, desenvolve-se motivo fitomórfico a azul-cobalto.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 8mm.

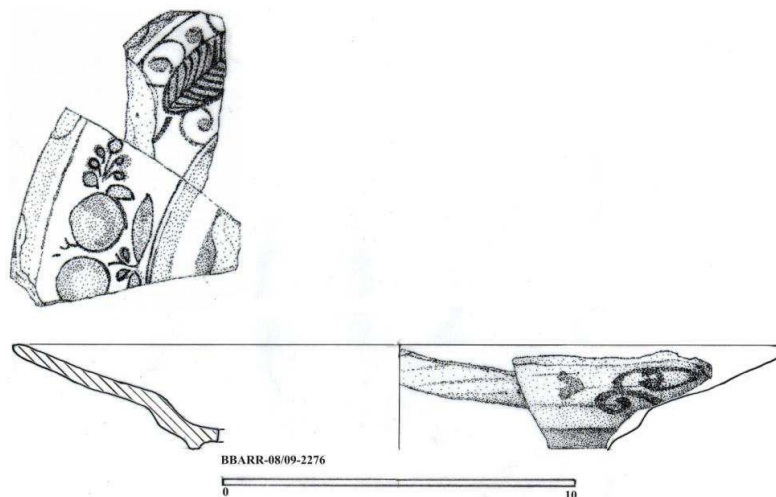


Fig.31. – Fragmento de prato de faiança portuguesa, decorado com pêsego e “aranhões”, proveniente do III momento.

III.3.2 – Porcelana

Prato (BBARR-08/09-2458) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo troncocónico.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A largura é de 40mm, sendo a espessura média 4mm.

Taça (BBARR-08/09-2457) – fragmento contendo porção de bordo. Apresente bordo extrovertido, com lábio de perfil semicircular.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Junto ao bordo, no reverso, apresenta decoração fitomórfica, mas que devido ao estado do fragmento é irreconhecível.

A largura é de 10mm, sendo a espessura média 1mm.

III.3.3 – Cerâmica vidrada

Alguidar (BBARR-08/09-1684) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo pendente, de lábio semicircular, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8) revestida internamente por vidro de chumbo de tom verde.

O diâmetro do bordo é de 320mm, sendo a espessura média de 8mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1687) – fragmento contendo porção de fundo. Apresenta fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8) revestido internamente a vidro de chumbo de tom melado.

A largura é de 34mm, sendo a espessura média 5mm.

Taça (BBARR-08/09-1694) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo carenado.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela-clara (2.5Y 8/4), revestidas a vidro de chumbo de tom verde, no interior, e de tom melado no exterior.

A largura é de 26mm, sendo a espessura média de 6mm.

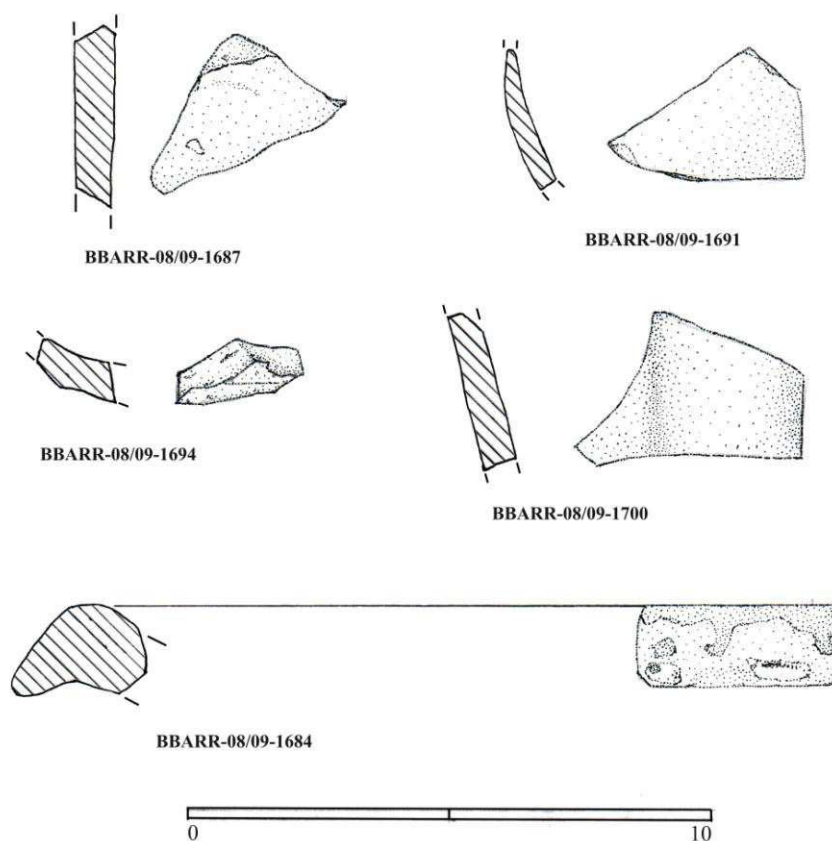


Fig.32. – Cerâmica vidrada, proveniente do III momento.

Pote (BBARR-08/09-1697) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta paredes bojudas.

O núcleo das paredes mostra pastas de cor vermelha (2.5YR 6/8), revestido de vidrado de chumbo de tom verde.

A largura é de 33mm, sendo a espessura média de 2mm.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1700) – fragmento contendo porção de parede. Paredes oblíqua denotando corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8), revestido a vidrado de chumbo, melado no interior, e verde escorrido no exterior.

A largura é de 44mm, sendo a espessura média 6mm.

III.3.4 – Cerâmica comum

Panela (BBARR-08/09-585) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é recto de perfil triangular, com topo aplanado, separado do corpo globular por chanfro.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 15mm.

O **Panela** (BBARR-08/09-590) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é vertical, de perfil sub-triangular, encimando colo estrangulado e corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha-clara (2.5YR 5/4)

O diâmetro do bordo é de 140mm, sendo a espessura média 12mm.

Panela (BBARR-08/09-592) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é introvertido, de perfil triangular, aplanado no topo, sobre um corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 240mm, sendo a espessura média 15mm.

Panela (BBARR-08/09-597) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é vertical semicircular, separado de um corpo ovalado alto por um filete longitudinal.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 140mm, sendo a espessura média 11mm.

Testo (BBARR-08/09-612) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, biselado, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 7mm.

Frigideira (BBARR-08/09-593) – fragmento contendo porção de bordo e corpo.
O bordo é extrovertido, encimando corpo troncocônico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 260mm, sendo a espessura média 12mm.

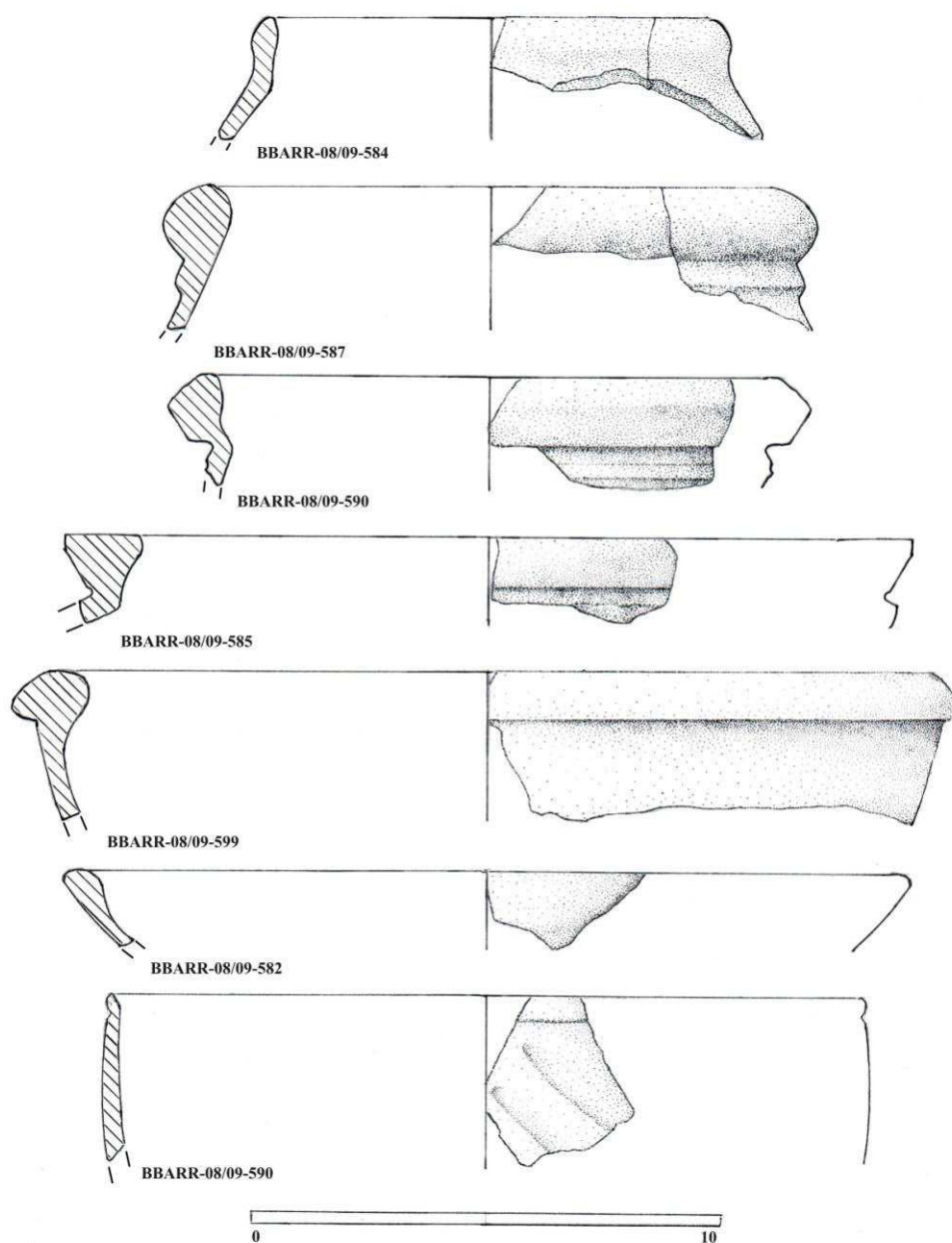


Fig.33. – Cerâmica comum, proveniente do III momento.

Frigideiras (BBARR-08/09-599) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é introvertido, algo pendente para o exterior, com lábio de perfil biselado, com corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/4).

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 15mm.

Taça (BBARR-08/09-596) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é ovalado, extrovertido, encimando corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 12mm.

Taça (BBARR-08/09-598) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é semicircular, dividido de corpo troncocónico por nervura.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 8mm.

Pote (BBARR-08/09-584) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. O bordo é recto, de perfil ovalado, encimando corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (7.5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 100mm, sendo a espessura média 5mm.

III.3.5 – Cachimbos

Cachimbo (BBARR-08/09-2524) – fragmento contendo porção de haste e fornalha. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 41mm o diâmetro de 7.1mm, com um diâmetro de orifício de 2.2mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2527) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a roletilha. Decoração oferece padrão de motivos geométricos triangulares, balizados por linha de motivos ovais.

A altura total da peça é de 24mm o diâmetro de 5.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.1mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2528) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a roletilha. Decoração oferece padrão de motivos geométricos triangulares, balizados por linha de motivos ovais.

A altura total da peça é de 60mm o diâmetro de 6.1mm, com um diâmetro de orifício de 2.1mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2523) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 39mm o diâmetro de 4.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

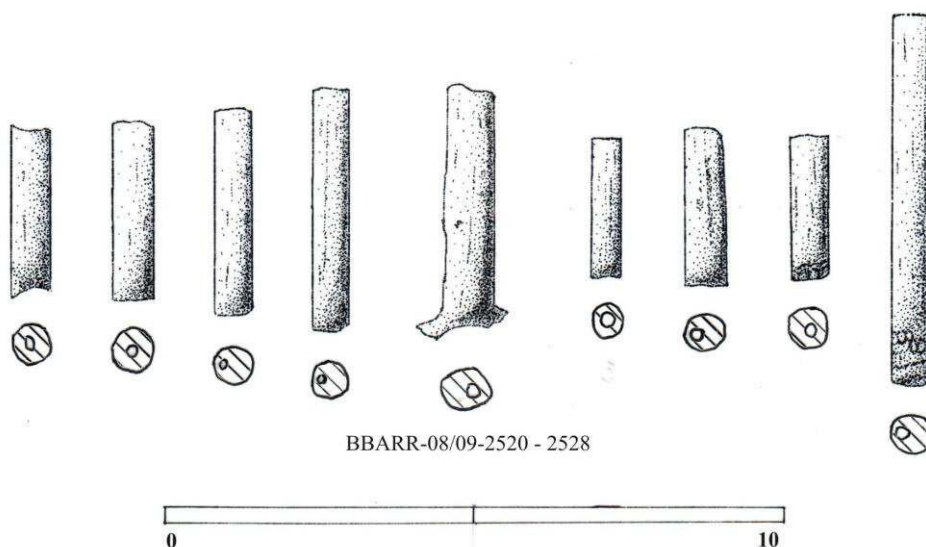


Fig.34. – Fragmentos de cachimbos, de grés, provenientes do III momento.

III.3.6 – Paralelos

O terceiro momento, conforme mencionámos no capítulo 4, é definido pelos materiais recuperados durante a exposição do pavimento [532], que resultam do selar desta calçada com a unidade estratigráfica [531], que exhibe, em média, 10-12 cm de espessura. Esta camada sedimentar acastanhada foi, por sua vez, usada para a implantação de um pavimento em soalho de madeira, registado apenas pelos negativos do travejamento [533], marcando o início do momento seguinte. A sua composição denota a premeditação do acto, estando nela presentes pedras de média dimensão e inúmeros lixos domésticos, dos quais as cerâmicas são o maior grupo.

A louça de servir à mesa forma o maior conjunto de peças exumadas neste momento, apresentando grande variedade formal e tipológica. De entre as produções em cerâmica comum predominam os exemplares de taças (BBARR-08/09-596) troncocónicas, de bordo semicircular ou ovalado, presentes em Palmela em níveis do XVI ao XVII (FERNANDES, CARVALHO, 1996, pp.214-246). As peças de faiança são, no entanto, o núcleo deste grupo, sendo compostas por várias tipologias, com diversos níveis de acabamento de superfície. As peças apenas esmaltadas a branco, incluem pratos covos (BBARR-08/09-2275), semelhantes a exemplares recuperados em

S. João de Tarouca, mas também taças “listadas” (BBARR-08/09-2272) a tom de vinho, com datação para a viragem do século XVII (CASTRO, SEBASTIAN, 2000, p.332). Os exemplares mais trabalhados oferecem decoração com motivos de “contas” (BBARR-08/09-2274) ou representações em torno de motivos orientais, como pêssegos e “aranhões” (BBARR-08/09-2276), em tom de azul-cobalto e definidas a linhas em tom de vinho, colocando-os nos finais do século XVII (CASIMIRO, 2011, pp.667-668).

Paradoxalmente, a porcelana é muito rara nesta fase do arqueossítio, reduzindo-se a um ou dois exemplares, os quais não apresentam decoração visível ou esta não se apresenta completa. No entanto, as tipologias são reconhecíveis, sendo compostas pelos típicos pratos de aba larga (BBARR-08/09-2458) e o que parece ser uma taça (BBARR-08/09-2457) provavelmente hemisférica.

A cerâmica de cozinha forma o segundo maior grupo, composta maioritariamente por cerâmica comum. As panelas apresentam-se como a forma principal, exibindo várias tipologias, nas quais se destacam exemplares de bordo recto, de perfil semicircular (BBARR-08/09-597), juntamente com outras presentes em momentos anteriores, com bordo introvertido de perfil triangular (BBARR-08/09-592), comuns noutros arqueossítios de Lisboa, e em locais como Palmela (FERNANDES, CARVALHO, 1996, p.212-213 e 235). As frigideiras formam ao lado das panelas o núcleo das peças de ir ao fogo, surgindo revestidas a vidro (BBARR-08/09-1687) verde ou melado, ou apenas lisas (BBARR-08/09-599), e apresentando sempre marcas de fogo. Assemelham-se muito a formas recuperadas em Palmela, em níveis datados do século XVII-XVIII (Ibidem, 1996, pp.213 e 239). Alguns pequenos contentores cerâmicos compõem este panorama, com destaque para alguns exemplares de potes (BBARR-08/09-1691), apresentando superfície lisa ou vidrada a tom de verde

Os alguidares (BBARR-08/09-1684) mantêm a sua tipologia básica, estando presentes exemplares de bordo pendente juntamente com outros de bordo extrovertido de perfil semicircular.

Os vasos-de-quarto também surgem neste contexto (BBARR-08/09-1700) reflexo da manutenção dos hábitos de higiene previamente notados.

A presença dos cachimbos neste momento denota o crescente consumo deste produto na área, tendo em conta a presença de um único fragmento na segunda fase de

construção. O conjunto é composto exclusivamente por fragmentos de haste, contendo dois exemplares decorados (BBARR-08/09-2528), exibindo padrão decorativo baseado em motivos geométricos aplicados por impressão, talvez via o rolamento da peça sobre um molde ou por roletilha, nos quais é possível definir dois padrões básicos – uma linha concêntrica, formada por pequenos motivos triangulares, que se desenvolve, em direção da fornalha, encerrada por outra composta por motivos semicirculares também aplicados por impressão. Estes motivos decorativos estão presentes nos espécimes oriundos da Holanda, ao qual se associa o ligeiro pedúnculo que se desenvolve sob a fornalha.

III.3.7 – Síntese

O terceiro momento apresentou-se como um importante momento de transição na história deste edificado. Como foi possível observar, esta fase foi marcada por uma clara reformulação da lógica de compartimentação do espaço, com a substituição de todos os elementos de cariz mais peregrino por outros mais resistentes.

A remodelação da área habitacional, terá permitido a criação de melhores condições neste espaço, com a colocação do pavimento [532], mas também dos dois pavimentos de tijoleira, a sudeste, [530], e dentro do armário, [556], provavelmente com vista a definir melhor estas áreas como espaços de armazenamento. Este desenvolvimento está igualmente presente no conjunto material, onde se nota a manutenção de um espólio claramente ligado às funções quotidianas, com as panelas e as frigideiras para a confecção dos alimentos e taças e pratos para o seu servir à mesa, os alguidares estariam presentes nas várias lidas domésticas, desde preparação alimentar à higiene, à qual estão também associados os vasos-de quarto. No entanto, podem ser notadas alterações em produções como a faiança, que ganham maior representatividade nesta fase, talvez associadas a uma tentativa de ornamentar o novo espaço habitacional, tendo algumas destas peças uma funcionalidade claramente estética, ou talvez a sua presença se deva apenas à procura de consumir uma produção local, que imita tipologias exógenas e que em certos casos apresentará benefícios face às produções de superfícies lisas, como no consumo de alimentos líquidos, como sopas ou ensopados. Pode ainda

observar-se o desenvolvimento de práticas como o consumo de tabaco, com recurso a cachimbos de grés importados dos Países Baixos, e que compõem este panorama doméstico. Cronologicamente, o conjunto material parece ser bastante homogéneo, predominando as faianças, o principal fósil-director, que o aponta para os finais do século XVII aos inícios do século XVIII.

É interessante notar que noutros contextos lisboetas que apresentavam uma realidade material igualmente mediana, nomeadamente numa habitação escavada na Encosta de Santana (CASIMIRO, 2011, p.676-677), foi observada uma situação semelhante, onde a cerâmica comum e vidrada formava os serviços de cozinha e armazenamento, sendo as peças esmaltadas a base dos serviços de mesa. Deparamo-nos assim com marcas do processo de expansão do consumo de uma produção, que como observamos nos primeiros dois momentos, se manteve muito restrita durante finais do século XVI e primeira metade do século XVII. A crescente produção de faiança portuguesa pelas inúmeras olarias espalhadas pelo país terá, muito certamente, alargado a base de consumo, permitindo às famílias mais modestas ter acesso a estas peças. Da mesma forma, as tipologias que compõe este conjunto, as taças e os pratos, são, na maioria, apenas esmaltadas a branco ou levemente decoradas, com listas a tom de azul-cobalto, sendo estas peças certamente mais baratas que os exemplares decorados, os quais, embora apelativos, seriam desnecessários para uma família que neles apenas procurava funcionalidade, nomeadamente as suas propriedades térmicas, e a facilidade na sua limpeza.

III.4 – IV momento

Sendo o culminar da evolução observada ao longo das várias fases, o quarto momento assemelha-se ao anterior, com as porcelanas a manterem uma percentagem reduzida (1.2%) e as produções de superfície vidrada e a faiança portuguesa a crescerem (17.2% e 31.4% respectivamente). A evolução destas produções contrasta com a estabilidade da cerâmica comum que ao longo dos vários momentos sempre compôs mais de metade do conjunto, embora com uma evolução algo descendente (de 70.6% no I momento a 50.2% no IV momento).

O conjunto material apresenta semelhanças com o do III momento, destacando-se as peças de cozinha ou de servir à mesa, contrapondo, por exemplo o primeiro momento onde as tipologias definidas são pontuais.

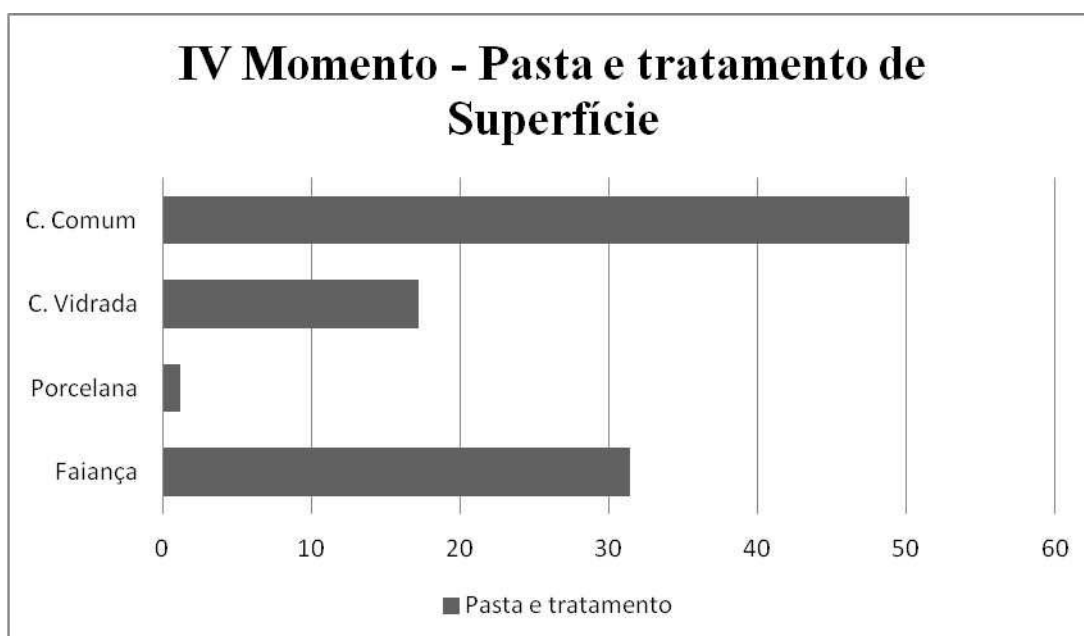


Gráfico 9. – Composição do IV momento segundo as produções.

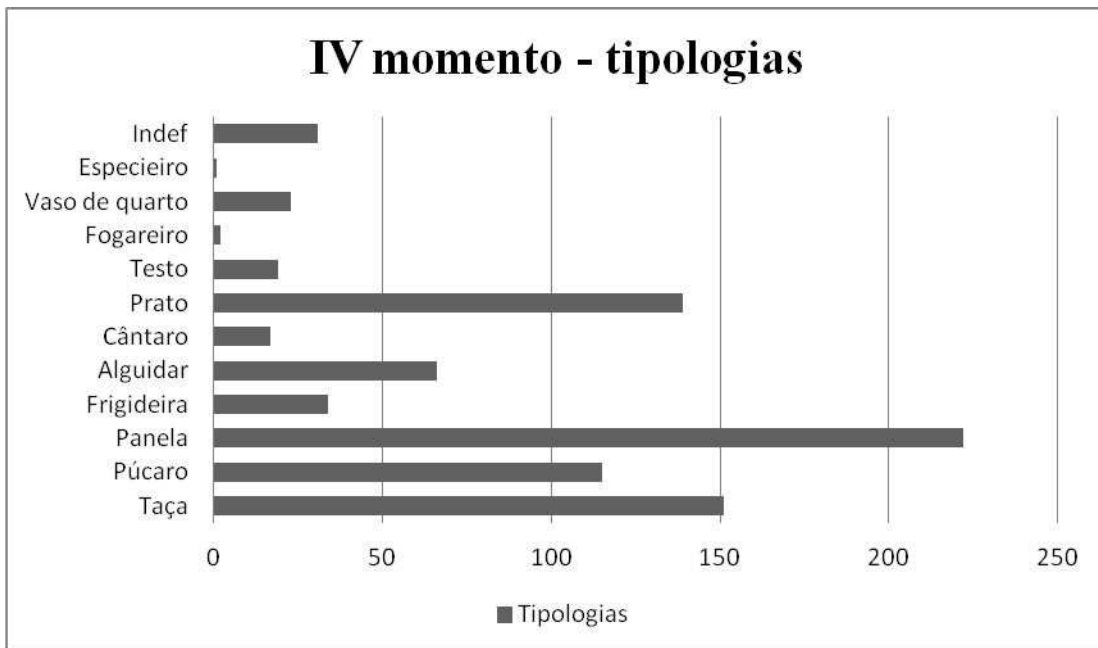


Gráfico 10. – Composição tipológica do IV momento.

III.4.1 – Faiança

Prato covo (BBARR-08/09-2248) perfil completo. Apresenta bordo recto de perfil biselado, corpo troncocónico, e fundo plano de pé anelar.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4), revestida de esmalte de estanho.

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 7mm.

Prato (BBARR-08/09-2249) – fragmento contendo porção de bordo corpo e fundo. Apresenta bordo recto, biselado, corpo troncocónico e fundo plano assente em pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) e revestidas a esmalte branco, aderente e baço.

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 6mm.

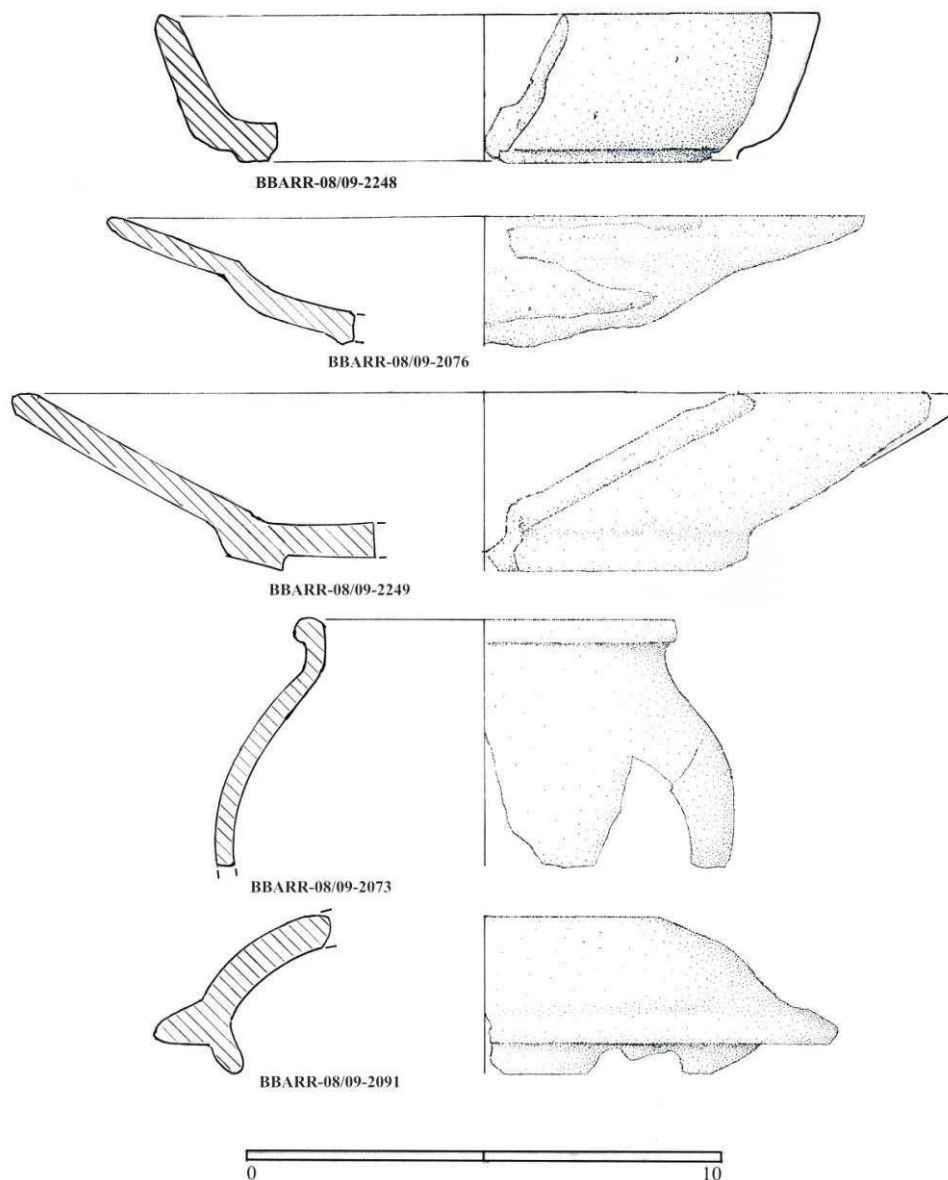


Fig.35. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento.

Prato de ônfalo (BBARR-08/09-2076) – fragmento contendo porção de bordo corpo e fundo. Apresenta bordo recto, biselado, corpo troncocónico e fundo plano assente em pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) e revestidas a esmalte branco, aderente e baço.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 8mm.

Copo (BBARR-08/09-2018) – perfil completo. Apresenta bordo algo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, paredes oblíquas, denotando forma troncocônica e fundo plano em pé anelar.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas de esmalte de estanho, e decoração a azul-cobalto. Oferece, no reverso, decoração de cariz oriental.

O diâmetro do bordo é de 66mm e o do fundo 38mm, sendo a espessura média 2mm.

Copo (BBARR-08/09-1984) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo algo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, paredes oblíquas, denotando forma troncocônica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas de esmalte de estanho, e decoração a azul-cobalto. Oferece, no reverso, decoração de cariz oriental.

O diâmetro do bordo é de 66mm, sendo a espessura média 2mm.

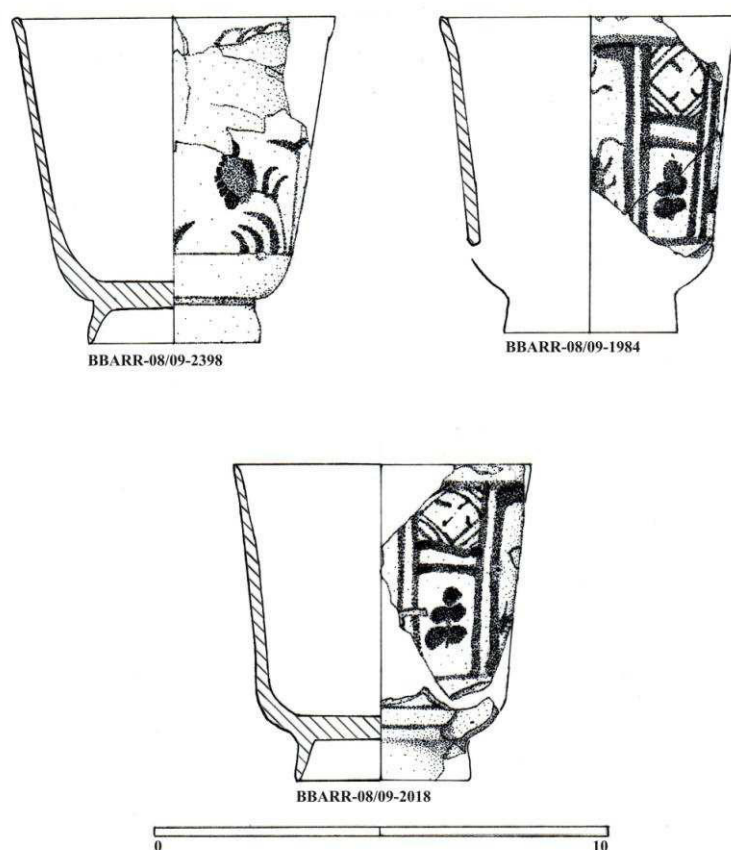


Fig.36. – Copos de faiança portuguesa, decoradas com motivos ou temáticas orientais, provenientes do IV momento.

Copo (BBARR-08/09-2398) – Perfil completo. Apresenta bordo algo extrovertido, com lábio de perfil semicircular, paredes oblíquas, denotando forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas de esmalte de estanho, e decoração a azul-cobalto. Oferece, no reverso, decoração com motivos fitomórfico, a traço fino.

O diâmetro do bordo é de 66mm e de fundo 38mm, sendo a espessura média 2mm.

Pote (BBARR-08/09-2073) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, lábio semicircular, colo estrangulado e corpo ovoide.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4) e revestidas a esmalte branco, aderente e baço.

O diâmetro do bordo é de 70mm, sendo a espessura média 3mm.

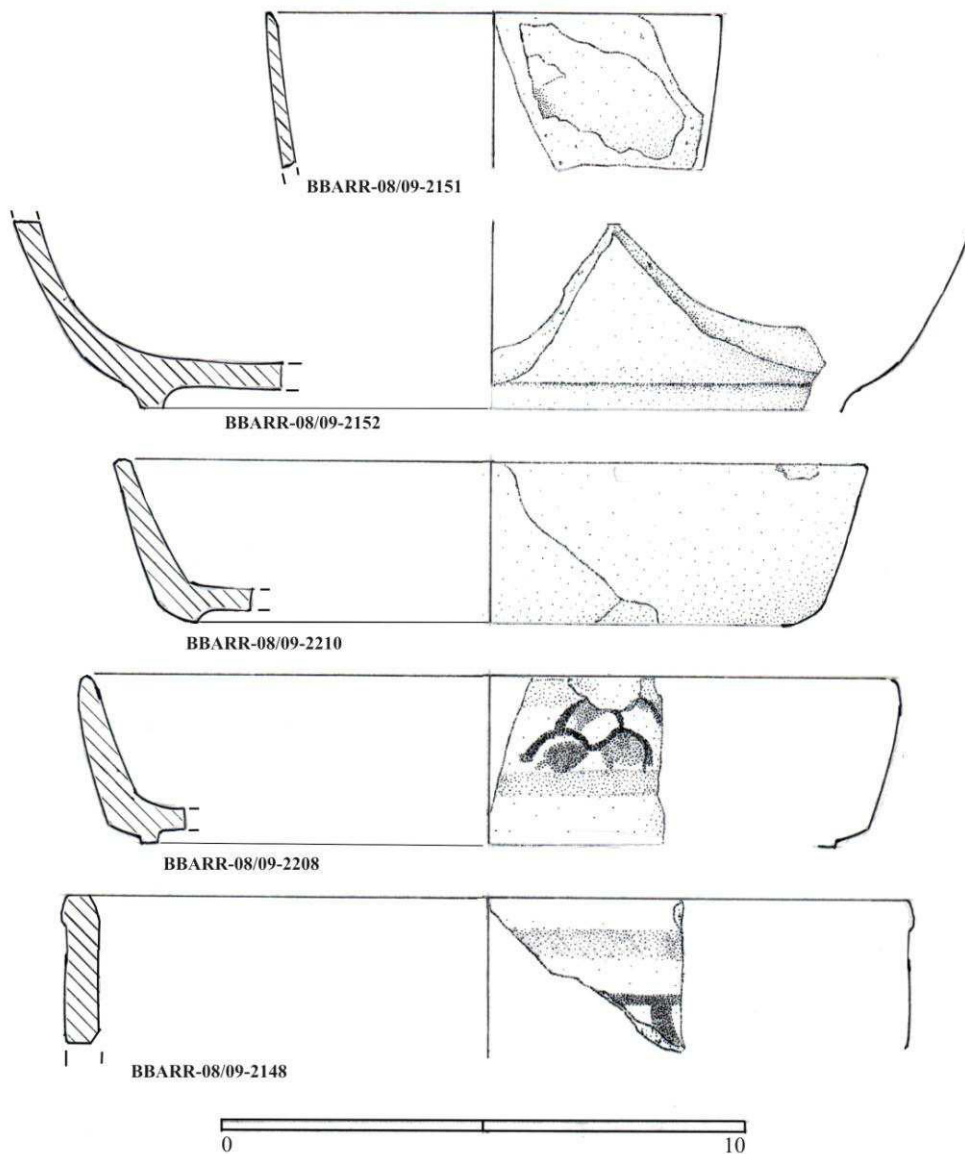


Fig.37. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento.

Testo (BBARR-08/09-2091) – perfil completo. Apresenta corpo hemisférico, e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela clara (2.5Y 8/4) e revestidas a esmalte branco, aderente e baço.

O diâmetro do bordo é de 148mm, sendo a espessura média 7mm.

Prato (BBARR-08/09-2077) – fragmento contendo porção de bordo, corpo e fundo. Apresenta forma troncocónica e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), cobertas por esmalte de estanho, aderente e brilhante, e decoração a tom de azul-cobalto. O anverso apresenta decoração listada, com linha pintada no bordo, onde apresenta sobreposição do traço, e duas concêntricas ao centro. A peça exhibe marcas de trempes tanto no anverso como no reverso.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 6mm.

Prato (BBARR-08/09-2066) – fragmento contendo porção de bordo, corpo e fundo. Apresenta forma troncocónica e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6) cobertas de esmalte, aderente e brilhante, de tom branco, e decoração em tom de azul-cobalto. O anverso oferece decoração reticulada, produzida a traço espesso, balizado por motivos vegetalistas.

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 5mm.

Prato (BBARR-08/09-2072) – fragmento de prato contendo porção de bordo, corpo e fundo. Apresenta forma troncocónica e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (5YR 6/8), oferecem esmalte de estanho, aderente e algo baço, e decoração em tom de azul-cobalto e vinho. O anverso decorado com representação de pêssego.

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 6mm.

Prato (BBARR-08/09-2071) – fragmento de prato contendo porção de bordo, corpo e fundo. Apresenta forma troncocónica e aba oblíqua.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), oferecem esmalte de estanho, aderente e algo baço, e decoração em tom de azul-cobalto e vinho. O anverso decorado com representação de “aranhão”.

O diâmetro do bordo é de 220mm, sendo a espessura média 6mm.

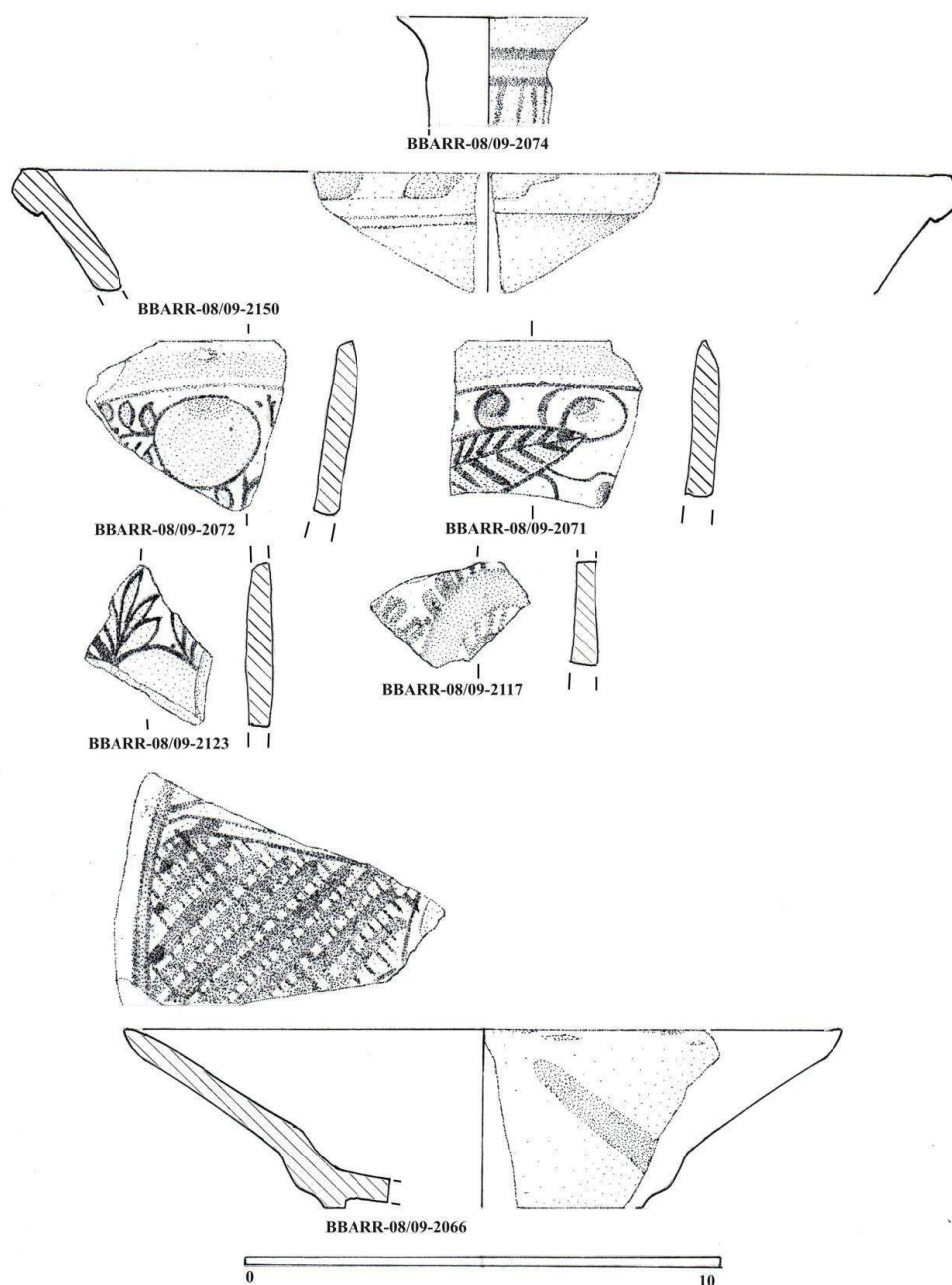


Fig.38. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento.

Garrafa (BBARR-08/09-2074) – fragmento contendo porção de bordo e gargalo. Apresenta bordo extrovertido, em aba curta, encimando gargalo alto cilíndrico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestido a esmalte branco, aderente e brilhante, e decoração a azul-cobalto. Oferece decoração linha sob a aba, e bateria e linhas verticais.

O diâmetro do bordo é de 40mm, sendo a espessura média 2mm.

Especieiro/saleiro (BBARR-08/09-1826) – perfil completo. Compendo ainda a louça de mesa destaca-se ainda um especieiro/saleiro, contendo bordo recto, aplanado, e fundo plano, assente em pé baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha clara (2.5YR 6/8) superfície interna oferece revestimento a esmalte estanífero, quase transparente, e pouco aderente.

O diâmetro do bordo é de 80mm, sendo a espessura média 6mm.

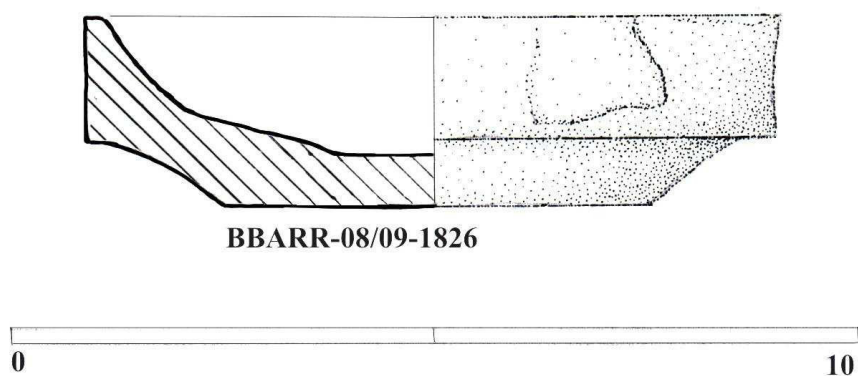


Fig. 39. – Especieiro esmaltado a branco, proveniente do IV momento.

III.4.2 – Porcelana

Prato (BBARR-08/09-2453) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo troncocônico.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5), decoradas a azul-cobalto. Junto ao bordo, no reverso, apresenta decoração fitomórfica, balizada por cartelas recortada em tom branco e azul, no reverso oferece motivo fitomórfico.

A largura é de 25mm, sendo a espessura média 1mm.

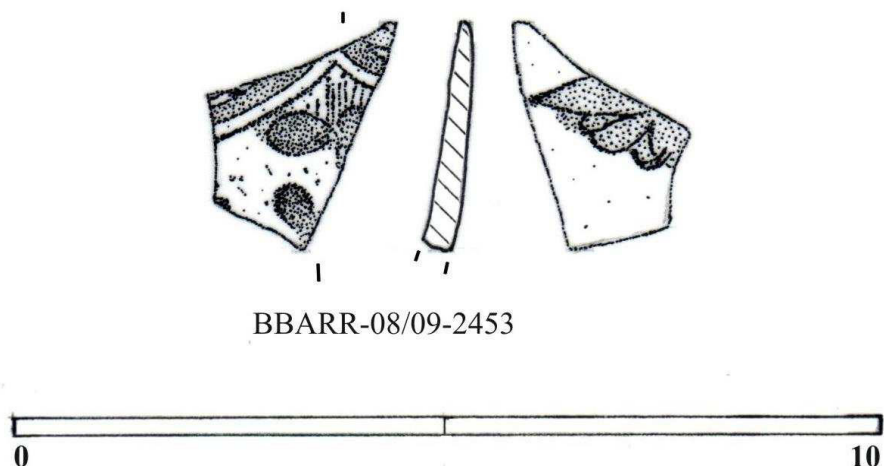


Fig.40. – Fragmento de porcelana, proveniente do IV momento.

III.4.3 – Cerâmica vidrada

Panela (BBARR-08/09-1576) – perfil completo. Apresenta bordo introvertido, com lábio algo extrovertido de perfil semicircular, encimando corpo globular assente num fundo plano. Duas asas horizontais, opostas, desenvolvem-se na área mesial superior e no colo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela clara (10YR 8/2), revestidas com vidrado de tom verde no interior.

O diâmetro do bordo é de 180mm, sendo a espessura média 5mm.

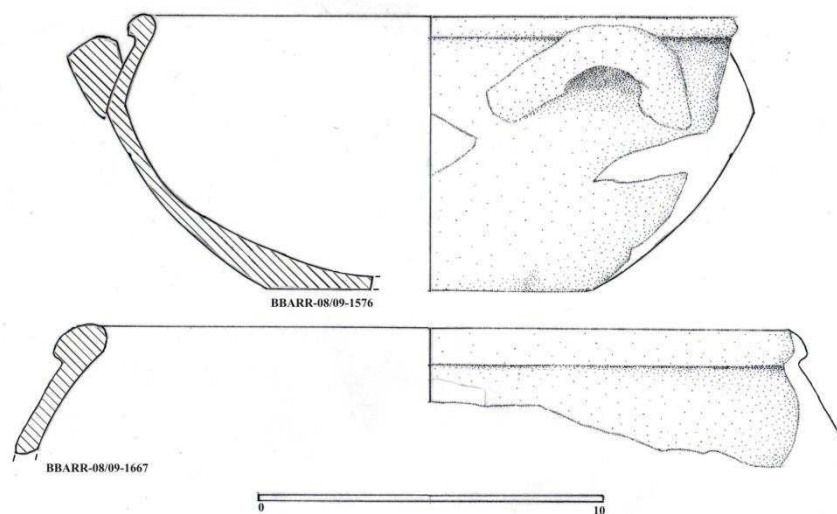


Fig.41. – Cerâmica vidrada, recipientes fechados, provenientes do IV momento.

Frigideira (BBARR-08/09-1569) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto ou algo introvertido, com lábio de perfil semicircular ou biselado, com corpo troncocónico ou sub-hemisférico, por vezes apresentando carena suave, assente num fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (2.5Y 8/2). Oferece vidrado na sua superfície interior de tom melado, apresentando profundas marcas de fogo no exterior.

O diâmetro do bordo é de 260mm, sendo a espessura média 4mm.

Taças (BBARR-08/09-1731) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, de lábio semicircular, encimando um corpo hemisférico exibindo uma carena suave.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor de tom vermelho (5YR5/6). No seu interior a peça oferece vidrado verde-claro.

O diâmetro do bordo é de 200mm, sendo a espessura média 4mm.

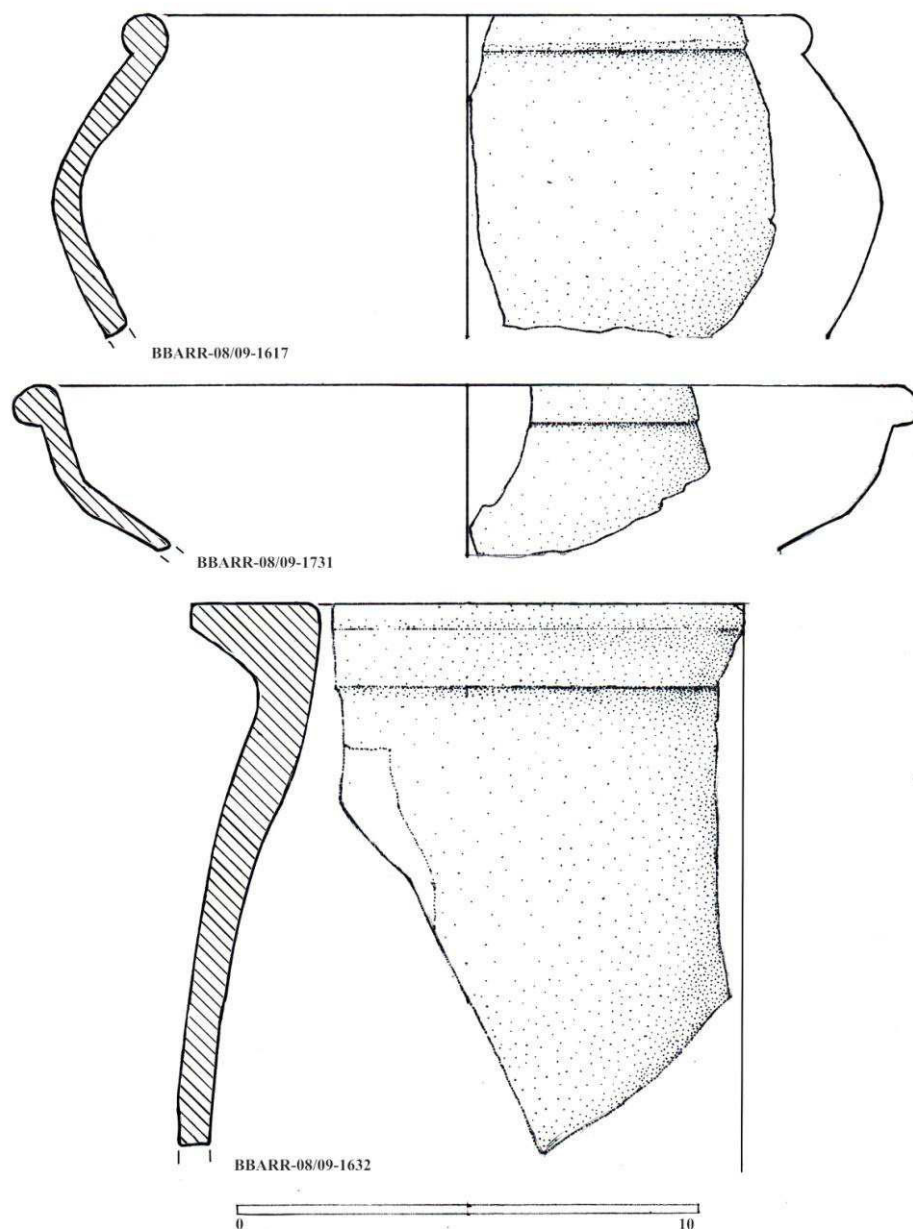


Fig.42. – Cerâmica vidrada, proveniente do IV momento.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1632) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, em aba de perfil triangular, assente sobre corpo cilíndrico algo convexo e terminando em fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor de tom vermelho (5YR5/6).

O diâmetro do bordo é de 240mm, sendo a espessura média 9mm.

Vaso de quarto (BBARR-08/09-1610) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba larga, com lábio de perfil semicircular, corpo cilíndrico recto, e terminando em fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor de tom vermelho (5YR5/6).

O diâmetro do bordo é de 164mm, sendo a espessura média 9mm.

Prato (BBARR-08/09-1825) – peça completa. Apresenta corpo troncocónico e asa oblíqua. Paredes exibem pasta de tom amarelo, revestidas internamente por vidro de chumbo de tom verde, e decoradas por estampilhagem.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela pálida (2.5Y 8/2). Ao centro apresenta cinco impressões por estampilha, de um motivo floral.

O diâmetro do bordo é de 260mm, sendo a espessura média 6mm.

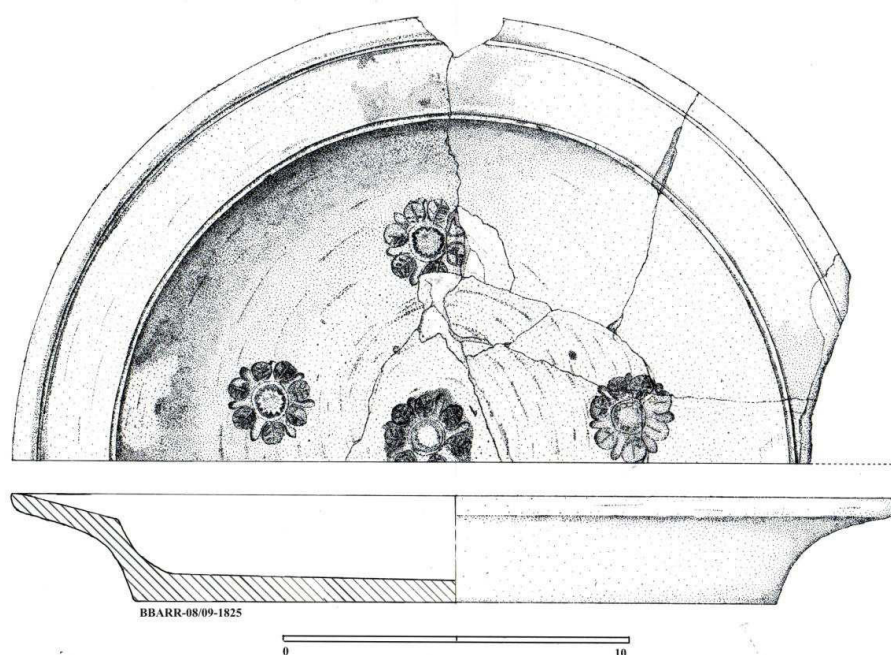


Fig.43. – Prato vidrado a verde, decorado com estampa fitomórfica, provenientes do IV momento.

III.4.4 – Cerâmica comum

Panela (BBARR-08/09-546) – fragmento de contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, com lábio extrovertido de perfil semicircular, seguido de colo alto e corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 300mm, sendo a espessura média 6mm.

Panela (BBARR-08/09-548) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, de lábio extrovertido de perfil semicircular, e paredes obliquas que denotam corpo bojudo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 140mm, com uma espessura de 4mm.

Panela (BBARR-08/09-545) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, sub-triangular, com um colo algo concavo, demarcado do corpo por um filete.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 180mm, com uma espessura de 10mm.

Panela (BBARR-08/09-290) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, colo estrangulado separado de corpo bojudo por nervura.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 6/8).

O diâmetro do bordo é de 220mm, com uma espessura de 7mm.

Panela (BBARR-08/09-428) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, semicircular, separado de colo por nervura, desenvolvendo-se em corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 180mm, com uma espessura de 8mm.

Paneta (BBARR-08/09-430) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, semicircular, separado de colo por nervura, desenvolvendo-se em corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6)

O diâmetro do bordo é de 204mm, com uma espessura de 12mm.

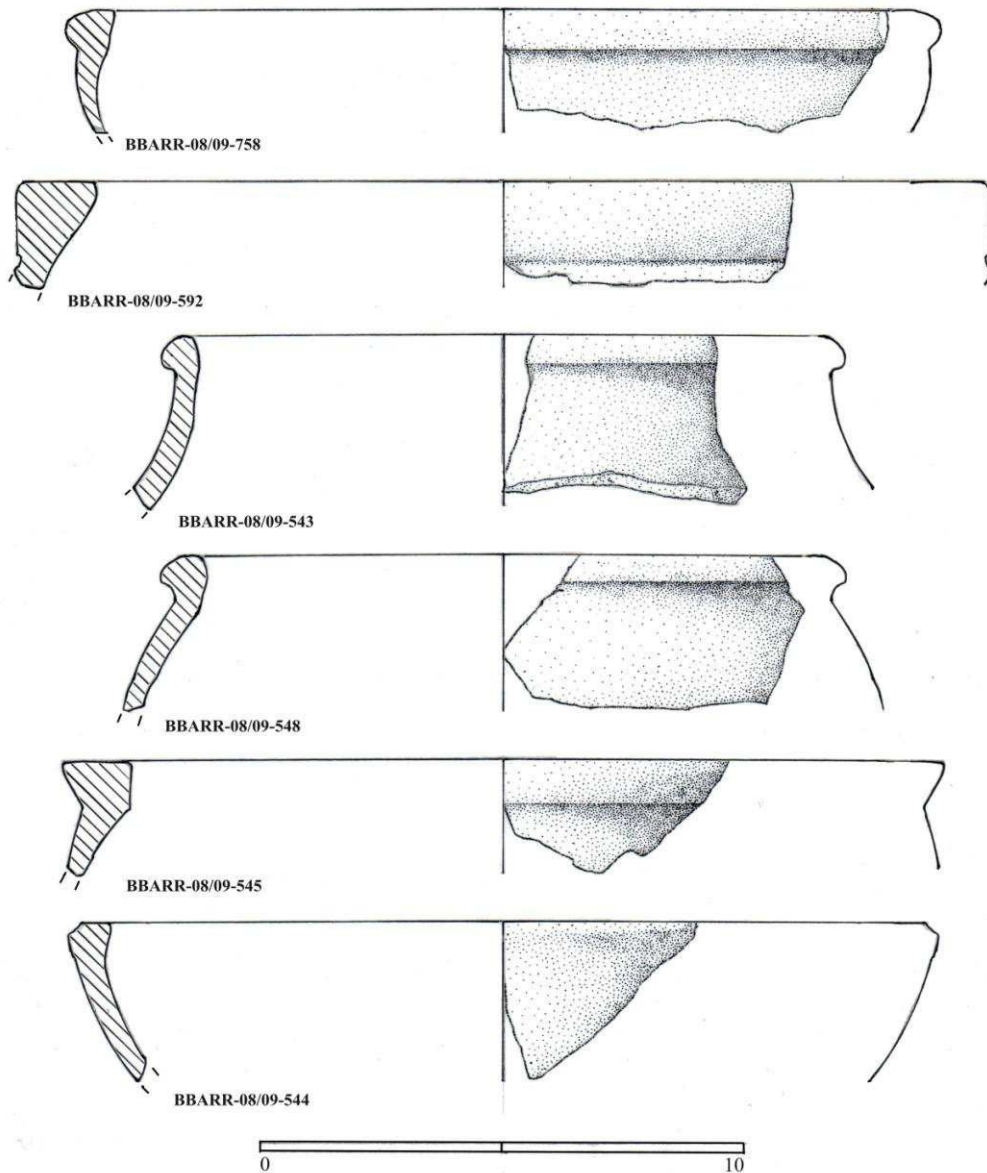


Fig.44. – Cerâmica comum, recipientes fechados, provenientes do IV momento.

Panela (BBARR-08/09-286) – fragmento contendo porção de bordo, corpo e asa. Apresenta bordo recto, com lábio extrovertido de perfil semicircular, encimando colo alto, corpo bojudo, marcado por asa ovalada de fita partindo do bordo e terminando no corpo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6)

O diâmetro do bordo é de 120mm, com uma espessura de 6mm.

Panela (BBARR-08/09-517) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, ovalado, espessado internamente, aplanado no topo, seguido de corpo bojudo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 320mm, com uma espessura média de 15mm.

Panela (BBARR-08/09-287) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de perfil semicircular e aplanado no topo, encimando colo côncavo e corpo bojudo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (2.5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 300mm, com uma espessura média de 15mm.

Frigideira (BBARR-08/09-547) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, algo pendente, de lábio semicircular, e corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 240mm, com uma espessura média de 8mm.

Testo (BBARR-08/09-444) – fragmento de bordo e corpo. Apresenta forma troncocónica com bordo recto de perfil semicircular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/6).

O diâmetro do bordo é de 160mm, com uma espessura média de 3mm.

Testo (BBARR-08/09-443) – fragmento de bordo e corpo. Apresenta forma troncocónica com bordo pendente, com lábio de perfil biselado.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha acastanhada (5YR 4/4).

O diâmetro do bordo é de 220mm, com uma espessura média de 5mm.

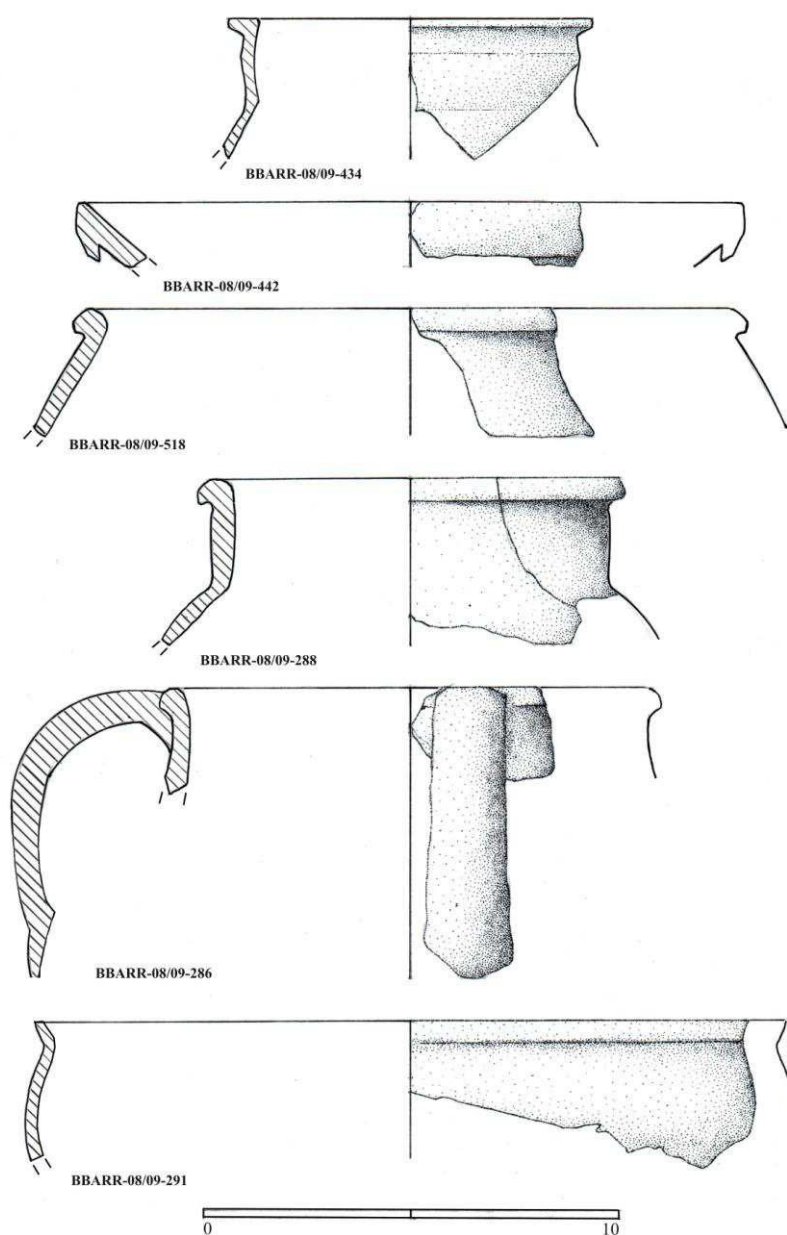


Fig.45. – Cerâmica comum, recipientes fechados e frigideira, provenientes do IV momento.

Frigideira (BBARR-08/09-435/509) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, de perfil triangular, encimando corpo troncocónico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (7.5YR 8/4).

O diâmetro do bordo é de 300mm, com uma espessura média de 5mm.

Prato (BBARR-08/09-426) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo em aba larga, com lábio de perfil semicircular, ressalto curto, e assente em fundo de pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 5/4).

O diâmetro do bordo é de 280mm, com uma espessura média de 5mm.

Prato (BBARR-08/09-416) – perfil completo. Apresenta bordo em aba, com lábio de perfil semicircular, ressalto curto, e assente em fundo de pé anelar baixo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha avermelhada (5YR 6/6).

O diâmetro do bordo é de 420mm, com uma espessura média de 4mm.

Taça (BBARR-08/09-544) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo introvertido, com lábio de perfil triangular, e paredes oblíquas, denotando forma troncocónica.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor vermelha (5YR 6/6).

O diâmetro do bordo é de 180mm, com uma espessura média de 5mm.

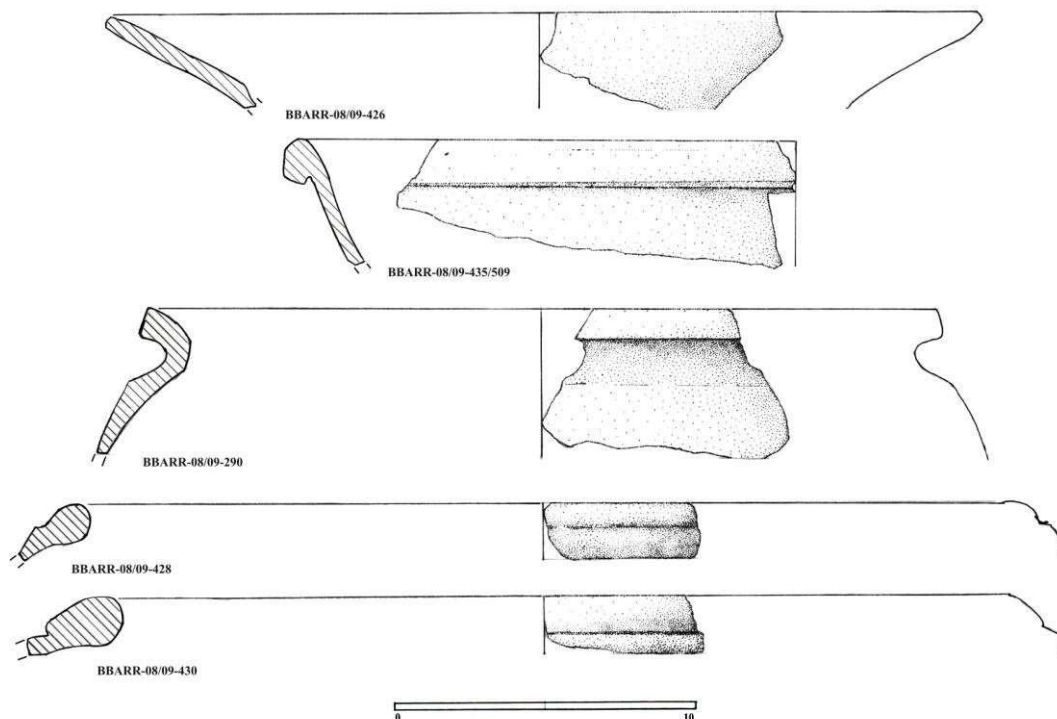


Fig.46. Cerâmica comum, prato, recipientes fechados e frigideira, provenientes do IV momento.

Fogareiro (BBARR-08/09-088) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentando bordo introvertido, de lábio ovalado, seguido de um corpo troncocônico, faltando toda a secção inferior do corpo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha clara (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 260mm, com uma espessura média de 8mm.

Fogareiro (BBARR-08/09-089) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresentando bordo extrovertido, em aba, de lábio canelado, colo estrangulado, seguido de um corpo troncocônico, faltando toda a secção inferior do corpo.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha clara (5YR 7/6).

O diâmetro do bordo é de 198mm, com uma espessura média de 14mm.

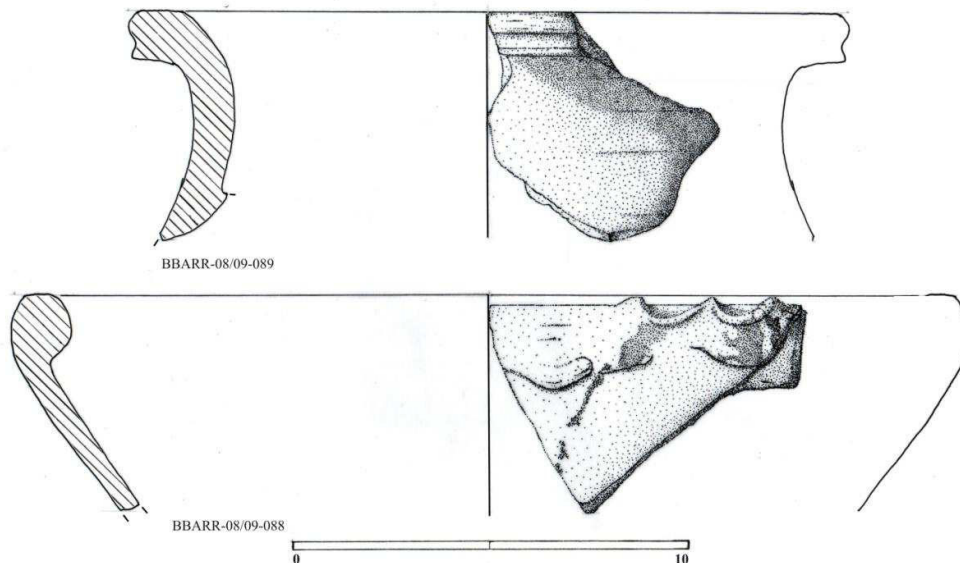


Fig.47. – Fogareiros, provenientes do IV momento.

III.4.5 – Cerâmica Manual

Frigideira (BBARR-08/09-1834) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, de lábio de perfil semicircular, encimando corpo hemisférico, que termina em fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho.

O diâmetro do bordo é de 280mm, com uma espessura média de 14mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1835) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo extrovertido, de lábio de perfil semicircular, encimando corpo hemisférico, que termina em fundo plano.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho.

O diâmetro do bordo é de 285mm, com uma espessura média de 14mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1836) – perfil completo. Apresenta fundo plano, com indícios de corpo hemisférico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho.

A altura total é 65mm, diâmetro do bordo de 282mm, com uma espessura média de 14mm.

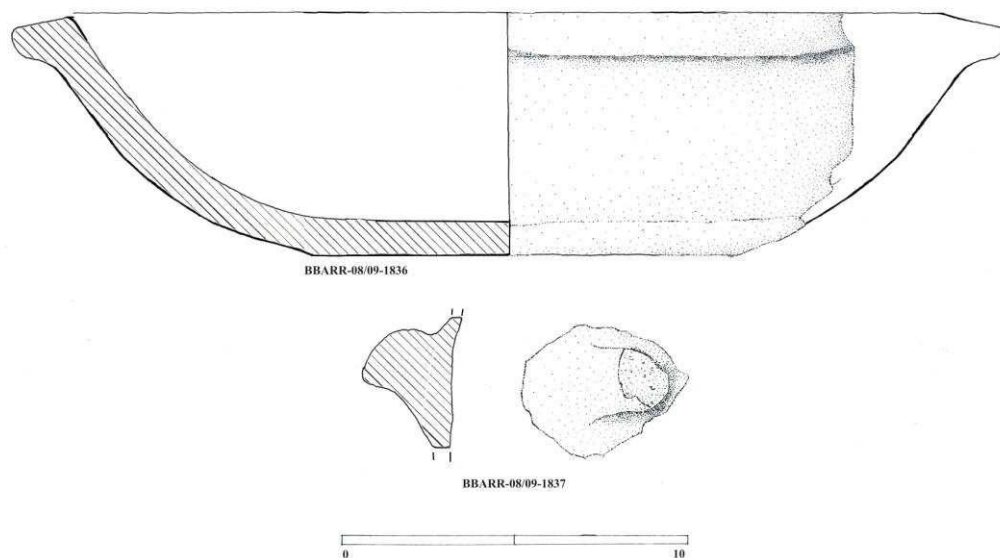


Fig.48. – Cerâmicas manuais, forma aberta e arranque de asa, provenientes do IV momento.

Copo (BBARR-08/09-1852) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo troncocônico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho. A externa apresenta marcas de fogo.

A largura é de 28mm, com uma espessura média de 2mm.

Panela (BBARR-08/09-1853) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, com lábio de secção semicircular, encimando colo liso.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom alaranjada.

O diâmetro do bordo é de 130mm, com uma espessura média de 8mm.

Panela (BBARR-08/09-1847) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, com lábio de secção semicircular, encimando colo liso.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom alaranjada.

O diâmetro do bordo é de 140mm, com uma espessura média de 9mm.

Panela (BBARR-08/09-1832) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto de lábio de secção semicircular, encimando colo alto, recto, que se desenvolve em corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/4), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom castanho.

O diâmetro do bordo é de 144mm, com uma espessura média de 8mm.

Panela (BBARR-08/09-1833) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto de lábio de secção semicircular, encimando colo alto, recto, que se desenvolve em corpo globular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (7.5YR 4/4), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom castanho.

O diâmetro do bordo é de 140mm, com uma espessura média de 9mm.

Panela (BBARR-08/09-1831) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto de lábio de secção semicircular, encimando colo curto.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (7.5YR 4/4), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom castanho.

O diâmetro do bordo é de 190mm, com uma espessura média de 9mm.

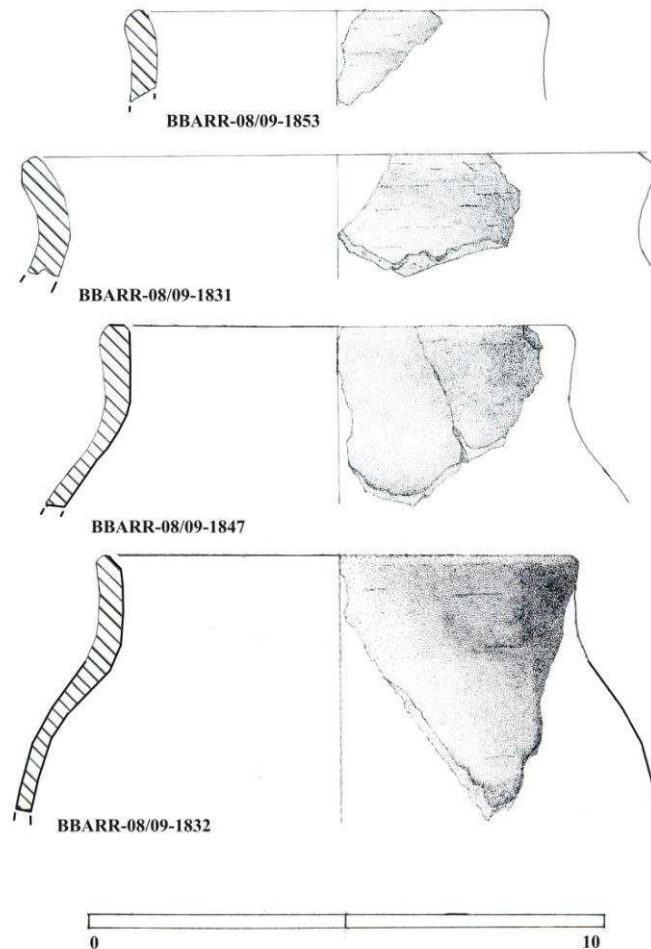


Fig.49. – Cerâmicas manuais, formas fechadas, provenientes do IV momento.

Panela (BBARR-08/09-1837) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo bojudo no qual se desenvolve asa ovalada.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom castanho.

A largura é de 48mm, com uma espessura média de 6mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1844) – fragmento contendo porção de corpo. Apresenta corpo hemisférico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho.

A largura é de 41mm, com uma espessura média de 11mm.

Frigideira (BBARR-08/09-1839) – fragmento contendo porção de fundo. Apresenta fundo plano, e corpo hemisférico.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor castanha (10YR 4/3), contendo desengordurantes, entre os quais quartzo leitoso, e sobre as quais foi aplicado um tratamento brunido que lhes atribui um tom vermelho. O brunido encontra-se ausente na superfície externa.

A largura é de 55mm, com uma espessura média de 7mm.

III.4.7 – Cachimbos

Cachimbo (BBARR-08/09-2518) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica. Peça produzida com pasta de tom branco, e decorada a roletilha. Decoração oferece padrão de motivos geométricos triangulares, balizados por linha de motivos ovais.

A altura total da peça é de 28mm o diâmetro de 5.5mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2519) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica. Peça produzida com pasta de tom branco, e decorada a roletilha. Decoração oferece padrão de motivos geométricos triangulares, balizados por linha de motivos ovais.

A altura total da peça é de 36mm o diâmetro de 6.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2508) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica. Peça produzida com pasta de tom branco.

A altura total da peça é de 22mm o diâmetro de 4.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

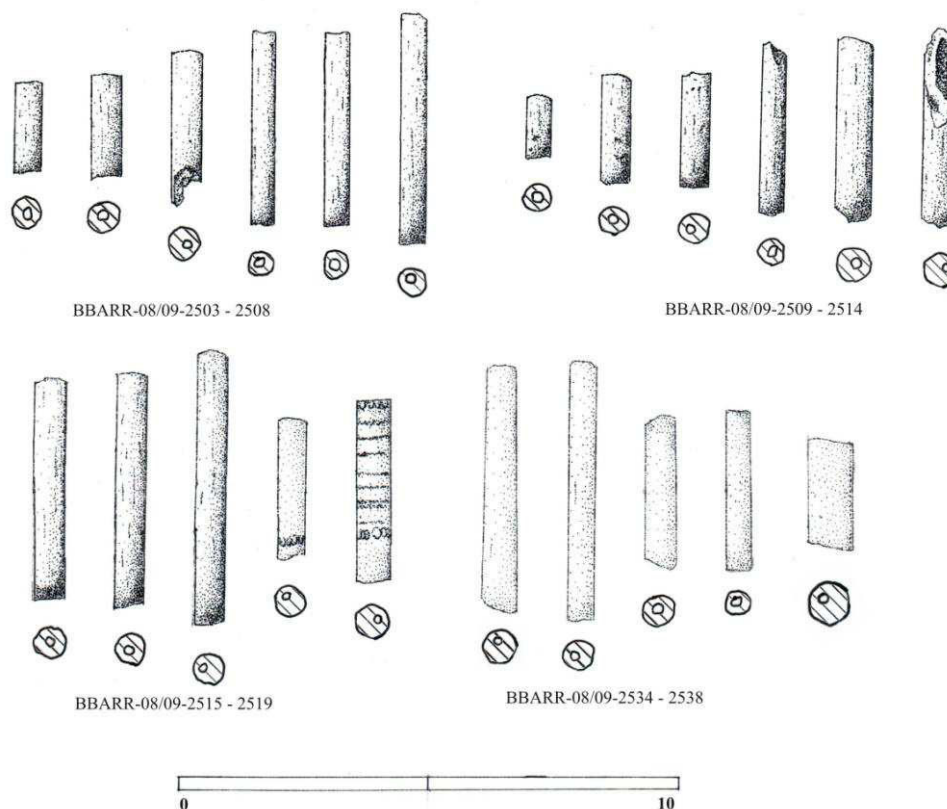


Fig.50. – Fragmentos de cachimbos, de grés e barro, provenientes do IV momento.

Cachimbo (BBARR-08/09-2507) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 36mm o diâmetro de 6.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2516) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 64mm o diâmetro de 6.0mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2513) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

O núcleo das paredes é de cor branca (White N/9.5).

A altura total da peça é de 55mm o diâmetro de 5.9mm, com um diâmetro de orifício de 2.0mm.

Cachimbo (BBARR-08/09-2538) – fragmento contendo porção de haste. Apresenta haste cilíndrica.

Peça produzida com pasta de tom vermelho (5YR6/6).

A altura total da peça é de 24mm o diâmetro de 9.1mm, com um diâmetro de orifício de 3.0mm.

III.4.8 – Espólio azulejar

Azulejo (BBARR-08/09-2591) – fragmento. Apresenta forma sub-quadrangular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante, decorado nas cores azul e amarelo, com motivos fitomórficos.

Oferece 10mm de espessura média das paredes.

Azulejo (BBARR-08/09-2592) – fragmento. Apresenta forma sub-quadrangular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante, decorado nas cores azul e amarelo, com motivos fitomórficos.

Oferece 12mm de espessura média das paredes.

Azulejo (BBARR-08/09-2593) – fragmento. Apresenta forma sub-quadrangular.

O núcleo das paredes mostra pasta de cor amarela (2.5Y 8/6), revestidas a esmalte branco, aderente e brilhante, decorado nas cores azul e amarelo, com motivo de “rendas”.

Oferece 11mm de espessura média das paredes.

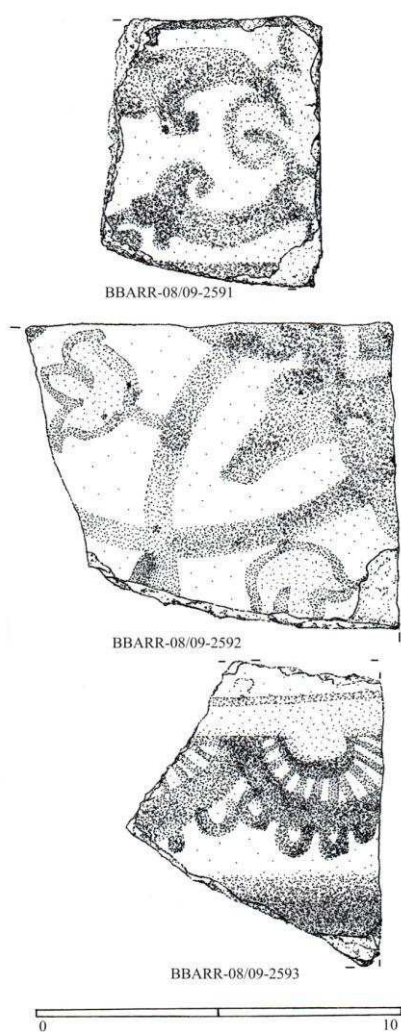


Fig.51. – Fragmentos de azulejo, provenientes do IV momento.

III.4.9 – Espólio vítreo

Garrafa (BBARR-08/09-2584) – fragmento contendo porção de bordo e corpo. Apresenta bordo recto, com lábio de secção semicircular, encimando gargalo curto, que se desenvolve em corpo sub-rectangular. paredes obliquas, denotando forma troncocónica.

As paredes foram produzidas em vidro de cor verde, algo translucido, não apresentando bolhas de ar no seu interior.

O diâmetro do bordo é de 30mm e de corpo 90mm, sendo a espessura média 4mm.

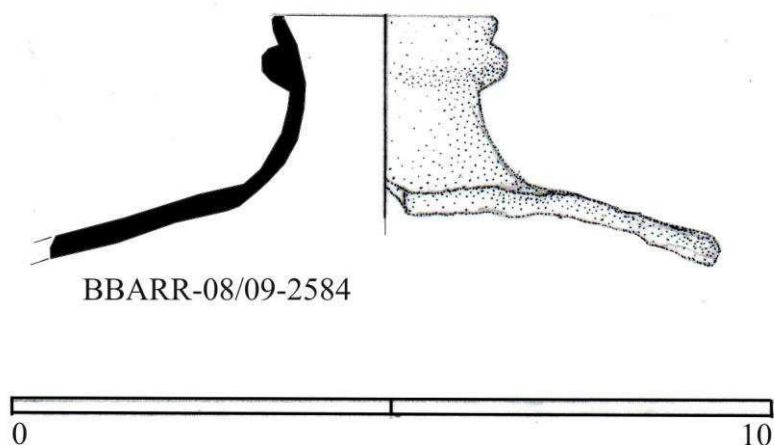


Fig.52. – Fragmento de garrafa em vidro, proveniente do IV momento.

III.4.10. – Espólio Metálico

Botão (BBARR-08/09-2585) – completa. Apresenta formato sub-circular, marcado internamente por pedúnculo.

Apresenta 12mm de diâmetro e 3mm de espessura de paredes.

Botão (BBARR-08/09-2586) – completa. Apresenta formato sub-circular, marcado internamente por pedúnculo.

Apresenta 11mm de diâmetro e 3mm de espessura de paredes.

Botão (BBARR-08/09-2587) – completa. Apresentando formato octogonal marcada internamente por pequeno pedúnculo.

Apresenta 21mm de diâmetro e 3mm de espessura de paredes.

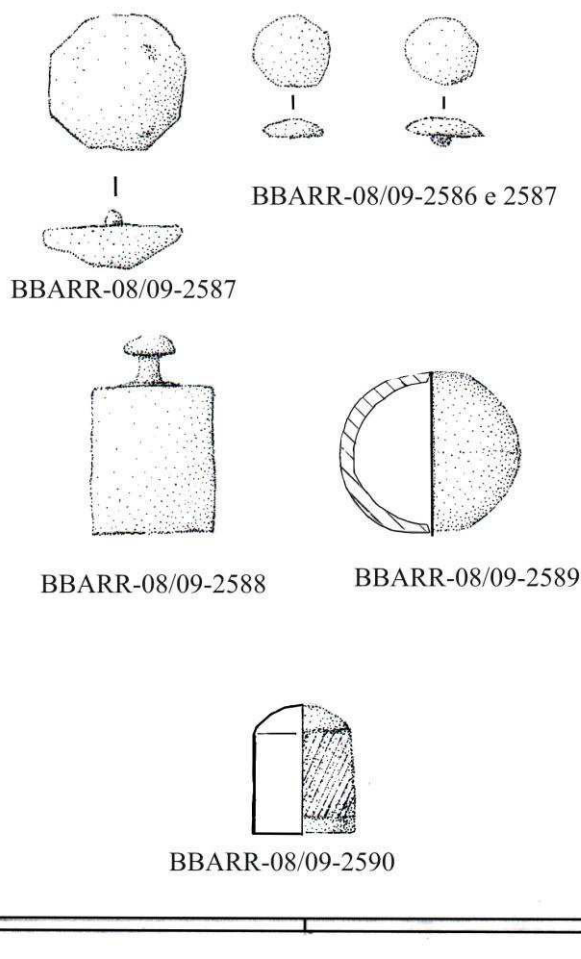


Fig.53. – Espólio metálico diverso, proveniente do IV momento.

Peso de balança (BBARR-08/09-2588) – completa. Apresenta corpo cilíndrico encimado por pedúnculo cilíndrico, marcado por cabeça de perfil esférico, algo achatado.

Apresenta 21mm de diâmetro no corpo e 3mm no pedúnculo.

Guiso (BBARR-08/09-2589) – fragmento. Apresenta forma semicircular, convexa.

Apresenta 30mm de diâmetro e 2mm de espessura de paredes.

Dedal (BBARR-08/09-2590) – completa. Apresenta forma cônica com topo convexo. Apresenta incisão longitudinal, em torno do bordo, da qual se desenvolve por todo o corpo, decoração incisa produzida na diagonal.

Apresenta de altura 19mm, de diâmetro 14mm e 1mm de espessura de paredes.

III.4.11 – Paralelos

A remodelação orquestrada durante a terceira fase, com a cristalização da estruturação interna da habitação através do levantar de tabiques mais sólidos, foi finalizada com a colocação de um soalho de madeira [533], que definiu o início do quarto momento de ocupação, e que perdurou até um conjunto de eventos destrutivos levarem à desactivação do espaço, conforme referimos no capítulo 4.

A destruição do espaço ficou marcada no registo estratigráfico deste arqueossítio por extensas marcas de incêndio ou camadas de cinzas sobre algumas das suas estruturas, como a unidade estratigráfica [534], e a [529] que ocupava grande parte da área. Estes níveis de destruição foram completamente encerrados num processo de remodelação do espaço que se seguiu à sua destruição, e que se marcou pela utilização de grandes quantidades de entulhos para elevar as cotas do pavimento em cerca de 30 a 40 centímetros, formando-se as unidades estratigráficas [524], [528]. Estas unidades eram compostas por grandes quantidades de materiais de construção, restos alimentares e grandes quantidades de recipientes cerâmicos fracturados, os quais formam a base do conjunto material desta fase de ocupação.

As peças de servir à mesa apresentam maior diversidade, sendo este grupo composto por várias formas, e exibindo diferentes tipos de tratamento de superfície. As peças lisas são formadas por taças (BBARR-08/09-544) de bordo introvertido e corpo hemisférico e pratos de corpo troncocónico e aba oblíqua, alguns de grandes dimensões (BBARR-08/09-416). Acompanhando estas produções estavam exemplares de superfície vidrada, sobretudo taças hemisféricas de bordo extrovertido (BBARR-08/09-1731), exibindo vidrado de tom verde, muito parecidas com peças recuperadas na intervenção do Convento de N.^a Sr.^a da Piedade de Cascais, em níveis datados do XVII (CARDOSO, RODRIGUES, 1997, pp.269-288), mas que poderá indicar a manutenção desta forma. Foi no entanto recuperado um exemplar de prato troncocónico (BBARR-08/09-1825), de aba oblíqua, que no anverso, ao centro, apresenta cinco marcas estampilhadas, de um motivo fitomórfico, o qual foi aplicado previa ao tratamento da superfície com vidrado. Apesar de não encontrarmos paralelo directo para esta produção, denotamos a referência de produções exibindo decoração aplicada e de roletilha, recuperados no Porto, em níveis estratigráficos do século XVIII (REAL, DÓRDIO, TEIXEIRA, MELO, 1992, p.177).

As faianças recolhidas compõem a base da louça de mesa, tendo sido recuperados vários tipos de prato, troncocónicos (BBARR-08/09-2249), de ônfalo (BBARR-08/09-2076), e covos (BBARR-08/09-2248), juntamente com vários exemplares de taças troncocónicas, quer apenas oferecendo as superfícies esmaltada a branco ou mostrando decoração em linhas. Peças mais decoradas foram igualmente recuperadas, sobretudo pratos troncocónicos, onde foram reproduzidos ao nível das abas, em tom de azul-cobalto e vinho (BBARR-08/09-2071), motivos de “aranhões” e “contas”, ou o motivo de “rendas” (CASIMIRO, 2011, p.661), comum em peças de faiança produzidas a partir de meados do século XVII até inícios do XVIII. Acompanhando estas peças abertas estão alguns recipientes fechados, de que é exemplo uma garrafa representada por um bordo em aba curta, de gargalo alto, decorado a linhas verticais.

Destaco dois exemplares de taças de corpo alto, troncocónico, semelhantes tipologicamente, no entanto mostrando padrões decorativos muito diferentes. Enquanto um exemplar (BBARR-08/09-2018) apresenta uma cópia de motivos orientais, e da compartimentação, embora num traço mais espesso e menos cuidado, o outro (BBARR-08/09-2398) apresenta uma decoração fitomórfica a traço mais cuidado, onde se destaca

a reprodução de um motivo de flor tripartida, intercalada por flor de caule único, parecendo que a flor reproduzida é uma margarida, sendo este um padrão reproduzido ao longo da peça.

Compondo o panorama das peças de mesa está um espedreiro (BBARR-08/09-1826) ou saleiro, cuja presença em contextos peri-terramoto denotam a sua larga difusão cronológica, com modelos semelhantes a serem recuperados em Silves e Lisboa, para níveis desde o século XVI (CASIMIRO (2), 2011, p.718).

As peças de cozinha recuperadas nesta fase apresentam a composição já notada em momentos anteriores. As panelas, a tipologia mais comum, apresentam várias formas, destacando-se as peças de bordo extrovertido de perfil triangular (BBARR-08/09-545) comuns em contextos do terramoto de 1755 (CASIMIRO (2), 2011, pp.707-709), e em estratos dos séculos XVII-XVIII em Palmela (FERNANDES, CARVALHO, 1996, pp.213 e 239) ou exemplares de bordo recto, corpo bojudo, marcado por asa de fita, de perfil ovalado (BBARR-08/09-548) igual associadas ao terramoto de 1755 (TRINDADE, DIOGO, 1995, pp.349-353). Ao lado das panelas, como utensílio indispensável na confecção de alimentos, estão as frigideiras (BBARR-08/09-547), de corpo troncocónico e bordo extrovertido, algo pendente, muito parecidas com exemplares recuperados em Palmela, em níveis do XVIII. Completando ainda este panorama estão os contentores de fogo onde estes recipientes eram colocados. O exemplar (BBARR-08/09-088) pertence a um fogareiro de corpo bitroncocónico muito semelhante a outros exumados na Rua dos Correeiros em níveis datados do século XVIII (TRINDADE, DIOGO, 1997, pp.285-293).

As produções de paredes finas em cerâmica comum também foram recuperadas durante os trabalhos, tendo sido identificadas algumas formas de púcaros ou potes, exibindo bordo recto de perfil semicircular ou recortado, o corpo, recto, por vezes oferece decoração incisa ou em concavidades produzidas por digitação.

Representando outra vertente da vida doméstica estão os exemplares de vasos-de-quarto (BBARR-08/09-1632), de corpo cilíndrico, mais o [ou] menos convexo, e bordo em aba, revestidos com espesso vidrado de chumbo, semelhantes aos exemplares recuperados no terceiro momento, e com paralelos em peças oriundas de contextos do terramoto de 1755, em Lisboa (CASIMIRO (2), 2011, p.719).

Os cachimbos estão mais uma vez presentes nesta fase da ocupação, apresentando um número maior de indivíduos. O conjunto é composto exclusivamente por fragmentos de haste, dos quais apenas três são decorados (BBARR-08/09-2519), exibindo todos o mesmo padrão decorativo. Este assemelha-se ao referido nos exemplares recuperados no III momento, baseado em motivos geométricos aplicados por impressão, repetindo-se o padrão já notado – uma linha concêntrica, formada por pequenos motivos triangulares, que se desenvolve, em direção da fornalha, encerrada por outra composta por motivos semicirculares também aplicados por impressão. Estes motivos decorativos estão presentes nos espécimes oriundos da Holanda, ao qual se associa o ligeiro pedúnculo que se desenvolve sob a fornalha, recuperados numa escavação da cidade de Lisboa, em contextos associados ao terramoto de 1755 na antiga prisão do Castelo de São Jorge, da qual foram exumados cerca de 800 fragmentos de cachimbo de grés (CALADO, PIMENTA, SILVA, 2003, p.83) dos quais os autores identificaram duas proveniências principais, a Inglaterra e a Holanda.

Recuperado de entre os níveis de entulhamento do espaço está um conjunto de recipientes que apresenta uma clara distinção face aos outros presentes neste estudo, o que nos levou a focar alguma atenção neste grupo. A natureza manual da sua técnica de produção, num período histórico em que o uso de torno na olaria era a norma, denota uma origem forânea, à qual se associa o tratamento das superfícies por brunimento e as pastas utilizadas, que apresentam cor escura e inúmeros elementos não plásticos de grandes dimensões. O arqueossítio do beco das Barrelas não foi o único local em que esta tipologia cerâmica foi encontrada, tendo peças semelhantes sido recuperadas noutras intervenções em Portugal, sendo um dos primeiros casos publicados as intervenções realizadas nos Paços do Concelho em Almada, em 1983 (SABROSA e SANTO, 1992, pp.7-8), sendo exumadas de níveis datados dos finais do século XVII e inícios do XVIII (BARROS, CARDOSO, 2008, p.350). Vários fragmentos foram recuperados em intervenções em Montejunto, no Convento de Nossa Senhora das Neves, e nos trabalhos de recuperação de um imóvel na rua Henriques Nogueira, em ambos os casos provenientes de unidades estratigráficas referentes a arranjos de pavimentos, sendo o material que os acompanhava predominantemente do século XVII (Ibidem, 2008, p.352). O caso que contribuiu com o maior conjunto material, cerca de 62 fragmentos, foi uma intervenção no Casal das Grutas no Estoril, tendo as peças sido datadas do século XVII ou XVIII (Ibidem, 2008, p.353).

Incorporados igualmente na cultura material cerâmica, mas ditando uma funcionalidade distinta, a de elementos arquitectónicos de cariz especificamente ornamental, estão os azulejos. Cingindo-se apenas ao quarto momento, e especificamente aos estratos associados ao processo de entulhamento e abandono desta fase da ocupação, o espólio azulejar não é muito numeroso e reduz-se a apenas algumas tipologias decorativas. O motivo mais comum parece ser de cariz fitomórfico, tendo como representação central uma palmeta estilizada, em tom de azul. O segundo motivo, presente em azulejos de menores dimensões, possivelmente para composição de frisos, apresenta temática decorativa em torno do motivo de “rendas”, comum às produções esmaltadas portuguesas desde a segunda metade do século XVII (CASIMIRO (2), 2011, p.599). As duas tipologias são comuns em contextos arqueológicos até à segunda metade do século XVIII, como é o caso de uma habitação em Lisboa, na encosta de Santana, selada durante o terramoto (CASIMIRO (2), 2011, p.719).

De entre as peças recuperadas das camadas de entulhamento do IV momento, estão alguns fragmentos vítreos, pertencentes a uma garrafa, de base quadrangular, soprada a molde, associadas às produções da primeira metade do século XVIII, da Real Fábrica de Vidros de Coima (MEDICI, 2004, p. 267) e que se apresenta como o único recipiente vítreo reconhecível.

Os artefactos metálicos, compondo uma ínfima parte do conjunto material aqui estudado, cerca de 0.3% do total, destacam-se pela sua diversidade. Os botões apresentam uma morfologia muito simples, marcando-se por um corpo discóide, no caso do exemplar (BBARR-08/09-2587) de perfil octogonal, no reverso do qual se desenvolve um pedúnculo que permitiria a sua colocação no vestuário. Estas peças são comuns à indumentária do século XVIII (SOUSA, 2011, p.492). Um alfinete de cabelo (BBARR-08/09-2591) foi recuperado de entre os níveis de entulhamento. Produzido em bronze, mostra pequena dimensão, sendo a haste comprida, afiada na extremidade, e marcada por uma cabeça esférica na extremidade proximal. O modelo, bastante simples, apresenta período de produção e consumo alargado, sendo comum em contextos datados dos séculos XVII e XVIII, e uma área de difusão bastante alargada (Ibidem, 2011, p.488-489).

O dedal (BBARR-08/09-2590), o único recuperado durante a intervenção, mostra forma cónica com topo algo convexo, mostrando o corpo decorado com um

padrão inciso. Um exemplar muito semelhante foi recuperado na Madeira, em contextos do século XVIII (Ibidem, 2011, p.500-501).

De entre os artefactos metálicos recuperados, uma peça semiesférica (BBARR-08/09-2589) mostrou-se inicialmente algo difícil de interpretar, no entanto conseguimos identifica-lo como um fragmento de guizo. Peças semelhantes foram recuperadas de contexto de Idade Moderna, nomeadamente em Machico, embora datados do século XVI (Ibidem, 2011, p.497), podendo-se deduzir que o modelo se manteve algo inalterado.

III.4.12 – Síntese

A quarta fase de ocupação do arqueossítio apresenta-se como a remodelação do antigo espaço através da colocação de um novo pavimento, desta vez em soalho de madeira, que deixaram marcas [533] nos níveis de entulhamento do terceiro momento. Este ocupava todo o compartimento Sul, e parte do Norte, tendo o armário sido igualmente remodelado, com a colocação de um pavimento de terra batida sobre a tijoleira.

A cultura material observada neste momento resulta na sua maioria dos níveis de entulhamento deste mesmo espaço, sendo originária, na sua maioria, desta habitação ou da área circundante. Este espólio reflecte a complexidade, e as várias tarefas inerentes à vida quotidiana neste espaço e à manutenção de uma habitação. A preparação e confecção de alimentos, como ensopados ou sopas, está associado às panelas, mas também o seu fritar usando frigideiras, sendo que o armazenar e conservar de certos produtos alimentares como banhas ou compotas seria feito com recurso a potes vidrados de pequenas dimensões. O cariz multifuncional dos alguidares assegura a sua constante presença para a preparação de alimentos ou limpeza de vestuário, e os vasos de quarto respondiam às necessidades de higiene pessoal.

A redução do número de exemplares de porcelana de entre o conjunto apresenta-se como uma questão interessante, sobretudo quando comparando a quantidade e qualidade dos exemplares dos primeiros dois momentos com os do quarto. No entanto,

este decréscimo é contraposto pelo crescimento do número de peças de faiança portuguesa que, embora já comuns no terceiro período, neste se tornam a base das peças de servir à mesa. A clara perda de qualidade observável nas porcelanas poderá estar ligada à já referida queda nas importações orientais, sentida sobretudo no século XVIII, que são substituídas nas casas das famílias mais remediadas por produções como a faiança portuguesa. Assim, a base dos serviços de mesa são as peças de faiança, que incluem exemplares apenas exibindo esmalte branco e outros mostrando decorações mais complexas. Entre as peças não decoradas estão presentes exemplares de pratos covos comuns à segunda metade do século XVIII. O espólio decorado apresenta pratos troncocónicos de aba oblíqua, oferecendo decoração em tom de azul-cobalto e vinho, predominando motivos como “aranhões”, “contas” e representações de pêssegos, que como referimos são comuns ao período VI, definido para a segunda metade do século XVIII (CASIMIRO, 2011, pp.671-672).

Consideramos que as peças manuais são exteriores à habitação de Idade Moderna, tendo sido para lá transportadas nos entulhos com que selaram o quarto momento. As marcas de uso ao fogo, em vários destes exemplares, demonstram a sua utilização, talvez pela comunidade a que estão associadas, que poderia recorrer aos recipientes comuns à sua cultura material, e que, presumindo que os entulhos não terão sido transportados uma longa distância, poderiam habitar na zona próxima às Barrelas, que, como referimos na introdução, durante o século XVIII estava ocupada por pessoas dos estratos baixos da sociedade.

Uma observação imediata dos fragmentos permite-nos compreender que estes se organizam em duas formas básicas, uma tipologia aberta semelhante a uma frigideira (BBARR-08/09-1836) e uma fechada, parecida com uma panela (BBARR-08/09-1853), exibindo todas pastas muito semelhantes, e tons de brunimento quase idênticos. A forma fechada apresenta algumas variações, sobretudo ao nível do bordo, podendo ser recto ou extrovertido, que derivam provavelmente dos métodos de produção.

A questão da origem geográfica é abordada por alguns arqueólogos (Ibidem, 2008, p.356) os quais defendem uma proveniência africana para estes fragmentos, comparando os conjuntos por eles estudados com outros contemporâneos, os quais mostram semelhanças em tipologias, morfologia de pastas e técnicas de tratamento de superfície. Consideramos a hipótese plausível, sobretudo quando consideramos os

territórios africanos que o reino de Portugal ocupava no século XVIII e, de onde promovia o tráfico de escravos para os territórios brasileiros e para a metrópole.

O espólio vítreo presente na intervenção compõe uma reduzida percentagem do conjunto artefactual, registando-se apenas c.100 fragmentos, ou seja menos de 4% do total. A sua qualidade é variável, com apenas alguns exemplares a destacarem-se pela sua qualidade ou decoração de entre um grupo eminentemente simples e funcional.

A maioria do conjunto parece estar associada ao IV momento, e mais especificamente aos níveis de entulhamento da habitação. Este é quase na totalidade formado por fragmentos de garrafa e outras formas fechadas, próprias para a contenção de líquidos, produzidas em vidro de coloração verde.

A simplicidade das formas e a ausência de decoração reforçam o cariz claramente funcional destas peças. Nota-se assim que, tal como é observável junto dos materiais cerâmicos, o espólio vítreo parece reflectir o conceito de um espaço doméstico simples, ocupado por indivíduos economicamente remediados com alguma capacidade monetária, mas sem luxos materiais.

Os espólios metálicos recuperados durante a intervenção centram-se exclusivamente nas unidades estratigráficas associadas ao IV momento, provavelmente pois o cariz rápido da formação destas camadas assegurou a presença de artefactos que, de outro modo, seriam recolhidos ou até reaproveitados, como é o caso dos botões, que não apresentam dano para além daquele causado pela passagem do tempo.

Através do estudo destes materiais obtemos alguma informação sobre elementos específicos do arqueossítio e dos seus ocupantes. Entre eles está o vestuário, do qual só restam os elementos mais resistentes, como os botões (BBARR-08/09-2585), de diferentes tamanhos e formatos, provenientes de vários trajes ou evidenciando distintas funcionalidades. A estas peças juntam-se ainda os alfinetes de cabelo em bronze (BBARR-08/09-2591), apresentando morfologia simples e sem decoração, muito possivelmente acessíveis a vários estratos da sociedade, e que complementavam a indumentária feminina. Ambos estes elementos componentes destacam-se pela sua durabilidade, contrastando com os elementos que acompanhavam, o que os torna peças indispensáveis para a compreensão de alguns dos pormenores das vivências quotidianas destas comunidades.

Algumas peças proporcionam também evidências para actividades praticadas neste espaço, domésticas ou de manutenção, como a costura, representada pelo dedal (BBARR-08/09-2590), recuperado no interior do que foi interpretado como a despensa (compartimento I) e com o qual se remendariam as peças de vestuário já anteriormente referidas. A presença de um peso de balança (BBARR-08/09-2588) poderá estar relacionada com alguma actividade comercial promovida naquele espaço, ou na área circundante, no entanto, o cariz isolado deste elemento dificulta o desenvolver e comprovar dessa possibilidade.

O guizo (BBARR-08/09-2589) será o elemento que mais dista do panorama observado junto dos outros materiais. De cariz lúdico e não funcional, a sua presença neste contexto doméstico é deveras estranha, podendo estar associada a um instrumento musical, ou até, tendo em consideração que foi recuperado de entre camadas de entulhamento do espaço, uma ligação, não com o arqueossítio, mas com a área envolvente, como por exemplo a Igreja de S. Pedro, destruída durante o Terramoto, onde eram conduzidos rituais religiosos católicos, alguns envolvendo o uso de guizos.

O espólio azulejar recuperado ao longo da intervenção concentrou-se nos níveis associados a processos de entulhamento, não tendo sido recuperados fragmentos de azulejo do primeiro, segundo e terceiro momentos, restringindo-se os exemplares analisados neste trabalho àqueles provenientes dos contextos associados ao IV momento.

A observação do conjunto material permitiu-nos notar a presença de dois padrões decorativos, um fitomórfico, no qual o motivo central são folhas de palma, e um geométrico, onde é reproduzido o motivo de rendas, ambos reproduzidos a cor azul e amarela. Ambas as decorações apresentam larga diacronia, mostrando padrões cromáticos em uso desde a primeira metade do século XVII, e dispersão espacial considerável, devida sobretudo às grandes quantidades em que tais peças eram produzidas.

Foi considerada a possibilidade de alguns destes exemplares terem, em algum momento, adornado a estrutura habitacional do arqueossítio, sendo que a maior produção de azulejos no século XVIII, também representou o seu maior uso em contextos domésticos. No entanto a restrição destas peças a momentos específicos do

contexto, nomeadamente em camadas de descarte ou entulhamento, podem indicar a natureza externa destes ao próprio arqueossítio, talvez provenientes da área circundante, de algum dos vários edifícios que foram afectados pelo terramoto de 1755, como a Igreja de S. Pedro.

A cronologia desta fase está assim claramente associada com o século XVIII e, mais especificamente, com a sua segunda metade, o que combinado com os grandes níveis de entulhamento que marcam o fim deste espaço, e aos quais estão ligadas camadas de cinzas, permite-nos propor que a sua formação ocorreu previamente ao terramoto de 1 de Novembro de 1755, tendo este acontecimento, muito provavelmente marcado o fim desta fase com a destruição do espaço.

Considerações Finais

A intervenção no beco das Barrelas, a que seguiu o estudo dos vestígios materiais e estruturais associados à estratigrafia arqueológica do espaço, permitiu compreender um pouco o percurso histórico do arqueossítio. Como referimos, durante os trabalhos arqueológicos foram recuperados e expostos vestígios de diferentes períodos, desde a Idade Média até à Idade Contemporânea – sendo que a presente dissertação se focou apenas na ocupação de Idade Moderna, sensivelmente dos finais do século XVI até à segunda metade do século XVIII. Neste prisma, o conjunto material abordado reflecte uma realidade deveras específica, a das vivências de um grupo, possivelmente, familiar, dentro daquele espaço.

Como referimos na introdução, um dos argumentos que nos levou a estudar este contexto foi a sua localização, numa área antiga da cidade de Lisboa, mas sobretudo o espólio que nos motivou a produzir este trabalho. A hipótese de analisar um conjunto de cariz mediano proveniente de um espaço associado eventualmente a pessoas de menores recursos económicos apresentou-se promissora, permitindo o discernir dos quotidianos daqueles que são menos visados nas fontes historiográficas, onde o recurso a fontes escritas as foca em grupos específicos da sociedade, nomeadamente as ordens privilegiadas, produzindo uma imagem retalhada da comunidade em estudo. Consideramos assim a multidisciplinaridade como a principal forma de se conhecer uma realidade, o mais aproximada possível do nosso objecto de estudo, a sociedade portuguesa de período moderno, com cada disciplina a contribuir com conhecimentos específicos de sectores ou grupos particulares.

O estudo do arqueossítio das Barrelas produziu várias informações. Permitiu observar a extensão do impacto de algumas das relações comerciais do reino, referidas no capítulo 4, e historicamente atestadas, aqui representadas no conjunto material, desde a Espanha, através do fragmento (BBARR-08/09-2507), uma produção de Sevilha, um centro próximo que muito influenciou as produções esmaltadas portuguesas, até regiões mais distantes como o Norte da Europa, com destaque para os centros produtores do Reno, do qual é oriundo o fragmento (BBARR-08/09-2508), uma caneca de grés, revestida a vidro de sal.

De igual modo, é possível discernir a própria evolução de certos elementos da economia do reino durante a Idade Moderna, focados também no capítulo 4, como a sua posição de intermediário entre o Extremo Oriente e o Ocidente, reflectido na presença de um conjunto comparativamente, grande de porcelanas chinesas resultante, sobretudo, de contextos de descarte não relacionados com os ocupantes do espaço, como no I momento. A evolução destes materiais no registo arqueológico espelha as transformações da presença portuguesa no Índico, com a perda do monopólio comercial para outras coroa europeias, mas também o crescente consumo, pela população portuguesa, de produções cerâmicas locais ou regionais, que procuravam imitar os modelos chineses.

Certas situações podem ser igualmente aferidas através da observação do registo material, como a presença de comunidades exógenas a habitar nesta área da cidade. Provavelmente de origem africana, talvez até escravos ou libertos, elas estão representadas por um conjunto de peças produzidas manualmente, de superfícies brunidas, e exibindo marcas de uso ao fogo, o que atesta a prática de actividades quotidianas com recurso a instrumentos comuns à sua cultura material. Contudo, a sua presença no arqueossítio pode não estar associada ao edificado, sendo que o espólio foi recuperado nos níveis de entulhamento datados da segunda metade do século XVIII, mas indicará a presença destes indivíduos na área, que como referimos na introdução é apontada, já no século XVIII, como sendo ocupada em parte por indivíduos de baixa condição social e económica.

No entanto, e apesar de ser possível extrapolar para a grande conjuntura, o objectivo desta dissertação foi o produzir de uma hipótese explicativa e reconstrutiva para a evolução do arqueossítio desde o século XVI ao XVIII, baseando-nos para tal nas transformações da cultura material recuperada.

A ocupação de Idade Moderna, como demonstrámos no capítulo 3.1, iniciou-se com a colocação da primeira calçada de seixos rolados [584], ocupando todo espaço, até então usado para despejo de lixos domésticos e locais. Este processo de ocupação da área estava associado ao espaço intervencionado em 2012, imediatamente a SE do arqueossítio, onde foi exposto um pavimento de tijoleira, que mostrava cerca de 10cm de desnível, seguindo os contornos naturais do terreno, e unidas por uma entrada, da qual foi exposta a soleira. A calçada será, no nosso entender, um projecto desenvolvido pelos habitantes do compartimento encontrado em 2012, que com esta infraestrutura

melhoravam as suas condições de vida, desviando com a vala de escoamento presente na calçada [584] as águas da chuva, que naturalmente se concentrariam dentro ou à porta da habitação.

Materialmente pudemos observar a transição de um conjunto composto por um espólio diverso, com vários fragmentos de produções forâneas, que incluem porcelana chinesa, grés coberto a vidro de sal do Norte da Europa, e algumas produções sevillhanas, juntamente com recipientes de cozinha produzidos localmente, que foi selado pela dita calçada, por um contexto onde predominam as produções locais, compostas por tipologias de cozinha, de armazenamento e de servir. Esta alteração terá ocorrido entre os finais do século XVI e os inícios do século XVII, e nela é possível observar a procura em melhorar as qualidades de vida dos seus ocupantes através da criação de um ambiente mais sanitário.

O processo de desenvolvimento do espaço habitacional parece ter prosseguido agora com vista ao alargar da própria área habitacional tendo, com esse intuito, os seu ocupantes selado a calçada [584] com um pavimento de argila, fragmentos cerâmicos e terra batida. O colocar do novo pavimento [583] foi acompanhado ainda pelo assentar de cinco mós, distribuídas junto das paredes NO e SE, e de um plinto de escada junto à parede NO, os quais compõem a nova organização do espaço, agora granjeado com um piso superior, sustentado pelos postes assentes nas mós, e acedido através da escadaria, possivelmente em madeira. O espaço em si deverá ter sido alvo de estruturação, possivelmente com recurso a tabiques de madeira estendidos entre as diferentes mós, criando-se assim espaços funcionais, entre os quais se destaca um espaço de rectangular sobre a escadaria, que acreditamos ter sido usado como uma despensa para armazenamento.

A cultura material mantém-se bastante estável, predominando os conjuntos de cozinha e de servir à mesa, acompanhadas apenas pela ocasional produção exógena. A faiança, presente muito nominalmente no primeiro momento, começa a surgir em maiores quantidades e formas. Surgem também os primeiros exemplares de cachimbos, tanto importados, em grés, como locais, em barro, completando a visão de um quotidiano, onde às necessidades práticas se juntam os vícios, e até o entretenimento, aqui representado por um simples apito de barro.

A estruturação do espaço habitacional definida durante a primeira metade do século XVII foi cristalizada no final desse, com a remodelação total do arqueossítio,

embora mantendo a organização pré-existente. Durante esta fase foram levantadas paredes de argamassa e estuque, sobre armações de madeira, quase que directamente sobre as linhas que unem as mós do momento ocupacional anterior, e nos quais poderão ter passado as divisórias de madeira. O pavimento de terra batida e argila [583] foi substituído em toda a área por outro de seixos rolados [532], com excepção da despensa onde foi substituído por um pavimento de tijoleira.

A evolução da cultura material prosseguiu, mantendo o padrão já referido de redução das peças exógenas em prol de produções locais ou nacionais, sobretudo a faiança portuguesa, que neste contexto apresenta um grande peso, a seguir à cerâmica comum. Como referimos, situações semelhantes foram observadas noutros contextos da segunda metade aos finais do XVII, como na Encosta de Santana, o que parece mostrar que não estamos perante um caso isolado, mas sim o reflexo da difusão de uma produção material específica, a faiança portuguesa, que parece sofrer um processo de “democratização do consumo” neste período, provavelmente devido ao aumento da produção, e a uma redução dos custos a ela associados através de tipologias simples, levemente ou nada decoradas.

O último momento de ocupação do sítio em Idade Moderna, aquele que definimos como IV momento, é o finalizar do processo de desenvolvimento do espaço habitacional. A colocação de um soalho de madeira [533], sobreposto à calçada [532], criou, no nosso entender, uma tentativa de melhorar as condições de vida, não tendo, no entanto, a organização interna do edifício sido modificada.

A cultura material deste momento é representativa do momento de destruição que marcou o seu fim, e dos processos de demolição e entulhamento que lhe sucederam. A base do espólio é muito semelhante à do momento III, predominando a cerâmica comum, formando os serviços de cozinha e de armazenamento, e a faiança portuguesa, que prossegue a tendência já observada. O último momento será uma continuação do terceiro, com reduzidas alterações estruturais. As produções exógenas, nomeadamente o ocasional fragmento de porcelana chinesa ou alguns exemplares de cachimbos de grés, quase que replicam percentualmente os do momento anterior, e no caso do último apontam a manutenção de alguns hábitos lúdicos daqueles que ali habitavam. No entanto o conjunto também apresenta alguns materiais relacionados com os contextos pós-destruição do espaço, no qual o arqueossítio foi entulhado com quase 30 a 40cm de materiais de construção e selado, sendo posteriormente repavimentado. Entre estes

contam-se os azulejos, ausentes nos momentos anteriores, e um conjunto de cerâmicas manuais que, como vimos, se destaca totalmente dos restantes materiais e que deverá a sua presença e formação ao entulhamento do espaço.

A realidade por nós estudada termina assim com um acontecimento destrutivo, marcado por várias camadas de cinzas e entulhos que selaram o contexto, e que identificamos com o Terramoto de 1755. A reconstrução do edificado apresenta-se aos nossos olhos como uma realidade distinta que, embora achemos que deva ser estudada, já se apresenta fora do enfoque específico desta dissertação.

O interesse do arqueossítio das Barrelas reside na possibilidade de, através do seu estudo, se poder observar a evolução de um espaço habitacional durante a Idade Moderna, o qual sofreu o contínuo desenvolvimento e complexificação da organização estrutural do espaço habitacional, aparentemente promovidos pelos seus ocupantes, e que testemunham a capacidade de adaptação destes, e a sua contínua tentativa em melhorar a sua qualidade de vida, enquanto eram consciente ou inconscientemente afectados pela conjuntura interna e externa, espelhada por mutações na sua cultura material. Em última análise, foi um acontecimento natural que pôs fim ao ciclo evolutivo desse edificado, levando ao selar e conservar deste contexto. Acreditamos que existe a hipótese de prosseguir com o estudo do local, sobretudo após a intervenção promovida no espaço a Sul, que expôs o que será, muito certamente a habitação original, que nos finais do século XVI se estendeu para o arqueossítio, e que certamente permitirá melhorar a compreensão da história deste espaço.

Outra linha de investigação possível está associada à localização da sinagoga da Judiaria Pequena de Alfama, que referimos no Capítulo I. Durante os trabalhos arqueológicos não foram recuperados testemunhos que possam ser associados a essa ocupação, o que não permite confirmar ou negar a sua presença naquele espaço ou na área circundante. Julgamos ser possível prosseguir com este estudo, alargando a área intervencionada, talvez explorando o restante espaço do largo de São Rafael.

Em última análise, consideramos que seria ideal estender este estudo a outros pontos da cidade e a outros contextos semelhantes. Claramente ambiciosa, esta noção deriva de um dos motivos que referimos, na Introdução, como nos tendo levado a produzir este estudo: o conhecer do quotidiano dos estratos menos privilegiados, neste

caso lisboetas, durante a Idade Moderna, algo que consideramos ser só possível através de uma análise alargada das informações disponíveis, segundo uma noção de verdadeira Arqueologia Urbana.

BIBLIOGRAFIA(S)

Fontes historiográficas

BOXER, C. R., (2001), O Império Marítimo Português – 1415-1825, Edições 70, Lisboa.

GARCIA J. M., (2008), Lisboa do século XVII – A mais deliciosa terra do mundo, Direcção Municipal de Cultura, Gabinete de Estudos Olisiponenses, Lisboa.

GARCIA, J. M., (2009) – História de Lisboa – Tempos Fortes, Direcção Municipal de Cultura, Gabinete de Estudos Olisiponenses, Lisboa.

LOURENÇO, Maria Paula Marçal, “Estado e Poderes” in: Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil (dir. SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira,) vol. VII, 2001: p.18.

MATTOSO, José (dir.), (1998), “O Antigo Regime”, vol. IV, in: História de Portugal, Editorial Estampa, Lisboa.

MENESES, Avelino de Freitas de, ”A Economia: A circulação”, in: Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil (dir. SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira,) vol. VII, 2001: p.315.

”A Diplomacia e as relações internacionais”, in: Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil (dir. SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira,) vol. VII, 2001: pp.152-153.

OLIVAL, Fernanda(2011) “Os lugares e espaços do privado nos grupos populares e intermédios” in: História da Vida Privada em Portugal: A Idade Moderna, vol. II, Círculo de Leitores e Temas e Debates, Lisboa.

RODRIGUES, José Damião, “A Estrutura Social”, in: Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil (dir. SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira,) vol. VII, 2001: p.424.

SERRÃO, José Vicente, (1998) “O Quadro Económico”, in: História de Portugal, O Antigo Regime, (dir. MATTOSO, José) vol. IV, Lisboa.

SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira, (dir.) (2001) “Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil”, vol. VII, Nova História de Portugal, Editorial Presença, Lisboa.

SERRÃO, Vítor, (2001) “A vida Artística” in: Portugal, da Restauração ao Ouro do Brasil (dir. SERRÃO. Joel, MARQUES, A.H.de Oliveira,) vol. VII, Lisboa.

SILVA, Carlos Guardado da Silva, (2008,) Lisboa Medieval – A organização e a estruturação do espaço urbano, Edições Colibri, Lisboa.

VICENTE, António Pedro, (1972) Aspectos da sociedade portuguesa nos finais do século XVIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Sep. Arquivos do Centro Cultural Português, Vol. IV.

Fontes arqueológicas

AMARO, Clementino, BUGALHÃO, Jacinta, RAMALHO, Maria, (1994) “A Baixa-Pré-pombalina: alguns aspectos urbanísticos”, in: Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp.227-238.

AUGUSTO MARQUES, António, MURALHA, João, FERNANDES, Lúcia,
“Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade de Lisboa: escavações e projectos de intervenção” in: Al-Madan, II série, nº.8 Arqueologia Portuguesa no século XX.

CALADO, Marco, PIMENTA, João, SILVA, Rodrigo Banha da, (2003)
“Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa”, In: Património. Estudos. - Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. Vol. 5, p. 83-95.

BARROS, Luís, CARDOSO, Guilherme, (2008) “Cerâmicas Manuais dos séculos XVI-XVIII de Almada, Cadaval e Cascais”, in: Revista Portuguesa de Arqueologia, vol.11, nº2, pp.347-360.

CARDOSO, Guilherme, RODRIGUES, Severino, (1997) “Conjunto de Peças de Cerâmica do Século XVII do Convento de N.^a Sr.^a da Piedade de Cascais”, in: Actas do 3.º encontro de Arqueologia Urbana, Departamento de Acção Sociocultural Divisão de Museus, pp.269-288.

CARVALHO, António Rafael, FERNANDES, Isabel Cristina F., (1992)
“Cerâmicas esmaltadas e vidradas dos séc.s XV e XVI, provenientes do Castelo de Sesimbra”, in: Sesimbra Cultural, nº.2, pp.15-21.

CARVALHO, António Rafael, (1993) “Cerâmicas Medievais do Castelo de Sesimbra (II Parte) ”, in: Sesimbra Cultural, nº.2, pp.18-22.

CARVALHO, António Rafael, (1994) “Cerâmicas Medievais do Castelo de Sesimbra (III Parte) ”, in: Sesimbra Cultural, nº.4, pp.13-17.

CATARINO, Helena, (1992) “Cerâmicas Tardo-Medievais/Moderna do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato”, Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.129-136.

CASIMIRO, Tânia Manuel, (2011), *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (Dos finais do séc. XVI aos inícios do séc. XVIII)*, Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia.

CASIMIRO (2), Tânia Manuel, (2011) “Estudo de espólio de habitação setecentista em Lisboa”, in: *O Arqueólogo Português, Série V, vol.1*, pp.689-726.

DAUM, Josef, (1987) *Rheinisches Steinzeug: 500 Jahre Gebrauchgefäße aus Braunschweiger Privatbesitz*, Braunschweig: Städtisches Museum.

DAVEY, Peter, (1983) “The Archaeology of Clay Tobacco Pipe”, Oxford: *British Archaeological Reports, International Series, vol.II*, p.175.

DIAS DIOGO, A.M., TRINDADE, Laura, (1998) “Intervenção arqueológica na rua de São Nicolau, nº107/111”, *Estudos de Lisboa, Séculos XV a XIX : actas do I Colóquio Temático*, Lisboa, pp.231-254,

DIAS DIOGO, A.M., TRINDADE, Laura, (1992) “Cerâmicas de Lisboa provenientes de contextos datados. Materiais de uma lareira de cozinha destruída pelo Terramoto de 1755”, In: *Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.163-170.

DIAS DIOGO, A.M., TRINDADE, Laura, (1995) “Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa”, in: *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, pp.257-265.

DIAS DIOGO, A.M., TRINDADE, Laura, (1997) “Cerâmica de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, nºs 17/19”, in: Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.203-213.

DIAS DIOGO, A.M., TRINDADE, Laura, (2000) “Cerâmica de Barro Vermelho provenientes de entulhos dos Terramotos de 1531, em Lisboa”, in: Actas das 4.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, pp.171-186.

FABIÃO, Carlos, (1994) “Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa“ in: Penélope, pp.149-150.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, (2007) “Arqueologia Medieval e Pós-Medieval – o caminho da afirmação” in: Al-Madan: 1982-2007, 25 anos de Arqueologia em Revista, p.137.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, e CARVALHO, A. Rafael, (1992) “Cerâmica Baixo-Medievais da Casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela)” in: Actas das 1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.77-96.

FERNANDES, Isabel Cristina F., CARVALHO, A.Rafael, (1996) “Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela”, in: Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.213 e 239.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, e CARVALHO, A. Rafael, (1997) “A Loiça Seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela)” in: Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.231-252.

GAIMESTER, David R.M., STAMPER, Paul, (1997) *The Age of Transition: the archaeology of English Culture 1400-1600*, Society for Medieval Archaeology, vol.15. Oxbow Books, Exeter.

GOMES, Mário Varela, e GOMES, Rosa Varela, (1996) “Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves”, in: *Xelb 3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Silves*, pp.143-205.

GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela, e CARDOSO, João Luís, (1996) “Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV” in: *Xelb 3, Silves: Museu Municipal de Arqueologia, Silves*, pp.33-77.

GOMES, Mário Varela, e GOMES, Rosa Varela, (2007), “Escavações Arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa, resultados preliminares”, in: *Olisipo – Boletim do grupo «Amigos de Lisboa», II série, nº.27*, pp.75-92.

LEMOS, Francisco Sande, (2002) “Arqueologia Urbana em Portugal: A Cidade, o Poder e o Conhecimento” in: *História e Arqueologia: Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol.54, p.245-254.

MACINTOSH, Duncan, (1986), *Chinese Blue and White Porcelain*, Bamboo Publishing, Londres.

MEDICI, Teresa, (2004) “Vidros medievais e modernos da escavação da Rua da Judiaria em Almada (Portugal)” in: *As Épocas Medieval e Moderna na Península Ibérica, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, pp.265-278.

MOITA, I. (1964-1966) - “Hospital Real de Todos-os-Santos (relatório das escavações a que mandou proceder a CML de 22 de Agosto a 24 de Setembro 1960)”, in: Revista Municipal, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp.101-111

QUEIRÓS, José, (1948) Cerâmica Portuguesa e outros estudos, Editorial Presença, Lisboa.

CASTRO, Ana I. de S. S., SEBASTIAN, Luís, (2000) “Faianças dos séculos XVII e XVIII no Mosteiro de S. João de Tarouca”, in: Actas das 4.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, pp.325-334.

SILVA, Rodrigo Banha da, (2005) Marcas de Oleiro em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. –séc.II d.C.),

THWAITE, Anthony, (1973) “The Chronology of the Bellarmine Jug”, in: The Connoisseur, vol.182, nº734, The National Magazine Company Limited, April 1973, p.261.

TRINDADE, Laura, A.M. Dias Diogo, (1997) “Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa”, In: Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.285-293.

TRINDADE, Laura, A.M. Dias Diogo, (1995) “Cerâmicas da Época do Terramoto de 1755 Provenientes de Lisboa”, In: Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, Câmara Municipal de Tondela, pp.349-353.

VIEIRA, Ana Isabel, (2011) “Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do castelo de Sesimbra”, in: Arqueólogo Português, série 5 vol.1.

Apêndice A: Lista de Figuras

- Fig.1 – Alçado do edificado actual 3
- Fig.2. – Vista da área actual 4
- Fig.3. – Pormenor do Desenho da BUL (c.1570) 5
- Fig.4 – Pormenor da gravura de Georg Braunius 6
- Fig.5. – Mapa Tinoco (1650) 7
- Fig.6. – Pormenor do traçado da “Cerca Moura” e a sua relação com o arqueossítio 8
- Fig.7. – Pormenor do traçado da “Cerca Fernandina”, e a sua relação com o arqueossítio 9
- Fig.8. – Matriz de Harris do arqueossítio “Beco das Barrelas” 13
- Fig.9. – Vista dos negativos do travejamento do soalho [533] 15
- Fig.10. – Vista do pavimento [532] 16
- Fig.11. – Vista dos vestígios da escadaria 17
- Fig.12. – Vista do pavimento [584] 18
- Fig.13. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do I momento. 41
- Fig.14. – Fragmentos de porcelana chinesa, provenientes do I momento. 43
- Fig.15. – Fragmento de prato de porcelana, proveniente do I momento. 45
- Fig.16. – Fragmento de Pote esmaltado, proveniente do I momento.45
- Fig.17. – Fragmento de caneca de grês, proveniente do I momento. 46
- Fig.18. – Cerâmica vidrada, proveniente do I momento 48
- Fig.19. – Cerâmica comum, proveniente do I momento. 49
- Fig.20. – Cerâmica comum, proveniente do I momento. 51
- Fig.21. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do II momento.

Fig.22. – Fragmentos de porcelana chinesa, provenientes do II momento.	61
Fig.23. – Cerâmica vidrada, proveniente do II momento.	63
Fig.24. – Cerâmica comum, provenientes do II momento.	66
Fig.25. – Cerâmica comum, provenientes do II momento.	68
Fig.26. – Cerâmica comum, provenientes do II momento.	70
Fig.27. – Fragmentos de cachimbos provenientes do II momento.	72
Fig.28. – Fragmento de copo de vidro, proveniente do II momento.	73
Fig.29. – Fragmentos de faiança portuguesa, provenientes do III momento	80
Fig.30. – Fragmento de prato de faiança portuguesa provenientes do III momento	82
Fig.31. – Fragmento de prato de faiança portuguesa provenientes do III momento	83
Fig.32. – Cerâmica vidrada, proveniente do III momento	85
Fig.33. – Cerâmica comum, proveniente do III momento	87
Fig.34. – Fragmentos de cachimbos, provenientes do III momento	90
Fig.35. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento.	96
Fig.36. – Copos de faiança portuguesa, provenientes do IV momento.	98
Fig.37. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento.	99
Fig.38. – Faiança portuguesa, provenientes do IV momento	100
Fig.39. – Especieiro esmaltado a branco, proveniente do IV momento	102
Fig.40. – Fragmento de porcelana, proveniente do IV momento.	103
Fig.41. – Cerâmica vidrada, provenientes do IV momento.	104
Fig.42. – Cerâmica vidrada, proveniente do IV momento.	105
Fig.43. – Prato vidrado a verde, provenientes do IV momento.	106
Fig.44. – Cerâmica comum, provenientes do IV momento	108
Fig.45. – Cerâmica comum, provenientes do IV momento	110
Fig.46. – Cerâmica comum, provenientes do IV momento	112

Fig.47. – Fogareiros, provenientes do IV momento	113
Fig.48. – Cerâmicas manuais, provenientes do IV momento	114
Fig.49. – Cerâmicas manuais, provenientes do IV momento	117
Fig.50. – Fragmentos de cachimbos, provenientes do IV momento	119
Fig.51. –. Fragmentos de azulejo, provenientes do IV momento	121
Fig.52. – Fragmento de garrafa em vidro, proveniente do IV momento	122
Fig.53. – Espólio metálico diverso, proveniente do IV momento	123
Fig.54. – Plano de escavação 1	187
Fig.55. – Plano de escavação 2	188
Fig.56. – Plano de escavação 3	189
Fig.57. – Plano de escavação 4	190
Fig.58. – Plano de escavação 2	191
Fig.59. – Plano de escavação 6	192
Fig.60. – Plano de escavação 7	193
Fig.61. – Plano de escavação 8	194
Fig.62. – Plano de escavação 9	195
Fig.63. – Plano de escavação 10	196

Apêndice B: Lista de Gráficos

Gráfico 1. – Conjunto Material	37
Gráfico 2. – Composição do Conjunto Material	38
Gráfico 3. – I Momento – Pasta e tratamento de superfície	39
Gráfico 4. – I Momento – Tipologias	39
Gráfico 5. – II Momento – Pasta e tratamento de superfície	56
Gráfico 6. – II Momento – Tipologias	57
Gráfico 7. – III Momento – Pasta e tratamento de superfície	78
Gráfico 8. – III Momento – Tipologias	79
Gráfico 9. – VI Momento – Pasta e tratamento de superfície	94
Gráfico 10. – VI Momento – Tipologias	95

Apêndice C: Inventário

Nº. de Inventário	Produção	Tipologia	Momento
BBARR-08/09-283	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-284	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-285	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-286	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-287	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-288	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-289	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-290	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-291	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-292	C.Comum	Contentor Cerâmico	IV
BBARR-08/09-293	C.Comum	Alguidar	IV
BBARR-08/09-294	C.Comum	Contentor Cerâmico	IV
BBARR-08/09-295	C.Comum	Jarro	IV
BBARR-08/09-296	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-297	C.Comum	Contentor cerâmico	IV
BBARR-08/09-298	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-299	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-300	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-301	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-302	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-303	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-304	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-305	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-306	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-307	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-308	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-309	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-310	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-311	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-312	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-313	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-314	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-315	C.Comum	Contentor Cerâmico	IV
BBARR-08/09-316	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-317	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-318	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-319	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-320	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-321	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-322	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-323	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-324	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-325	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-326	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-327	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-328	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-329	C.Comum	Panela	IV

BBARR-08/09-330	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-331	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-332	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-333	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-334	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-335	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-336	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-337	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-338	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-339	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-340	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-341	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-342	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-343	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-344	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-345	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-346	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-347	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-348	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-349	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-350	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-351	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-352	C.Comum	Panela/	IV
BBARR-08/09-353	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-354	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-355	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-356	C.Comum	Fogareiro	IV
BBARR-08/09-357	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-358	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-359	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-360	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-361	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-362	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-363	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-364	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-365	C.Comum	Fogareiro	IV
BBARR-08/09-366	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-367	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-368	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-369	C.Comum	Telha	IV
BBARR-08/09-370	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-371	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-372	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-373	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-374	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-375	C.Comum	Grande contentor cerâmico	IV
BBARR-08/09-376	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-377	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-378	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-379	C.Comum	Taça	IV

BBARR-08/09-380	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-381	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-382	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-383	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-384	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-385	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-386	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-387	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-388	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-389	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-390	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-391	C.Comum	Panela?	IV
BBARR-08/09-392	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-393	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-394	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-395	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-396	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-397	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-398	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-399	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-400	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-401	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-402	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-403	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-404	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-405	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-406	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-407	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-408	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-409	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-410	C.Comum	Panela/Panela	IV
BBARR-08/09-411	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-412	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-413	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-414	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-415	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-416	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-417	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-418	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-419	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-420	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-421	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-422	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-423	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-424	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-425	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-426	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-427	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-428	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-429	C.Comum	Panela	IV

BBARR-08/09-430	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-431	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-432	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-433	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-434	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-435	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-436	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-437	C.Comum	Bilha	IV
BBARR-08/09-438	C.Comum	Grande Contentor	IV
BBARR-08/09-439	C.Comum	Bilha	IV
BBARR-08/09-440	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-441	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-442	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-443	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-444	C.Comum	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-445	C.Comum	Testo	IV
BBARR-08/09-446	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-447	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-448	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-449	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-450	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-451	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-452	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-453	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-454	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-455	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-456	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-457	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-458	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-459	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-460	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-461	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-462	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-463	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-464	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-465	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-466	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-467	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-468	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-469	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-470	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-471	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-472	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-473	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-474	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-475	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-476	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-477	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-478	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-479	C.Comum	Panela	IV

BBARR-08/09-480	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-481	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-482	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-483	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-484	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-485	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-486	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-487	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-488	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-489	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-490	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-491	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-492	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-493	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-494	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-495	C.Comum	Pote	IV
BBARR-08/09-496	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-497	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-498	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-499	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-500	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-501	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-502	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-503	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-504	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-505	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-506	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-507	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-508	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-509	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-510	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-511	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-512	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-513	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-514	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-515	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-516	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-517	C.Comum	Grande Contentor	IV
BBARR-08/09-518	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-519	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-520	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-521	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-522	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-523	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-524	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-525	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-526	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-527	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-528	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-529	C.Comum	Panela	IV

BBARR-08/09-530	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-531	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-532	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-533	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-534	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-535	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-536	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-537	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-538	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-539	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-540	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-541	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-542	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-543	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-544	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-545	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-546	C.Comum	Taça	IV
BBARR-08/09-547	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-548	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-549	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-550	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-551	C.Comum	Prato	IV
BBARR-08/09-552	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-553	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-554	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-555	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-556	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-557	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-558	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-559	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-560	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-561	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-562	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-563	C.Comum	Cântaro	IV
BBARR-08/09-564	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-565	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-566	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-567	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-568	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-569	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-570	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-571	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-572	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-573	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-574	C.Comum	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-575	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-576	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-577	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-578	C.Comum	Púcaro	IV
BBARR-08/09-579	C.Comum	Púcaro	IV

BBARR-08/09-580	C.Comum	Panela	IV
BBARR-08/09-581	C.Comum	Frigideira	IV
BBARR-08/09-582	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-583	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-584	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-585	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-586	C.Comum	Grande Contentor	III
BBARR-08/09-587	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-588	C.Comum	Grande contentor	III
BBARR-08/09-589	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-590	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-591	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-592	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-593	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-594	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-595	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-596	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-597	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-598	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-599	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-600	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-601	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-602	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-603	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-604	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-605	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-606	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-607	C.Comum	Cântaro	III
BBARR-08/09-608	C.Comum	Grande Contentor	III
BBARR-08/09-609	C.Comum	Cântaro	III
BBARR-08/09-610	C.Comum	Cântaro	III
BBARR-08/09-611	C.Comum	Prato	III
BBARR-08/09-612	C.Comum	Prato	III
BBARR-08/09-613	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-614	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-615	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-616	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-617	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-618	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-619	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-620	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-621	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-622	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-623	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-624	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-625	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-626	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-627	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-628	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-629	C.Comum	Púcaro	III

BBARR-08/09-630	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-631	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-632	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-633	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-634	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-635	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-636	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-637	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-638	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-639	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-640	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-641	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-642	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-643	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-644	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-645	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-646	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-647	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-648	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-649	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-650	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-651	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-652	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-653	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-654	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-655	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-656	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-657	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-658	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-659	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-660	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-661	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-662	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-663	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-664	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-665	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-666	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-667	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-668	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-669	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-670	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-671	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-672	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-673	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-674	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-675	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-676	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-677	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-678	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-679	C.Comum	Púcaro	III

BBARR-08/09-680	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-681	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-682	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-683	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-684	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-685	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-686	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-687	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-688	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-689	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-690	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-691	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-692	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-693	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-694	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-695	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-696	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-697	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-698	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-699	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-700	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-701	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-702	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-703	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-704	C.Comum	Frigideira?	III
BBARR-08/09-705	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-706	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-707	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-708	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-709	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-710	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-711	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-712	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-713	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-714	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-715	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-716	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-717	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-718	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-719	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-720	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-721	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-722	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-723	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-724	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-725	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-726	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-727	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-728	C.Comum	Bilha	III
BBARR-08/09-729	C.Comum	Taça	III

BBARR-08/09-730	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-731	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-732	C.Comum	Frigideira	III
BBARR-08/09-733	C.Comum	Prato	III
BBARR-08/09-734	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-735	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-736	C.Comum	Cântaro	III
BBARR-08/09-737	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-738	C.Comum	Pote	III
BBARR-08/09-739	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-740	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-741	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-742	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-743	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-744	C.Comum	Cântaro	III
BBARR-08/09-745	C.Comum	Taça pequena	III
BBARR-08/09-746	C.Comum	Testo	III
BBARR-08/09-747	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-748	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-749	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-750	C.Comum	Prato	III
BBARR-08/09-751	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-752	C.Comum	Panela	III
BBARR-08/09-753	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-754	C.Comum	Taça	III
BBARR-08/09-755	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-756	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-757	C.Comum	Púcaro	III
BBARR-08/09-758	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-759	C.Comum	Indeterminada	III
BBARR-08/09-760	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-760	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-761	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-762	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-763	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-764	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-765	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-766	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-767	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-768	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-769	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-770	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-771	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-772	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-773	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-774	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-775	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-776	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-777	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-778	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-779	C.Comum	Cântaro	II
BBARR-08/09-780	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-781	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-782	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-783	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-784	C.Comum	Frigideira	II
BBARR-08/09-785	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-786	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-787	C.Comum	Frigideira	II
BBARR-08/09-788	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-789	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-790	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-791	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-792	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-793	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-794	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-795	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-796	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-797	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-798	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-799	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-800	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-801	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-802	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-803	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-804	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-805	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-806	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-807	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-808	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-809	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-810	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-811	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-812	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-813	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-814	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-815	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-816	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-817	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-818	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-819	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-820	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-821	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-822	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-823	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-824	C.Comum	Contentor	II
BBARR-08/09-825	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-826	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-827	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-828	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-829	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-830	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-831	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-832	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-833	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-834	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-835	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-836	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-837	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-838	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-839	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-840	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-841	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-842	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-843	C.Comum	Grande contentor	II
BBARR-08/09-844	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-845	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-846	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-847	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-848	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-849	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-850	C.Comum	Grande contentor	II
BBARR-08/09-851	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-852	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-853	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-854	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-855	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-856	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-857	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-858	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-859	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-860	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-861	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-862	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-863	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-864	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-865	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-866	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-867	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-868	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-869	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-870	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-871	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-872	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-873	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-874	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-875	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-876	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-877	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-878	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-879	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-880	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-881	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-882	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-883	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-884	C.Comum	Pote pequeno	II
BBARR-08/09-885	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-886	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-887	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-888	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-889	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-890	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-891	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-892	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-893	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-894	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-895	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-896	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-897	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-898	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-899	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-900	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-901	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-902	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-903	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-904	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-905	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-906	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-907	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-908	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-909	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-910	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-911	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-912	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-913	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-914	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-915	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-916	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-917	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-918	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-919	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-920	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-921	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-922	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-923	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-924	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-925	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-926	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-927	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-928	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-929	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-930	C.Comum	Pote	II
BBARR-08/09-931	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-932	C.Comum	Jarro	II
BBARR-08/09-933	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-	C.Comum		II
BBARR-08/09-2504	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-2505	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-2506	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-2507	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-934	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-935	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-936	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-937	C.Comum	Taça/Panela	II
BBARR-08/09-938	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-939	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-940	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-941	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-942	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-943	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-944	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-945	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-946	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-947	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-948	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-949	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-950	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-951	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-952	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-953	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-954	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-955	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-956	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-957	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-958	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-959	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-960	C.Comum	?	II
BBARR-08/09-961	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-962	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-963	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-964	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-965	C.Comum	Panela?	II
BBARR-08/09-966	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-967	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-968	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-969	C.Comum	Panela/Panela	II
BBARR-08/09-970	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-971	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-972	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-973	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-974	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-975	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-976	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-977	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-978	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-979	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-980	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-981	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-982	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-983	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-984	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-985	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-986	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-987	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-988	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-989	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-990	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-991	C.Comum	Jarrinha	II
BBARR-08/09-992	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-993	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-994	C.Comum	Panela	II
BBARR-08/09-995	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-996	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-997	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-998	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-999	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1000	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1001	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1002	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1003	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1004	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1005	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1006	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1007	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1008	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1009	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1010	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1011	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1012	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1013	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1014	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1015	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1016	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1017	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1018	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1019	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1020	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1021	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1022	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1023	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-1024	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1025	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1026	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1027	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1028	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1029	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1030	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1031	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1032	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1033	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1034	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1035	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1036	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1037	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1038	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1039	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1040	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1041	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1042	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1043	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1044	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1045	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1046	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1047	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1048	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1049	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1050	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1051	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1052	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1053	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1054	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1055	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1056	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1057	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1058	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1059	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1060	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1061	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1062	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1063	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1064	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1065	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1066	C.Comum	Taça	II
BBARR-08/09-1067	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1068	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1069	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1070	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1071	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1072	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1073	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-1074	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1075	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1076	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1077	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1078	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1079	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1080	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1081	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1082	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1083	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1084	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1085	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1086	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1087	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1088	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1089	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1090	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1091	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1092	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1093	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1094	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1095	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1096	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1097	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1098	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1099	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1100	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1101	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1102	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1103	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1104	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1105	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1106	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1107	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1108	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1109	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1110	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1111	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1112	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1113	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1114	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1115	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1116	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1117	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1118	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1119	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1120	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1121	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1122	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1123	C.Comum	Prato	II

BBARR-08/09-1124	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1125	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1126	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1127	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1128	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1129	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1130	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1131	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1132	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1133	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1134	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1135	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1136	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1137	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1138	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1139	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1140	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1141	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1142	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1143	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1144	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1145	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1146	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1147	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1148	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1149	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1150	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1151	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1152	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1153	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1154	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1155	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1156	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1157	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1158	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1159	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1160	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1161	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1162	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1163	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1164	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1165	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1166	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1167	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1168	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1169	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1170	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1171	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1172	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1173	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-1174	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1175	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1176	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1177	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1178	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1179	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1180	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1181	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1182	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1183	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1184	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1185	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1186	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1187	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1188	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1189	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1190	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1191	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1192	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1193	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1194	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1195	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1196	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1197	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1198	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1199	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1200	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1201	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1202	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1203	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1204	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1205	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1206	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1207	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1208	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1209	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1210	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1211	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1212	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1213	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1214	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1215	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1216	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1217	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1218	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1219	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1220	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1221	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1222	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1223	C.Comum	Indeterminada	II

BBARR-08/09-1224	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1225	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1226	C.Comum	Prato	II
BBARR-08/09-1227	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1228	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1229	C.Comum	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1230	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1231	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1232	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1233	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1234	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1235	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1236	C. Comum	Taça	I
BBARR-08/09-1237	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1238	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1239	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1240	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1241	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1242	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1243	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1244	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1245	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1246	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1247	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1248	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1249	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1250	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1251	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1252	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1253	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1254	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1255	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1256	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1257	C. Comum	Frigideira	I
BBARR-08/09-1258	C. Comum	Panela	I
BBARR-08/09-1259	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1260	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1261	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1262	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1263	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1264	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1265	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1266	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1267	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1268	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1269	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1270	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1271	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1272	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1273	C. Comum	Indeterminada	I

BBARR-08/09-1274	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1275	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1276	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1277	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1278	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1279	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1280	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1281	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1282	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1283	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1284	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1285	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1286	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1287	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1288	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1289	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1290	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1291	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1292	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1293	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1294	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1295	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1296	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1297	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1298	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1299	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1300	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1301	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1302	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1303	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1304	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1305	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1306	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1307	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1308	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1309	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1310	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1311	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1312	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1313	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1314	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1315	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1316	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1317	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1318	C. Comum	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1576	C. Vidrada	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-1577	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1578	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1579	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1580	C. Vidrada	Alguidar	IV

BBARR-08/09-1581	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1582	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1583	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1584	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1585	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1586	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1587	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1588	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1589	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1590	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1591	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1592	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1593	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1594	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1595	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1596	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1597	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1598	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1599	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1600	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1601	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1602	C. Vidrada	Taça	IV
BBARR-08/09-1603	C. Vidrada	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1604	C. Vidrada	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1605	C. Vidrada	Taça	IV
BBARR-08/09-1606	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1607	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1608	C. Vidrada	Taça	IV
BBARR-08/09-1609	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1610	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1611	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1612	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1613	C. Vidrada	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1614	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1615	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1616	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1617	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1618	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1619	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1620	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1621	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1622	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1623	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1624	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1625	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1626	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1627	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1628	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1629	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1630	C. Vidrada	Pote	IV

BBARR-08/09-1631	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1632	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1633	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1634	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1635	C. Vidrada	Taça	IV
BBARR-08/09-1636	C. Vidrada	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1637	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1638	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1639	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1640	C. Vidrada	Taça	IV
BBARR-08/09-1641	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1642	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1643	C. Vidrada	Pequeno pote	IV
BBARR-08/09-1644	C. Vidrada	Pequeno pote	IV
BBARR-08/09-1645	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1646	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1647	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1648	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1649	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1650	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1651	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1652	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1653	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1654	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1655	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1656	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1657	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1658	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1659	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1660	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1661	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1662	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1663	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1664	C. Vidrada	Vaso de quarto	IV
BBARR-08/09-1665	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1666	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1667	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1668	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1669	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1670	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1671	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1672	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1673	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1674	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1675	C. Vidrada	Panela	IV
BBARR-08/09-1676	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1677	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1678	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1679	C. Vidrada	Alguidar	IV
BBARR-08/09-1680	C. Vidrada	Alguidar	IV

BBARR-08/09-1681	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1682	C. Vidrada	Pote	IV
BBARR-08/09-1683	C. Vidrada	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1684	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1685	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1686	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1687	C. Vidrada	Frigideira	III
BBARR-08/09-1688	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1689	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1690	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1691	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1692	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1693	C. Vidrada	Taça	III
BBARR-08/09-1694	C. Vidrada	Taça	III
BBARR-08/09-1695	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1696	C. Vidrada	Indeterminada	III
BBARR-08/09-1697	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1698	C. Vidrada	Taça	III
BBARR-08/09-1699	C. Vidrada	Taça	III
BBARR-08/09-1700	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1701	C. Vidrada	Alguidar	III
BBARR-08/09-1702	C. Vidrada	Pote	III
BBARR-08/09-1703	C. Vidrada	Indeterminada	III
BBARR-08/09-1704	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1705	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1706	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1707	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1708	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1709	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1710	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1711	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1712	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1713	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1714	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1715	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1716	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1717	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1718	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1719	C. Vidrada	Frigideira	II
BBARR-08/09-1720	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1721	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1722	C. Vidrada	Pote/Panela	II
BBARR-08/09-1723	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1724	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1725	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1726	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1727	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1728	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1729	C. Vidrada	Panela	II
BBARR-08/09-1730	C. Vidrada	Alguidar	II

BBARR-08/09-1731	C. Vidrada	Frigideira	II
BBARR-08/09-1732	C. Vidrada	Alguidar pequeno	II
BBARR-08/09-1733	C. Vidrada	Frigideira	II
BBARR-08/09-1734	C. Vidrada	Frigideira	II
BBARR-08/09-1735	C. Vidrada	Frigideira	II
BBARR-08/09-1736	C. Vidrada	Taça	II
BBARR-08/09-1737	C. Vidrada	Taça	II
BBARR-08/09-1738	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1739	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1740	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1741	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1742	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1743	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1744	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1745	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1746	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1747	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1748	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1749	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1750	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1751	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1752	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1753	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1754	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1755	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1756	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1757	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1758	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1759	C. Vidrada	Taça	II
BBARR-08/09-1760	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1761	C. Vidrada	Vaso de quarto	II
BBARR-08/09-1762	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1763	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1764	C. Vidrada	Vaso de quarto	II
BBARR-08/09-1765	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1766	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1767	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1768	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1769	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1770	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1771	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1772	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1773	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1774	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1775	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1776	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1777	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1778	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1779	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1780	C. Vidrada	Alguidar	II

BBARR-08/09-1781	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1782	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1783	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1784	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1785	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1786	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1787	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1788	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1789	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1790	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1791	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1792	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1793	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1794	C. Vidrada	Indeterminada	II
BBARR-08/09-1795	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1796	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1797	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1798	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1799	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1800	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1801	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1802	C. Vidrada	Pote	II
BBARR-08/09-1803	C. Vidrada	Alguidar	II
BBARR-08/09-1804	C. Vidrada	Panela	I
BBARR-08/09-1805	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1806	C. Vidrada	Vaso de quarto	I
BBARR-08/09-1807	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1808	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1809	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1810	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1811	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1812	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1813	C. Vidrada	Indeterminada	I
BBARR-08/09-1814	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1815	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1816	C. Vidrada	Taça	I
BBARR-08/09-1817	C. Vidrada	Frigideira	I
BBARR-08/09-1818	C. Vidrada	Taça	I
BBARR-08/09-1819	C. Vidrada	Frigideira	I
BBARR-08/09-1820	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1821	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1822	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1823	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1824	C. Vidrada	Pote	I
BBARR-08/09-1825	C. Vidrada	Prato	I
BBARR-08/09-1855	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1856	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1857	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1858	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1859	C. Vidrada	Alguidar	I

BBARR-08/09-1860	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1861	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1862	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1863	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1864	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1865	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1866	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1867	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1868	C. Vidrada	Alguidar	I
BBARR-08/09-1869	C. Vidrada	Frigideira	I
BBARR-08/09-1870	C. Vidrada	Frigideira	I
BBARR-08/09-2038	Faiança	Pote	IV
BBARR-08/09-2039	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2040	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2041	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2042	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2043	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2044	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2045	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2046	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2047	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2048	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2049	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2050	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2051	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2052	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2053	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2054	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2055	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2056	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2057	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2058	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2059	Faiança	Taça pequena	IV
BBARR-08/09-2060	Faiança	Pote	IV
BBARR-08/09-2061	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2062	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2063	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2064	Faiança	Taça pequena	IV
BBARR-08/09-2065	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2066	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2067	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2068	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2069	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2070	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2071	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2072	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2073	Faiança	Pote	IV
BBARR-08/09-2074	Faiança	Garrafa	IV
BBARR-08/09-2075	Faiança	Garrafa	IV
BBARR-08/09-2076	Faiança	Taça	IV

BBARR-08/09-2077	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2078	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2079	Faiança	Jarra	IV
BBARR-08/09-2080	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2081	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2082	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2083	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2084	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2085	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2086	Faiança	Pote	IV
BBARR-08/09-2087	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2088	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2089	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2090	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2091	Faiança	Testo	IV
BBARR-08/09-2092	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2093	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2094	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2095	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2096	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2097	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2098	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2099	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2100	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2101	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2102	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2103	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2104	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2105	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2106	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2107	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2108	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2109	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2110	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2111	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2112	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2113	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2114	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2115	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2116	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2117	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2118	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2119	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2120	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2121	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2122	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2123	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2124	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2125	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2126	Faiança	Prato	IV

BBARR-08/09-2127	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2128	Faiança	Taça grande	IV
BBARR-08/09-2129	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2130	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2131	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2132	Faiança	Garrafa	IV
BBARR-08/09-2133	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2134	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2135	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2136	Faiança	Taça pequena	IV
BBARR-08/09-2137	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2138	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2139	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2140	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2141	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2142	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2143	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2144	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2145	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2146	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2147	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2148	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2149	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2150	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2151	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2152	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2153	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2154	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2155	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2156	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2157	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2158	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2159	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2160	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2161	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2162	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2163	Faiança	Pote	IV
BBARR-08/09-2164	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2165	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2166	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2167	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2168	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2169	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2170	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2171	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2172	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2173	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2174	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2175	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2176	Faiança	Prato pequeno	IV

BBARR-08/09-2177	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2178	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2179	Faiança	Escudela	IV
BBARR-08/09-2180	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2181	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2182	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2183	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2184	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2185	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2186	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2187	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2188	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2189	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2190	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2191	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2192	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2193	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2194	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2195	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2196	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2197	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2198	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2199	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2200	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2201	Faiança	Escudela	IV
BBARR-08/09-2202	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2203	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2204	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2205	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2206	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2207	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2208	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2209	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2210	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2211	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2212	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2213	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2214	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2215	Faiança	Taça pequena	IV
BBARR-08/09-2216	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2217	Faiança	Prato pequeno	IV
BBARR-08/09-2218	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2219	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2220	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2221	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2222	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2223	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2224	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2225	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2226	Faiança	Prato	IV

BBARR-08/09-2227	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2228	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2229	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2230	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2231	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2232	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2233	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2234	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2235	Faiança	Jarra	IV
BBARR-08/09-2236	Faiança	Jarra	IV
BBARR-08/09-2237	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2238	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2239	Faiança	Indeterminada	IV
BBARR-08/09-2240	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2241	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2242	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2243	Faiança	Escudela	IV
BBARR-08/09-2244	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2245	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2246	Faiança	Taça	IV
BBARR-08/09-2247	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2248	Faiança	Prato covo	IV
BBARR-08/09-2249	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2250	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2251	Faiança	Prato	IV
BBARR-08/09-2252	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2253	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2254	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2255	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2256	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2257	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2258	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2259	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2260	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2261	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2262	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2263	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2264	Faiança	Indeterminada	III
BBARR-08/09-2265	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2266	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2267	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2268	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2269	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2270	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2271	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2272	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2273	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2274	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2275	Faiança	Prato covo	III
BBARR-08/09-2276	Faiança	Prato	III

BBARR-08/09-2277	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2278	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2279	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2280	Faiança	Garrafa	III
BBARR-08/09-2281	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2282	Faiança	Prato pequeno	III
BBARR-08/09-2283	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2284	Faiança	Prato pequeno	III
BBARR-08/09-2285	Faiança	Taça pequena	III
BBARR-08/09-2286	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2287	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2288	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2289	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2290	Faiança	Prato pequeno	III
BBARR-08/09-2291	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2292	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2293	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2294	Faiança	Escudela	III
BBARR-08/09-2295	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2296	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2297	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2298	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2299	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2300	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2301	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2302	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2303	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2304	Faiança	Escudela	III
BBARR-08/09-2305	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2306	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2307	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2308	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2309	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2310	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2311	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2312	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2313	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2314	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2315	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2316	Faiança	Garrafa	III
BBARR-08/09-2317	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2318	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2319	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2320	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2321	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2322	Faiança	Prato	III
BBARR-08/09-2323	Faiança	Taça	III
BBARR-08/09-2324	Faiança	Indeterminada	III
BBARR-08/09-2325	Faiança	Taça alta	II
BBARR-08/09-2326	Faiança	Taça	II

BBARR-08/09-2327	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2328	Faiança	Indeterminada	II
BBARR-08/09-2329	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2330	Faiança	Pote	II
BBARR-08/09-2331	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2332	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2333	Faiança	Taça	II
BBARR-08/09-2334	Faiança	Taça alta	II
BBARR-08/09-2335	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2336	Faiança	Taça	II
BBARR-08/09-2337	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2338	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2339	Faiança	Indeterminada	II
BBARR-08/09-2340	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2341	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2342	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2343	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2344	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2345	Faiança	Escudela	II
BBARR-08/09-2346	Faiança	Prato	II
BBARR-08/09-2347	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2348	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2349	Faiança	Taça	I
BBARR-08/09-2350	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2351	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2352	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2353	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2354	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2355	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2356	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2357	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2358	Faiança	Taça alta	I
BBARR-08/09-2359	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2360	Faiança	Taça alta	I
BBARR-08/09-2361	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2362	Faiança	Taça	I
BBARR-08/09-2363	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2364	Faiança	Taça	I
BBARR-08/09-2365	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2366	Faiança	Taça	I
BBARR-08/09-2367	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2368	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2369	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2370	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2371	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2372	Faiança	Escudela	I
BBARR-08/09-2373	Faiança	Taça	I
BBARR-08/09-2374	Faiança	Prato	I
BBARR-08/09-2375	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2376	Faiança	Indeterminada	I

BBARR-08/09-2377	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2378	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2379	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2380	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2381	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2382	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2383	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2384	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2385	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2386	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2387	Faiança	Indeterminada	I
BBARR-08/09-2451	Porcelana	Prato	IV
BBARR-08/09-2452	Porcelana	Taça	IV
BBARR-08/09-2453	Porcelana	Prato	IV
BBARR-08/09-2454	Porcelana	Prato	IV
BBARR-08/09-2455	Porcelana	Prato	IV
BBARR-08/09-2456	Porcelana	Prato	IV
BBARR-08/09-2457	Porcelana	Prato	III
BBARR-08/09-2458	Porcelana	Prato	III
BBARR-08/09-2459	Porcelana	Taça	II
BBARR-08/09-2460	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2461	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2462	Porcelana	Taça	II
BBARR-08/09-2463	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2464	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2465	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2466	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2467	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2468	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2469	Porcelana	Taça	II
BBARR-08/09-2470	Porcelana	Taça	II
BBARR-08/09-2471	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2472	Porcelana	Prato	II
BBARR-08/09-2473	Porcelana	Taça	II
BBARR-08/09-2474	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2475	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2476	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2477	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2478	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2479	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2480	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2481	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2482	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2483	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2484	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2485	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2486	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2487	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2488	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2489	Porcelana	Prato	I

BBARR-08/09-2490	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2491	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2492	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2493	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2494	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2495	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2496	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2497	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2498	Porcelana	Taça	I
BBARR-08/09-2499	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-2500	Porcelana	Prato	I
BBARR-08/09-1827	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1828	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1829	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1830	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1831	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1832	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1833	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1834	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1835	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1836	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1837	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1838	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1839	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1840	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1841	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1842	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1843	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1844	C. Manual	Frigideira	IV
BBARR-08/09-1845	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1846	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1847	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1848	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1849	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1850	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1851	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-1852	C. Manual	Copo	IV
BBARR-08/09-1853	C. Manual	Panela	IV
BBARR-08/09-2503	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2504	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2505	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2506	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2507	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2508	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2509	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2510	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2511	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2512	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2513	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2514	Grês	Cachimbo	IV

BBARR-08/09-2515	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2516	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2517	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2518	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2519	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2520	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2521	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2522	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2523	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2524	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2525	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2526	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2527	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2528	Grês	Cachimbo	III
BBARR-08/09-2529	Grês	Cachimbo	II
BBARR-08/09-2530	Grês	Cachimbo	II
BBARR-08/09-2531	Grês	Cachimbo	II
BBARR-08/09-2532	Grês	Cachimbo	II
BBARR-08/09-2533	C. Comum	Cachimbo	II
BBARR-08/09-2534	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2535	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2536	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2537	Grês	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2538	C. Comum	Cachimbo	IV
BBARR-08/09-2583	Vidro	Copo	II
BBARR-08/09-2584	Vidro	Garrafa	IV
BBARR-08/09-2585	Metal	Botão	IV
BBARR-08/09-2586	Metal	Botão	IV
BBARR-08/09-2587	Metal	Botão	IV
BBARR-08/09-2588	Metal	Peso de Balança	IV
BBARR-08/09-2589	Metal	Guiso	IV
BBARR-08/09-2590	Metal	Dedal	IV
BBARR-08/09-2591	Cerâmica	Azulejo	IV
BBARR-08/09-2592	Cerâmica	Azulejo	IV
BBARR-08/09-2593	Cerâmica	Azulejo	IV

Apêndice D: Planos de escavação

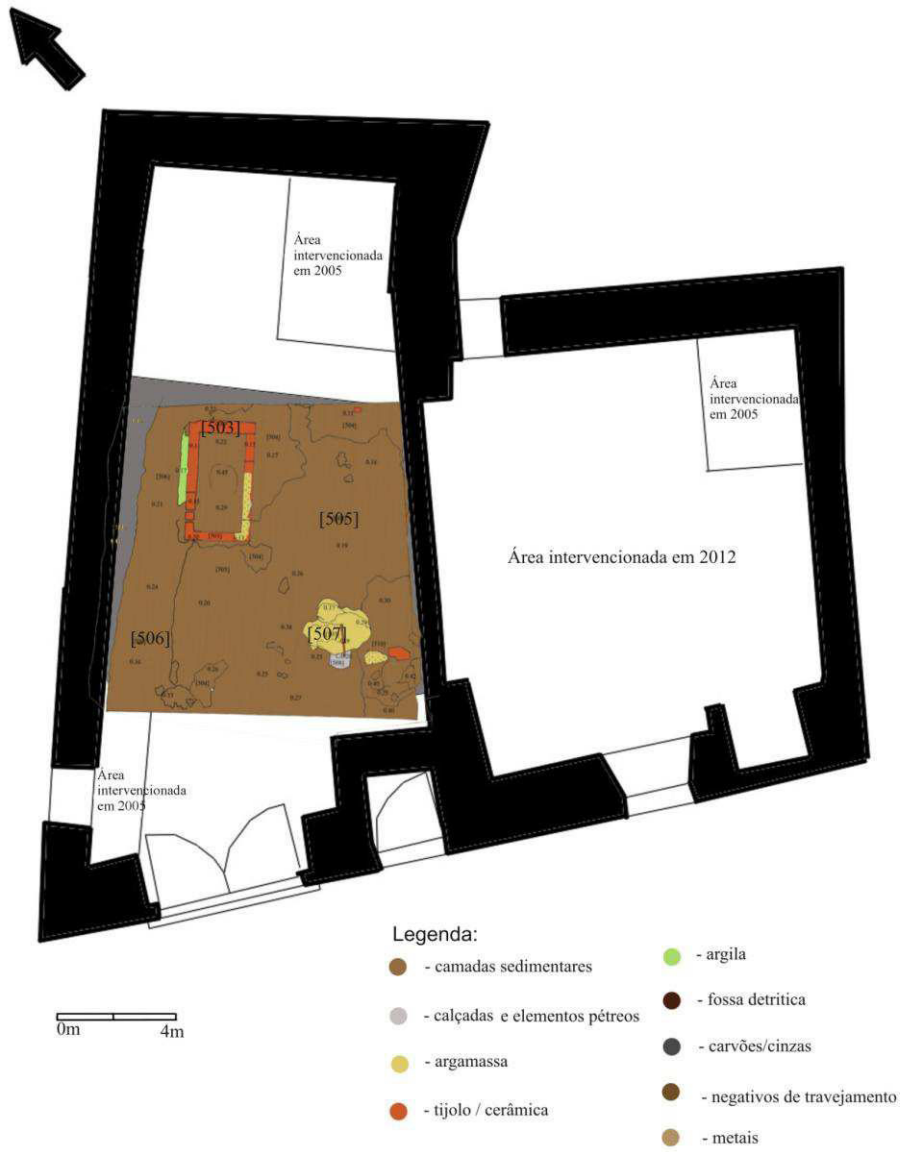


Fig.53. - Plano 1 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

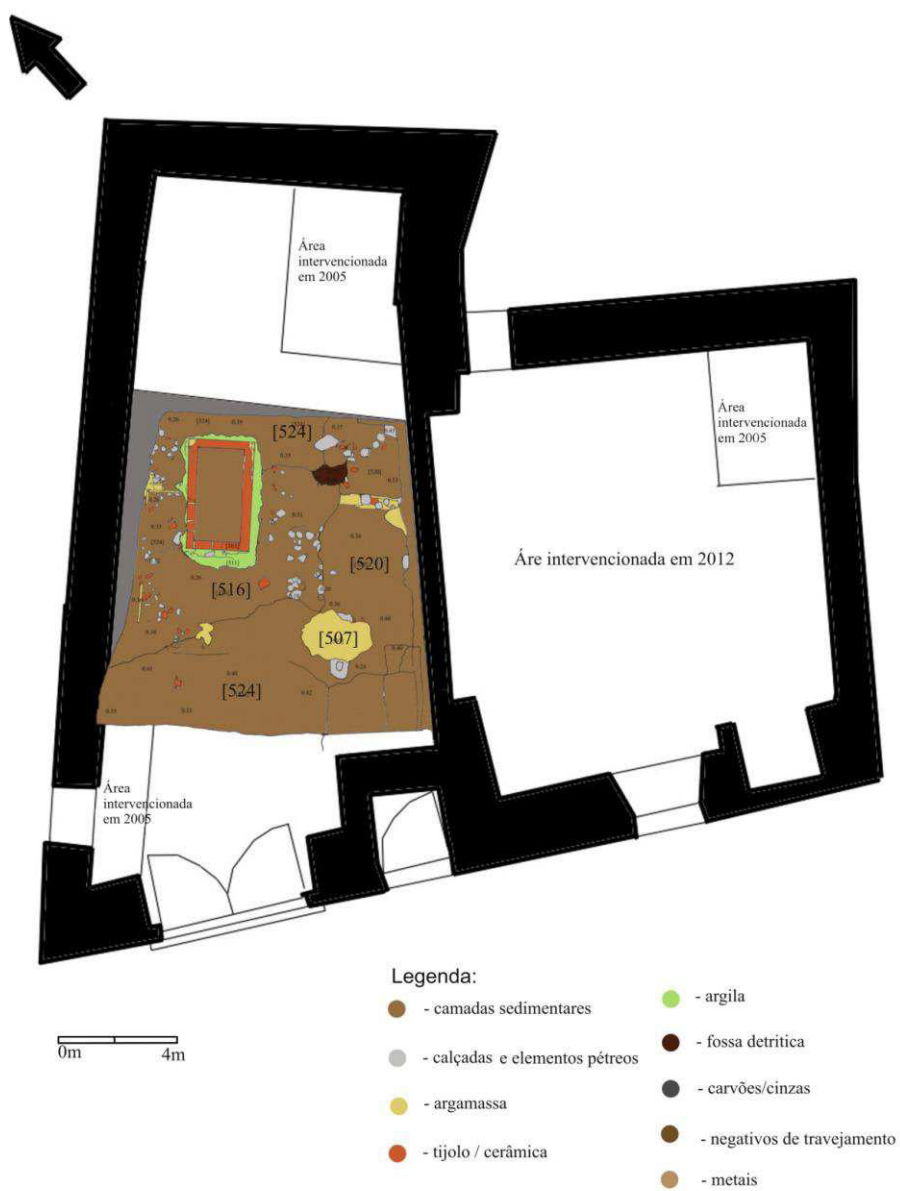


Fig.54. - Plano 2 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

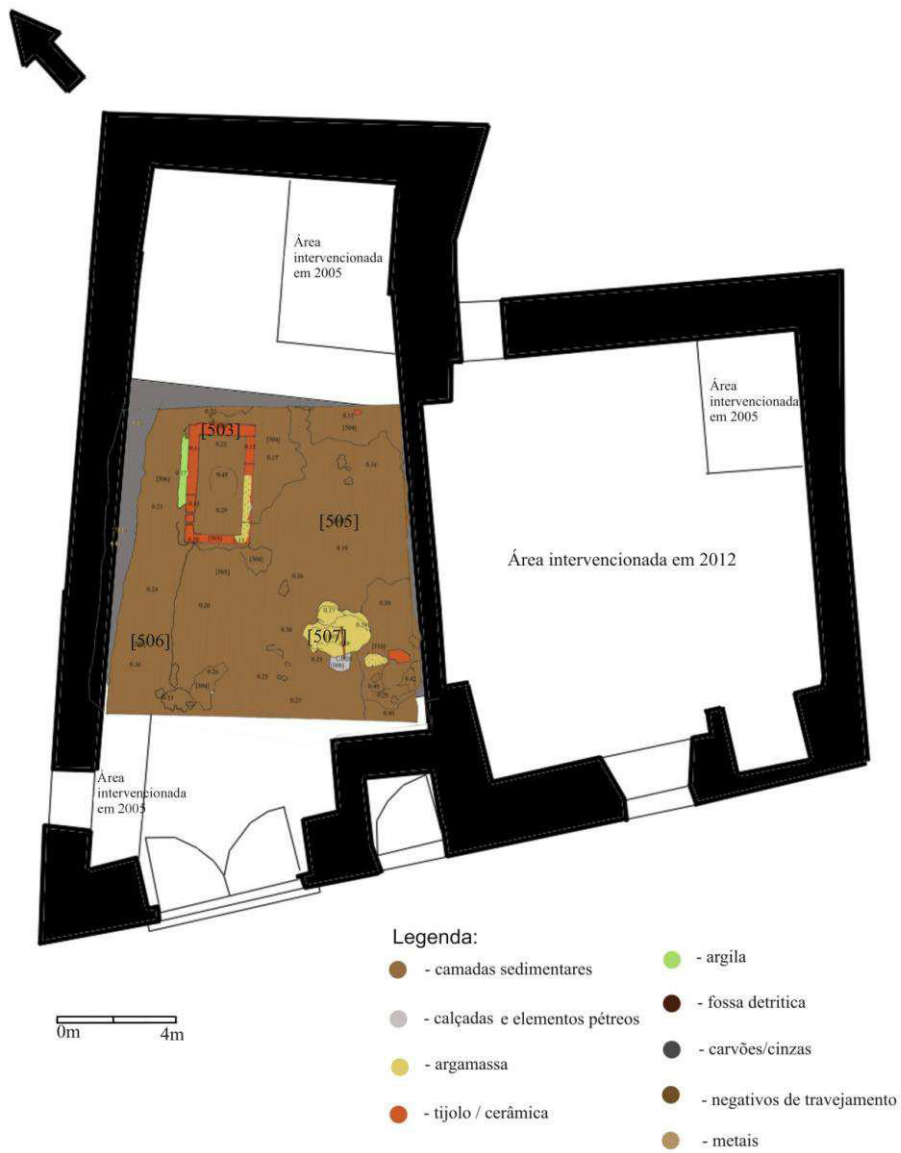


Fig.55. - Plano 3 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

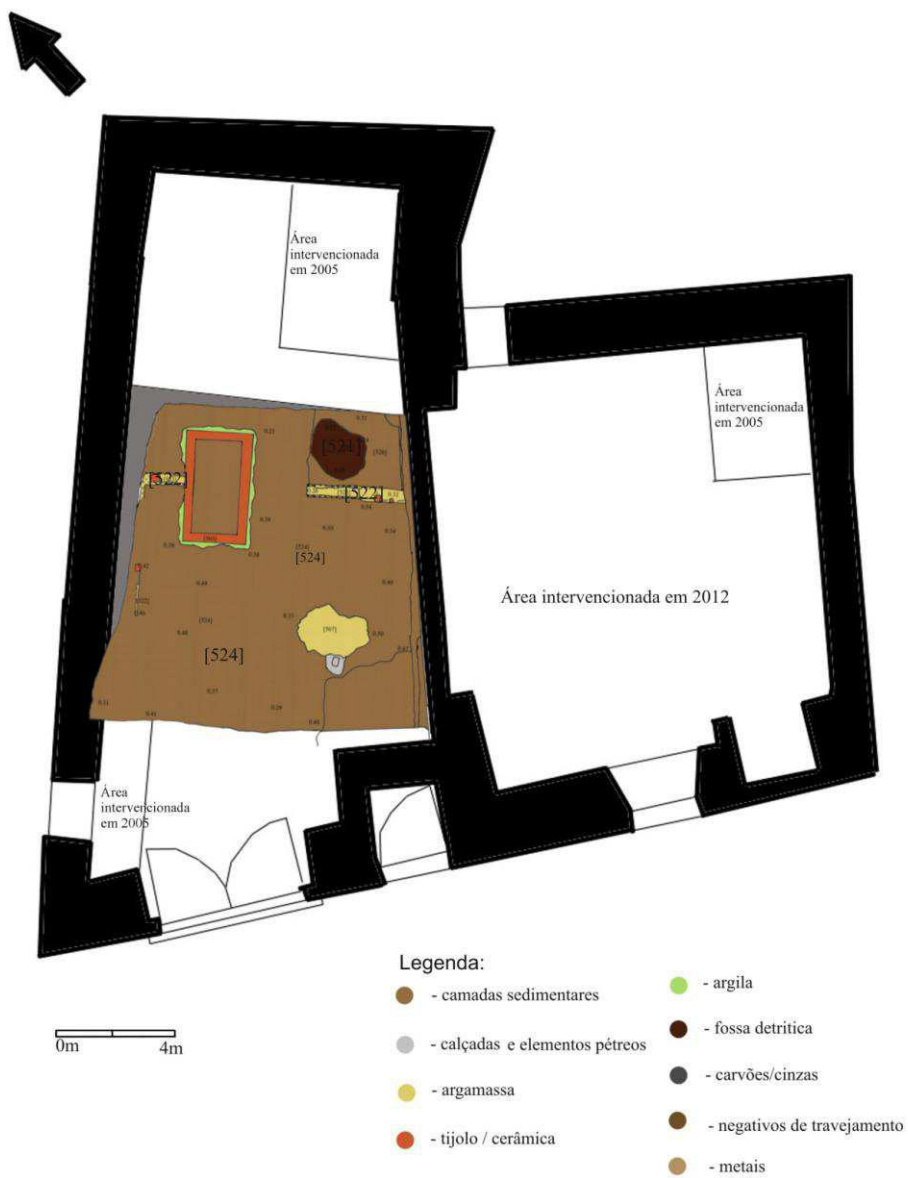


Fig.56. - Plano 4 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

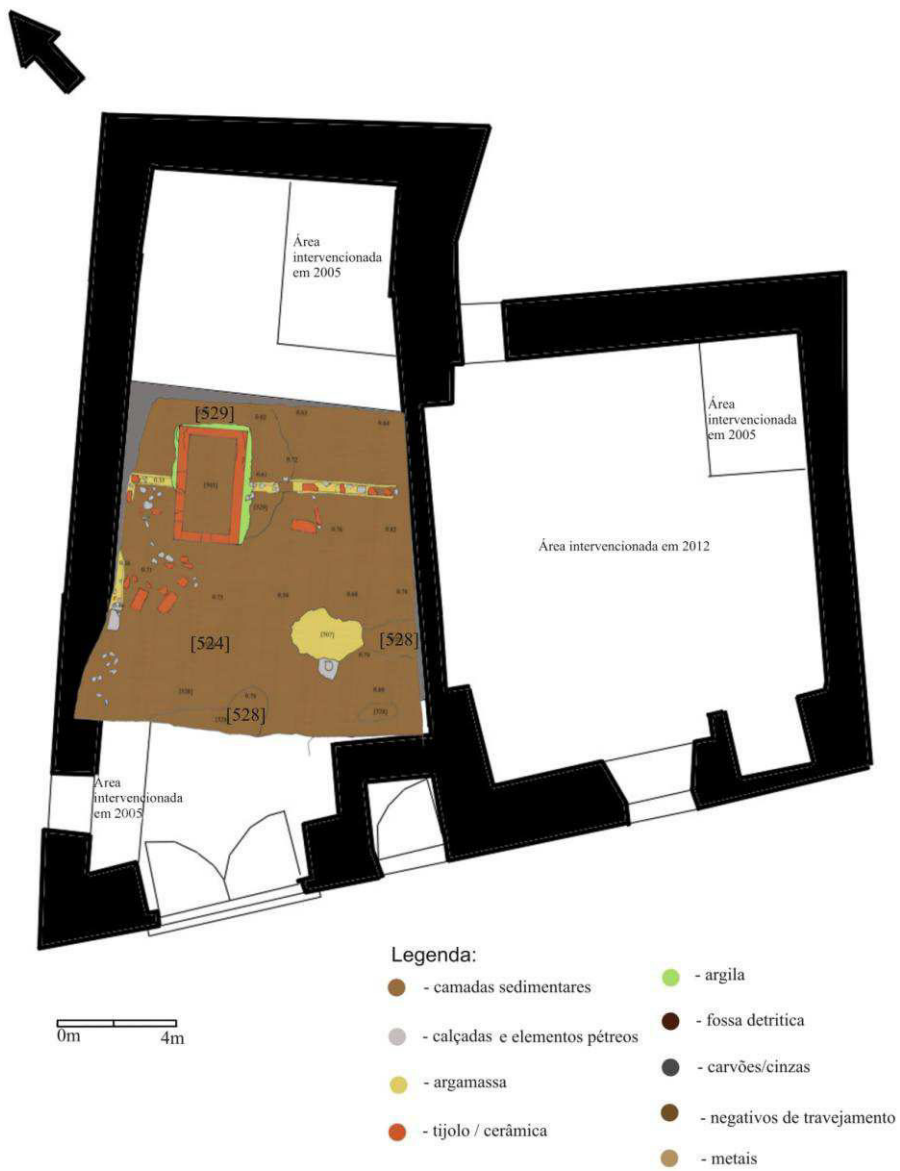


Fig.57. - Plano 5 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

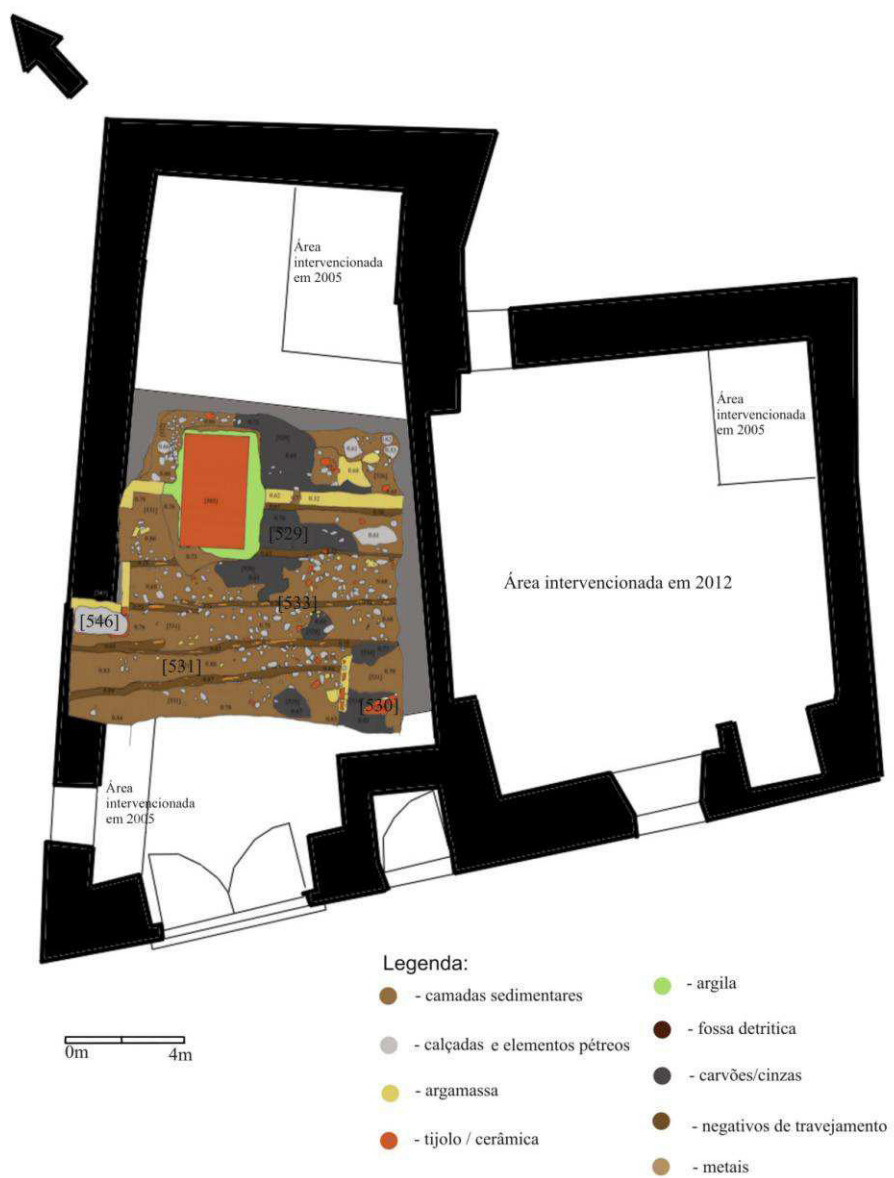


Fig.58. - Plano 6 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

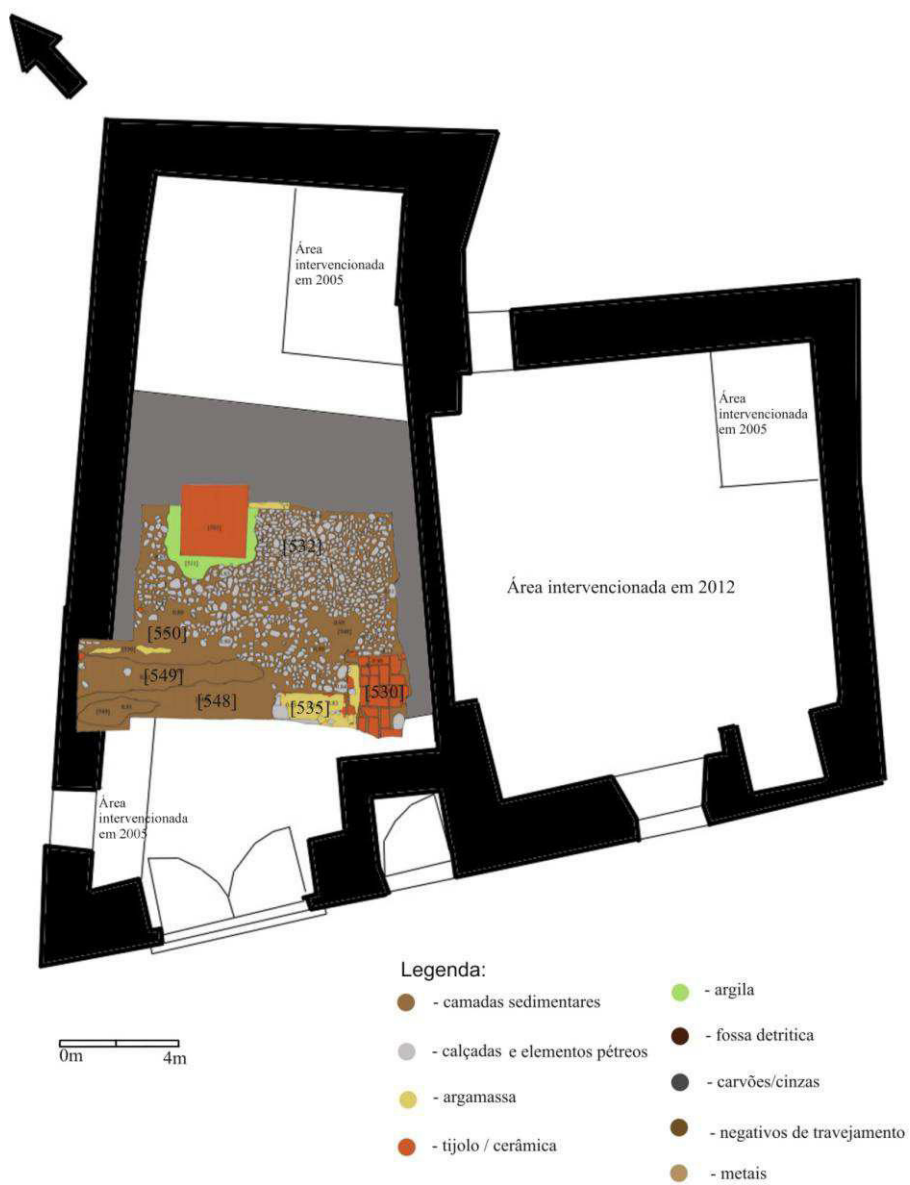


Fig.59. - Plano 7 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

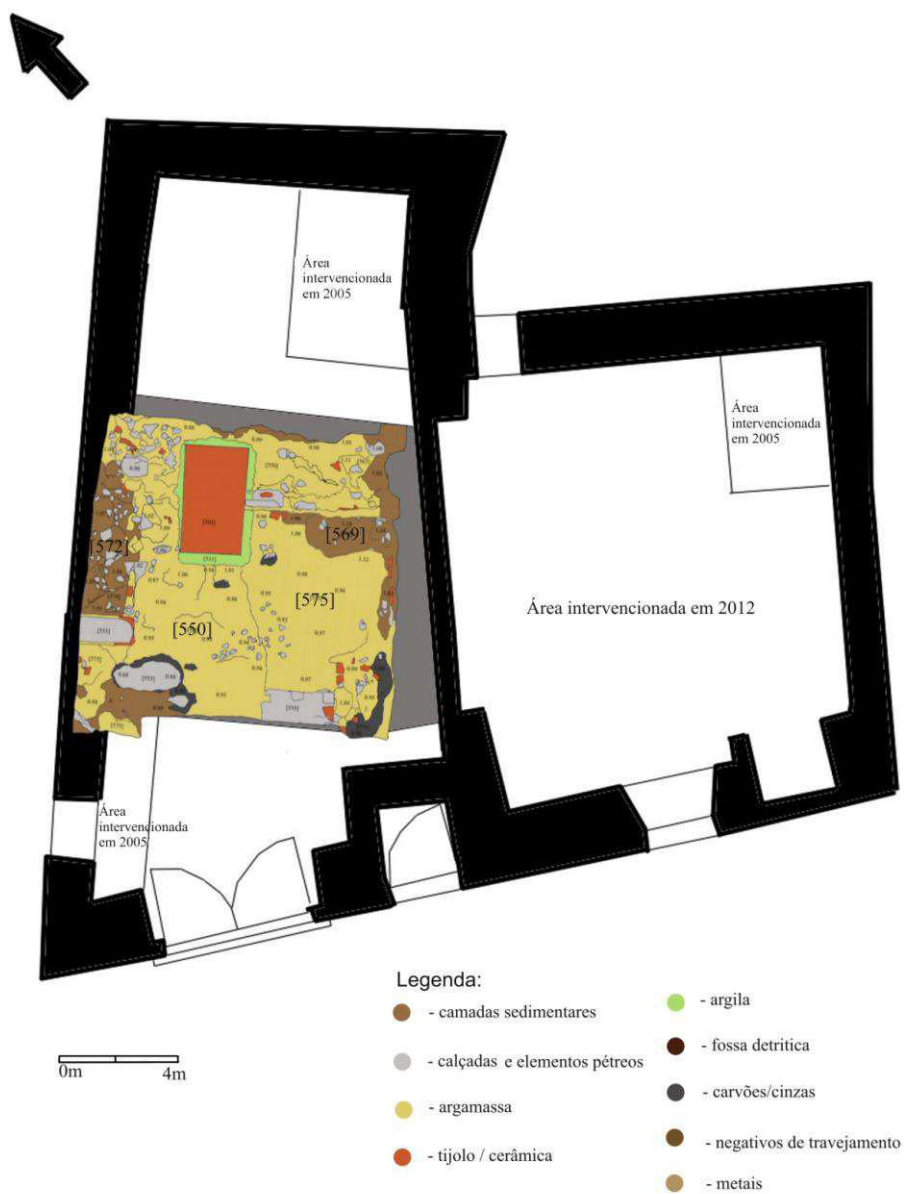


Fig.60. - Plano 8 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).

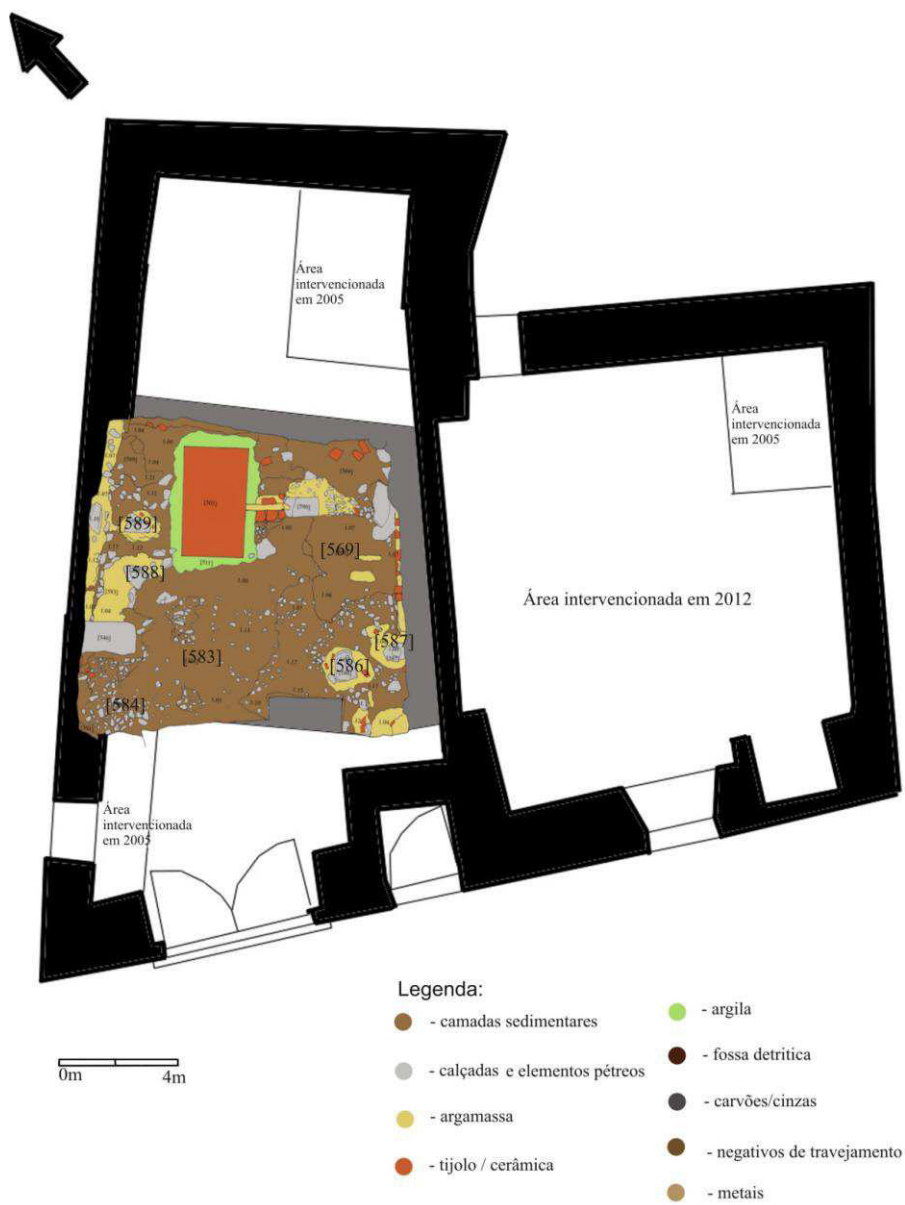


Fig.61. - Plano 9 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).



Fig.62. - Plano 10 da escavação (desenho original de Vasco Vieira).